

Ano 1958

N.º 19

REVISTA
— DO —
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DO
ESTADO DO ESPÍRITO SANTO



VITÓRIA
ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Ano 1958

N.º 19

REVISTA
—DO—
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DO
ESTADO DO ESPÍRITO SANTO



VITÓRIA
ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Advertência

Este número é dedicado, em parte, às comemorações do

- IV Centenário da chegada de Frei Pedro Palácios
ao E. Santo
- Cinquentenário do Govêrno Jerônimo Monteiro
- Sesquicentenário do nascimento do General
Osório

O próximo número da Revista será, em parte, dedicado a Afonso Cláudio de Freitas Rosa — cujo centenário ocorrerá em 1959, já tendo a Comissão da Revista recebido colaboração preciosa, inclusive do consócio Dr. Norbertino Bahiense.

IV Centenário da chegada de Frei Pedro Palácios ao Espírito Santo

1558 1958

Cumprido a rigor o programa das festas — Os romeiros de Nossa Senhora — A procissão marítima conduz o Painei da Virgem a Vila Velha — A bênção da Ermida de S. Francisco — A grande e tradicional Festa da Penha (Dias 6 a 14 de abril de 1958)

Impossível será descrever aqui, nos seus mínimos detalhes, como decorreram as solenidades consagratórias do culto capixaba a Nossa Senhora da Penha, neste ano que coincide com o IV centenário de sua Devoção em terras do Brasil, comemorativo também da chegada de Frei Pedro Palácios ao Espírito Santo.

Do programa traçado para essas comemorações pela Comissão Executiva a cuja frente se pôs, com admirável capacidade de trabalho, Sua Excia. Revma. D. João Batista da Motta e Albuquerque — do programa organizado foram fielmente cumpridas tôdas as solenidades. Desde o Oitavário — iniciado no dia 6 de abril com enorme concorrência de fiéis — até a grande **Festa da Penha** — tudo decorreu conforme estava pre-estabelecido, embora ultrapassasse de muito a tôdas as mais lisongeiras expectativas no que concerne ao entusiasmo e afluência do povo católico às festas.

OS ROMEIROS DE NOSSA SENHORA

Foi indiscutivelmente um espetáculo de alto e profundo sentido cristão a romaria noturna que mais de treze mil fiéis fizeram penitentemente a pé, a partir das 21 horas do dia 12, de Vitória até o Santuário da Penha.

Concentrado o primeiro grupo de romeiros na praça da Catedral desde as 20 horas — partiram dali, precisamente às 21 horas, aproximadamente 3.500 penitentes, à frente dos quais ia Sua Excia. Revma. D. João Batista.

Empunhando velas e lanternas, entoando loas e cânticos religiosos, e igualmente o "Ave" de N. S. da Penha — hino oficial do IV centenário — os fiéis desceram a ladeira Caramurú, em direção à Vila Rubim, de onde, atravessando

as pontes metálicas, passaram ao continente, rumando, a seguir, para Vila Velha.

Durante o percurso, foram os romeiros alvo de carinhosas manifestações e aplausos de fiéis e devotos que se postavam em alas, nas ruas de Vitória, e em São Torquato, Alecrim, Ibes, Glória e Vila Velha.

Da mesma forma, todos os demais grupos das Paróquias da Praia Comprida e Jucutuquara, de Santo Antonio e Vila Rubim (com seus 3.000 romeiros), de Paul e Jardim América — o mais numeroso e compacto — todos palmilharam a longa rodovia Lindenberg, cantando e rezando contritamente, numa impressionante demonstração de fé e confiança no maternal poder da Virgem da Penha.

É digno de ressaltar o trabalho incansável dos religiosos que dirigiram os vários grupos de romeiros, principalmente D. João Batista, cuja palavra paternal e amiga, de conselho, de estímulo e de entusiasmo, foi ouvida e acatada por todos os penitentes em todo o decorrer da longa jornada.

No alto da Penha frente à Capelinha de S. Francisco, celebraram-se missas a que assistiram, de hora em hora, todos os componentes dos grupos penitentes. E foi interminável e numerosa a enorme fileira de fiéis que, durante a celebração das missas, por toda a madrugada, receberam a Hostia Consagrada.

A PROCISSÃO MARÍTIMA

Outro espetáculo magnífico foi a imponente Procissão marítima que se realizou no domingo, pela manhã ensolarada e festiva.

Desde cedo, afluíu o povo para as imediações do Convento de São Francisco, onde já se encontrava colocado em andor especial, o Paineiro da Virgem da Penha — preciosa tela que Frei Palácios para aqui nos trouxe em 1558.

Formados os Colégios do Carmo e Sacré Coeur, organizou-se o préstito, conduzido o andor por fiéis, à frente dos quais caminhavam Sua Excia. o Primeiro Arcebispo do Espírito Santo, e Sua Excia. Revma. Dom João Cavatti, autoridades civis e militares, magistrados, membros de instituições culturais e das Comissões do IV centenário. Com grande acompanhamento de fiéis, a procissão percorreu todo o trajeto predeterminado, a ela aderindo comissões de colégios primários e secundários e o povo, chegando afinal ao cais da Esplanada, ao longo de cuja amurada se postava grande massa popular.

Conduzido o andor para bordo da lancha especial, toda enfeitada de palmas e bandeirolas, aguardou-se, por certo tempo, que as embarcações maiores se lotassem de fiéis que desejavam participar do desfile marítimo. Afinal, às 9,30, com

a lancha-capitânea à frente, deu-se início à Procissão, formada por centenas de embarcações várias, tôdas elas festivamente embandeiradas.

Foram momentos de intenso júbilo e entusiasmo, quando o cortejo marítimo se formou, rumando para Vila Velha. Soavam as sirenes das embarcações e as businas dos automóveis no cáis; espocavam foguetes, enquanto vivas e cânticos subiam ao céu, numa tocante homenagem a Nossa Senhora da Penha.

O desfile se fez serenamente até a enseada de Vila Velha onde já se concentravam numerosas embarcações, inclusive balieiras e iates dos nossos clubes náuticos. No cais, aguardando o desembarque do Painei, comprimia-se enorme multidão.

Desembarcado o andor no cais da Escola de Aprendizes Marinheiros, fez-se o cortejo processional até ao local onde deveria celebrar-se a santa missa.

EM FRENTE A "GRUTA DE FREI PEDRO"

Junto à entrada da secular Ladeira do Convento, frente à chamada "Gruta de Frei Pedro Palácios", a grande massa popular saudou com palmas e vivas o precioso Retábulo da Virgem e a comitiva que o acompanhava. Era indescritível o entusiasmo dos católicos, na sua ânsia de reverenciar a preciosa relíquia.

Colocada esta junto ao altar armado sôbre o Pavilhão, preparou-se para o início da Santa missa. Nesse momento, chegava ao local, sob aplausos contínuos de todos os presentes os atletas que conduziram, de Vitória, o facho olímpico empunhado, durante o trajeto, a pé, através da rodovia Lindenberg, por militares pertencentes às fileiras do 3.º B. C. e da Polícia Militar do Estado.

Acesa a pira simbólica, posta junto ao altar — deu-se início à cerimônia religiosa, na qual pregou Sua Excia. o Senhor Arcebispo D. João Batista da Motta e Albuquerque, que proferiu belo sermão alusivo à santa vida de Frei Pedro Palácios e à instituição da Devoção a Nossa Senhora da Penha.

Durante a Missa, fez-se ouvir o harmonioso Côro da Matriz de Nossa Senhora da Glória, do Rio de Janeiro — especialmente convidado para participar de tôdas as solenidades religiosas.

A BÊNÇÃO DA ERMIDA DE SÃO FRANCISCO

Acompanhado de tôdas as autoridades eclesiásticas, civis e militares, e da grande massa popular, o milagroso Painei da Virgem foi conduzido processionalmente pelas sete voltas da secular Ladeira, até o "Campinho", onde se ergue,

reconstruída, a Capelinha de São Francisco, outrora ali levantada pelo virtuoso franciscano que naquêles mesmo lugar, faleceu em maio de 1570.

Depois da solenidade da bênção da Capela e da inauguração da placa comemorativa do ato, proferiu o dr. Beresford Martins Moreira, representante do Instituto Histórico do Estado, expressiva e aplaudida oração, que impressionou vivamente a todos os presentes pela eloquência e adequação à solenidade singela, bela apóstrofe dirigida com emoção e calor, ao piedoso eremita Frei Pedro Palácios.

Esta oração vai publicada em outra página desta Revista.

Levando, a seguir, o Quadro para o Santuário, ali o povo recebeu as bênçãos da Virgem da Penha, encerrando-se, mais tarde, com a missa vespertina as solenidades programadas, dentro do Oitavário de Nossa Senhora.

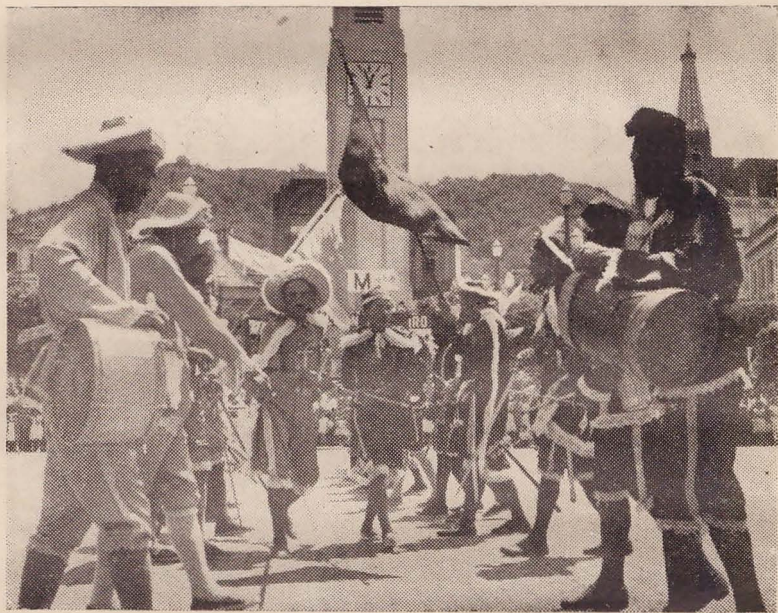
FESTA DA PENHA

Mais entusiasmo, maior afluência popular, mais vibração foi o que se viu durante o decorrer do dia 14 — dedicado a Nossa Senhora da Penha, Padroeira do Espírito Santo.

Como nos anos anteriores, desde cedo os romeiros e devotos da cidade e de vários municípios, se deslocaram rumo ao Santuário da Penha, tomando literalmente as duas ladeiras, e confluindo para o alto da Penha, onde ouviram missas às 8, às 10 e às 16 horas, tôdas celebradas no "Campinho", frente à Capelinha de São Francisco reconstruída para as festas centenárias.

O tráfego pela rodovia Carlos Lindenberg desde cedo esteve intenso, sendo de louvar o correto desempenho do serviço de trânsito, a cargo do D. E. R., da Inspetoria de Trânsito e da Polícia Rodoviária.

Onibus, caminhões, camionetes e automóveis particulares e de praça circularam durante todo o dia, conduzindo a Vila Velha os milhares e milhares de devotos e passageiros tráfego que se prolongou pela noite, tal o número de fiéis que participaram da Festa da Penha, êste ano — como se viu, — mais brilhante e mais concorrida do que nos anos anteriores.



Desfile Folclórico em Vitória — O Grupo do Alardo, de Conceição da Barra.

Desfile de grupos do folclore capixaba

O que foi a interessante parada folclórica — Grupos participantes: as Bandas de Congos — Os “Cabocleiros” de Mantenópolis — O “Alardo” de Conceição da Barra — Romaria ao Convento da Penha — Demonstrações nos Bairros — Os colaboradores da bela festa — Outras notas

Programado pela Comissão de História e Folclore, como parte dos festejos comemorativos do IV Centenário da chegada de Frei Pedro Palácios, realizou-se no dia 8 de setembro o Desfile de Grupos do Folclore Capixaba, que aqui em Vitória pôde concentrar oito conjuntos folclóricos, em sua maioria do interior do Estado.

Aquela Comissão julgou interessante marcar o Desfile para o dia consagrado à Cidade de Vitória, e, nesse sentido, entrou em articulação com S. Excia. o Sr. Prefeito da Capital, que prontamente acolheu a sugestão, dando-lhe o seu integral apoio e entrosando a parada folclórica no programa oficial das festas do Dia da Cidade.

Pôde, assim, a população de Vitória assistir a um espetáculo inédito no Espírito Santo: um cortejo de Grupos representativos do folclore de nossa terra, do qual participaram os seguintes conjuntos: Bandas de Congos de Boa Vista (Cariacica), da Granja da Penha (Santa Teresa), da Toca (Vila Velha), de Pitanga e Nova Almeida (Serra), de Goia-beiras (Vitória); Bloco dos “Cabocleiros” de Mantenópolis e os “cristãos” e “mouros” do **Alardo** de Conceição da Barra.

CONCENTRAÇÃO E DESFILE

Desde as 8 horas começaram a chegar ao Parque Moscoso, os conjuntos provenientes dos referidos municípios. E, de pronto, ao ruído surdo dos tambores dos congos, o povo foi afluindo e concentrando-se também, vivamente curioso com o espetáculo interessante. Os primeiros grupos que chegaram à Concha Acústica foram os de Conceição da Barra e de Mantenópolis, vestidos a caráter, com seus uniformes vermelhos e azuis e suas fantasias enfeitadas. Ambos esses Grupos já se encontravam em Vitória desde a véspera, depois de vencerem longa e exaustiva viagem. Os congos foram-se reunindo depois à concentração, enfileirando-se a seguir na alameda principal do Parque, prontos para o Desfile.

As dez horas exatamente, sempre acompanhados de compacta massa popular, os Grupos deram início à Parada, percorrendo tôda a Avenida da República e a do Cais do

Pôrto, rumo à Praça Oito de Setembro, onde se achava localizado o Palanque oficial com as autoridades e principais convidados: Sua Excelência Reverendíssima D. João Batista da Mota e Albuquerque (grande incentivador do nosso Folclore), o senhor Governador, o senhor Prefeito Municipal, representantes federais, estaduais e municipais.

O Desfile obedeceu à seguinte disposição: Banda de Congo de Boa Vista (campeã do Concurso de Congos realizado em setembro de 1951), Banda de Congo "Amores da Lua" de Vila Velha, Banda de Congo de Pitanga, Banda de Congo de Nova Almeida, Banda de Congo de Goiabeiras, Bloco dos "Cabocleiros" e conjunto do "Alardo". À frente de cada grupo, garotos integrantes dos mesmos e escoteiros do IBES conduziam cartazes com dísticos indicativos da procedência dos conjuntos.

Na Praça Oito, frente ao palanque, num grande espaço controlado por cordões de isolamento, os Grupos, na ordem do Desfile, fizeram breves demonstrações de canto e dança, aplaudidas sempre pela enorme massa popular que ali se aglomerava, saudando entusiasticamente os conjuntos folclóricos, suas músicas, bailados e evoluções.

AS BANDAS DE CONGOS

Já conhecidas de nossa população, nem por isso deixaram de provocar entusiasmo e atenção as Bandas de Congos participantes do Desfile. Tôdas elas mereceram as palmas que o povo não lhes regateou. Conjuntos musicais típicos do folclore capixaba, entoaram, ao som de instrumental rústico, as velhas toadas do seu rico repertório, predominando aquelas de louvação aos Santos padroeiros de suas localidades.

OS "CABOCLEIROS"

Conjunto formado por 16 figuras fantasiadas (a mais velha com 22 anos apenas), além de quatro músicos acompanhantes — os "Cabocleiros" arrancaram vibrantes aplausos dos assistentes, pela riqueza de sua coreografia, agilidade e rapidez dos "caboclinhos" e variado de suas evoluções. Trata-se de um Grupo modestíssimo e pobre que, também por isso, merece o maior amparo por parte das autoridades estaduais, eclesiásticas (o Bloco louva a São Sebastião) e da municipalidade de onde provém, a longínqua Mantenópolis.

O "ALARDO"

Também pela primeira vez se exibiram em Vitória os aguerridos "cristãos" e "mouros" do Alardo. Perante as autoridades e o povo, na Praça Oito, representaram eles uma das



**Desfile Folclórico em Vitória — O Grupo dos Cabocleiros, de
Mantenópolis.**

cenas das “embaixadas”, as marchas e contra-marchas da luta e um autêntico combate, acirrado e “real”, empenhando-se as duas hostes rivais, com a galhardia de sempre, no largo espaço aberto às suas impressionantes evoluções. Por isso conquistaram os frementes aplausos que o povo lhes concedeu, prêmio melhor ao esforço dos figurantes, vindos de tão longe para a bela festa da Cidade.

ROMARIA AO CONVENTO DA PENHA

As 14 horas, após o almoço no Restaurante Saps, vários conjuntos foram, de ônibus e de caminhões, até o Convento da Penha. Essa visita fazia parte do programa elaborado pela Comissão, principalmente porque o Desfile integrava as festas comemorativas do IV Centenário da chegada aqui daquele que lançara os alicerces do majestoso Templo da Penha.

Subiram todos a pé até o alto do Convento; fizeram breves demonstrações (cantos, bailados, evoluções) no “Campinho”, aplaudidos por numerosos devotos que lá se achavam, e depois subiram até ao Santuário, para renderem graças à Virgem da Penha.

Ali Frei Alfredo falou aos romeiros em linguagem simples e comovente, ressaltando a importância e o significado especial daquela visita piedosa, e o valor do folclore como alicerce da Fé e da Pátria, exortando, afinal, a que continuassem a manter as velhas tradições da nossa terra, para que elas se propagassem sempre através das gerações. Depois de dada a bênção especial a todos os presentes, o Capelão da Penha ofereceu, a cada competente dos Grupos, uma flâmula alegórica, singela lembrança de sua visita à Padroeira do Espírito Santo.

DEMONSTRAÇÕES NOS BAIRROS

A partir das 19,30, alguns dos conjuntos folclóricos se apresentaram ao público, quer na Concha Acústica (as Bandas de Congos), quer no Parque Moscoso e nos bairros de Santo Antônio e Praia do Canto. Neste último, na sede do Centenário F. C., exibiram-se mais uma vez os guerreiros do Alardo. No Parque Moscoso, os “Cabocleiros” tiveram ensejo de, perante grande massa de espectadores, apresentar algumas partes de sua curiosa representação, inclusive a interessante “dança das fitas”, aplaudidíssimas tôdas.

COLABORADORES DA FESTA

Além dos elementos integrantes da Comissão de História e Folclore, deram sua colaboração à festa folclórica e aos Grupos que dela participaram, dentro de suas atribui-

ções e possibilidades: as Prefeituras Municipais de Vitória, Vila Velha, Santa Teresa, Serra e Conceição da Barra; o Saps, (por interferência da Prefeitura da Capital); a Associação "Anchieta", gentileza do seu Presidente João Acir Brandão, pondo à disposição dos grupos o Albergue Noturno Padre Anchieta; a Polícia Militar, o Instituto de Maruípe, a Escola Técnica de Vitória, a Colônia de Férias do Sindicato dos Ferrovários, o Centro de Pesquisas folclóricas "Colégio do Carmo" (no preparo de cartazes do Desfile), a Guarda Civil e o Serviço de Trânsito, a Tropa de Escoteiros "Padre Leandro" do Ibes, a Rádio Espírito Santo (que fez a cobertura do Desfile), a Imprensa da Capital, com seu noticiário informativo, a Empresa de Transporte Marinho, os senhores Licínio Loureiro, Nelson Calmon Tavares, João Pestana, Manuel Patrocínio Freire e o Coletor Estadual de Mantenópolis sr. José Apolinário Neto.

OUTRAS NOTAS

Concorrido foi o número de fotógrafos — profissionais e amadores — que, durante o Desfile, colheram os principais aspectos da parada e das evoluções folclóricas. As fotografias mais expressivas foram classificadas no Concurso instituído pela Comissão Espírito-santense de Folclore. Aos vencedores foram conferidas, como prêmios, medalhas de prata e bronze.

A todos os participantes do Desfile, a Comissão de História e Folclore fez entrega, como lembrança da festa, de uma flâmula alusiva à festividade folclórica.

As despesas principais na organização e desenvolvimento do Desfile, foram feitas, nesta Capital, com a pequena verba de que dispunha a Comissão organizadora, auxiliada, na parte da alimentação (num total de 431 refeições) pela Prefeitura Municipal de Vitória.

O Policiamento e o Serviço de Trânsito foram impecáveis, quer por ocasião do Desfile, quer à noite, nas exposições dos Grupos no Parque Moscoso.

O êxito desse Primeiro Desfile de Grupos Folclóricos bem que poderia animar os poderes públicos (em festas comemorativas como os Dias de Cidades) a auxiliarem ou promoverem sua repetição, emprestando assim sua cooperação necessária no elevado sentido de estimular os Grupos folclóricos do Estado e proteger o populário capixaba, digno sem dúvida de maior atenção e melhor sorte.



Desfile Folclórico em Vitória — Banda de Congo de Santa Teresa,
um dos grupos participantes do Desfile.

IV Centenário da chegada de Frei Pedro Palácios

(As Festas de 13 e 14 de dezembro)

Congracamento das Fôrças Armadas do Brasil — Concentração do povo no cais do Pôrto — Nossa Senhora a bordo do “Canopus” — A Missa — Oradores — As solenidades de Domingo — A grande Procissão Marítima — Missa na Escola de Aprendizizes Marinheiros — Em helicóptero da FAB Nossa Senhora da Penha sobrevoa Vitória e Vila Velha, pousando depois nos altos do Convento — Encerramento das festividades

Foram sem dúvida impressionantes pelo clima de civismo e religiosidade as festas com que se ultimaram, êste ano, as comemorações consagradas ao IV Centenário da chegada de Frei Pedro Palácios, e da introdução, entre nós, da Devoção a Nossa Senhora da Penha.

O programa foi fielmente cumprido em tôda a sua extensão, merecendo os maiores encômios o trabalho da Comissão Executiva, presidida por Sua Excelência Reverendíssima D. João Batista da Mota Albuquerque, principalmente nestas últimas festividades, pela feliz iniciativa de reunir, em Vitória e Vila Velha, vários contingentes das Fôrças Armadas Brasileiras, que, congradadas, prestaram à excelsa Padroeira do povo espírito-santense, sua homenagem de reverência e de consagração.

AS SOLENIDADES DO DIA DO MARINHEIRO

Sábado, dia 13 de dezembro, desde cedo, já estava acostado ao cais do Pôrto o Navio Hidrográfico “Canopus”, aberto à visitação do público interessado. Belo nas suas linhas elegantes, êsse navio possui todos os mais modernos aparelhos para o trabalho de sondagens e levantamento que vem fazendo, há mais de um mês, nas costas do Espírito Santo, do sul até o rio Doce. Seu ilustre comandante, o Capitão de Fragata Rubem José Rodrigues de Matos e tôda a oficialidade e tripulação do “Canopus” foram de extrema fidalguia e gentileza para com todos os que tiveram a satisfação de visitar o navio, há pouco tempo incorporado ao serviço da Armada Brasileira.

DE VILA VELHA A VITÓRIA

As 17 horas, mais ou menos, começou a locomover-se o grande cortejo de carros que, em procissão, trazia a Imagem de Nossa Senhora, do Convento até o Cais do Pôrto. Conduzida aos ombros de soldados do 3.º B. C., desceu a Santa até o Portão de entrada da Rodovia turística, sendo colocada num dos carros do nosso Corpo de Bombeiros Seguiam-no vários carros do mesmo Batalhão, conduzindo praças do Exército, carros da Polícia com contingente especial, e longa fila de automóveis particulares e de praça, ônibus e caminhões, lotados de fiéis. Por onde passava o cortejo — especialmente no IBES — era a Virgem Senhora saudada pela massa popular postada à margem da Rodovia Lindenberg.

A bordo do “Canopus”, Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Arcebispo, autoridades representantes da Marinha, do Exército e da Aeronáutica, representantes consulares e de várias classes sociais, senhoras e senhorinhas, aguardavam a chegada da Procissão, enquanto à frente do “Canopus”, no cais do Pôrto e nas imediações da Praça Oito, grande massa popular se aglomerava, na mesma ansiosa expectativa.

As 18,30, chega, afinal, precedida por um carro-batedor da Polícia Civil, o cortejo processional, sendo delirantemente aplaudida a Santa Imagem, enquanto a Banda de Música da Polícia Militar rompia em dobrado festivo. Sob prolongadas palmas e contínuo agitar de lenços brancos, é a Santa conduzida aos ombros de soldados da Polícia, do Exército e da Marinha, até ao convés do “Canopus”, onde se armara altar especial, sobre o qual é depositada a Imagem, sob as vibrantes aclamações de toda a massa popular presente.

MISSA A BORDO DO “CANOPUS”

A seguir, teve início o santo sacrifício da Missa, celebrada por Frei Alfredo, Capelão do Convento. Durante o decorrer da cerimônia, D. João Batista acompanhava, explicando ao povo, o ritual da solenidade, cantando, com todos, o Hino de Nossa Senhora e outros cânticos religiosos. No momento da Elevação a Banda Militar tocou o Hino Nacional, havendo, a seguir, tocante solenidade em homenagem especialmente aos heróicos marinheiros, soldados e aviadores que tombaram no cumprimento do dever. Nesse instante, o cabo corneteiro do 3.º B. C., Antônio Paulino dos Santos, vibrou o **toque de silêncio**, comovidamente ouvido por todos os que assistiam à missa.

OS ORADORES

Finda a solenidade religiosa, foi lida, por um dos Ofi-



A Imagem de Nossa Senhora da Penha conduzida por soldados do 3.º B. C. e marinheiros, chega ao Convento após as homenagens que a Ela prestaram as Fôrças Armadas do Brasil.

ciais do “Canopus”, a Ordem do dia, n.º 34/58, assinada pelo Comandante do Navio. Aplaudidas as palavras cívicas da Marinha Brasileira, que recordaram os gloriosos feitos de Tamandaré, ocupou o microfone o General Tristão de Alencar Araripe, eminente Ministro do Superior Tribunal Militar e Presidente do Instituto de Geografia e História Militar, o qual proferiu substancioso estudo histórico, ressaltando os feitos brilhantes das três Armas Nacionais, e relatando, também, em breve síntese, a história do 3.º Batalhão de Caçadores, sediado ao sopé da Penha, propondo fôsse dado ao mesmo o nome de **Batalhão Anchieta**, fundindo nesse nome o trabalho daquele santo Apóstolo e o dos valentes soldados capixabas. Por fim, em nome das Classes Armadas, fêz S. Excia. vibrante saudação à Virgem da Penha, terminando seu discurso sob entusiásticos aplausos.

Encerrando a cerimônia cívico-religiosa, Sua Excelência o Senhor Arcebispo pronunciou breves palavras, cantando-se e rezando-se o Terço, enquanto a Imagem de Nossa Senhora da Penha, delirantemente aplaudida, era conduzida, pelos marujos, para o interior do “Canopus”, onde permaneceu, revesando-se-lhe guardas de honra durante toda a noite.

AS FESTIVIDADES DO DOMINGO DIA 14

A PROCISSÃO

Domingo, pela manhã, a baía já se apresentava com festivo aspecto: botes, canoas e lanchas embandeiradas, cruzavam as águas, aguardando o momento da Procissão marítima que reconduziria a Vila Velha a Imagem de Nossa Senhora.

Às 8 horas, já era crescido o número de embarcações, contando-se entre elas os rebocadores, a lancha de Praticagem e a da Capitania dos Portos, além de ioles e baleeiras dos nossos clubes náuticos. Pouco depois, era descida do NHI “Canopus” a lancha com a veneranda Imagem, tomando lugar na mesma embarcação Sua Excelência Reverendíssima D. João Batista, o Capelão da Penha, e representantes das Classes Armadas. Colocando-se à frente das demais embarcações, a lancha-andor deu início à Procissão, sob os aplausos e vivas da multidão que apinhava as embarcações e se aglomerava nas amuradas da Esplanada da Capixaba. Às palmas e saudações juntavam-se os sons das sirenes e buzinas das lanchas e rebocadores do Porto.

Larga fila de automóveis, se moveu, então, através da cidade, rumo a Vila Velha, conduzindo fiéis que iam esperar, na cidade vizinha a querida Santa Padroeira do Estado.

Ao passar a Procissão marítima frente ao Instituto de readaptação social, os detentos, postados em fila, prestaram à Santa expressiva homenagem, saudando-a com estrepitosos espocar de foguetes.

Pouco antes das 10 horas, a lancha do "Canopus" atracava junto ao cáis da Escola de Aprendizes Marinheiros, aí desembarcando a Imagem, que foi, a seguir, em procissão, levada aos ombros de marinheiros até o pátio interno da Escola, e colocada em altar armado na varanda circular, frente ao povo. Nessa ocasião, o Senhor Arcebispo dirigiu a palavra aos fiéis, rememorando as festividades anteriores consagradas às comemorações centenárias, pondo, depois, em relevo a alta significação cívico-religiosa das festas que, desde sábado, se estavam realizando, festas que congregavam as gloriosas Forças Armadas do Brasil aos pés da Virgem da Penha, de quem recebiam, naquele momento, bênção e graças especiais.

A seguir, Sua Excelência Reverendíssima celebrou a santa Missa, acompanhada, com devoção contrita, por todos os fiéis ali presentes.

Terminada a cerimônia religiosa, a Imagem foi transportada, em procissão, até o Helicóptero da Força Aérea Brasileira (prefixo M19D, 8505) postado na parte fronteira à Escola de Aprendizes Marinheiros — cujas dependências o povo tivera o ensejo de, antes, percorrer e admirar.

DE HELICÓPTERO ATÉ A PENHA

Precisamente às 10,45, movimenta-se o helicóptero conduzindo a Imagem, acompanhada do Arcebispo Metropolitano, de Frei Alfredo, do sr. Oswald Guimarães, Prefeito de Vitória, do Capitão de Fragata Rubem José R. de Matos, do ilustre representante do Exército, Coronel Humberto Vasconcelos, e dos Pilotos do helicóptero.

Depois de fazer várias evoluções sobre a Praia Comprida, do Canto e Suá, o aparelho da FAB dirige-se ao centro da Capital, contornando a Catedral Metropolitana, rumando, depois, para Vila Velha, em ascensão até o Convento, chegando ao "Campinho" precisamente às 11,05. Descida do helicóptero, a veneranda Imagem foi calorosamente aplaudida por grande massa de fiéis que lá a aguardava, sendo, a seguir, conduzida, aos ombros dos soldados do 3.º B. C., até o Santuário, colocada no seu Nicho no Altar mór, sempre aclamada por todos os fiéis que a acompanharam rezando e entoando cânticos religiosos.

OS PARAQUEDISTAS E A ESQUADRILHA DA FUMAÇA

Conforme fôra anunciado, graças principalmente ao ilustre Brigadeiro do Ar, Inácio Loiola Daher, Comandante da 3.ª Zona Aérea, foi possível a presença, entre nós, da famosa Esquadrilha da Fumaça e dos valorosos Paraquedistas do Exército, os quais fizeram domingo belas e arrojadas exhibições sob os céus capixabas.



A Imagem da Padroeira do Espírito Santo ao chegar ao Santuário da Penha.

IV Centenário da chegada de Frei Pedro Palácios

Encerramento das Comemorações — A 2.^a Procissão de Penitência — A Concentração Feminina em Vila Velha — O que foi a Grandiosa Festa da Penha — Outras Notas

Realizaram-se, este ano, as festividades complementares, estabelecidas no Programa de encerramento, elaborado pela Comissão Executiva das comemorações centenárias.

Também houve o Oitavários de Nossa Senhora e um Tríduo preparatório — este último realizado em vários bairros desta Capital e de municípios vizinhos, nos dias 1.º, 2 e 3 de abril corrente. (1959)

A 2.^a PROCISSÃO DE PENITÊNCIA

Sábado, dia 4 de abril, a partir das 20 horas, concentraram-se milhares de homens católicos, na Praça da Catedral Metropolitana, sob a orientação pessoal de S. Excia. Revma. D. João Batista da Mota e Albuquerque, para a grande parada de penitência.

Precisamente às 21 horas, deu-se início ao cortejo, rumo a pé a Vila Velha, munidos todos os romeiros penitentes de velas e lanternas, precedidos pela Cruz processional. Cantando e rezando, os milhares de fiéis chegaram até à cabeça da Ponte Florentino Avidos, onde enorme contingente de romeiros da Vila Rubim e de Santo Antônio engrossaram a multidão desfilante. Da mesma forma, em São Torquato, Aribiri, no Ibes, na Glória e em Vila Velha, novos grupos de penitentes aderiram à Procissão, que continuou, sempre aplaudida por filas de devotos, até ao Portal de entrada da Ladeira secular, onde se deu comêço ao acesso até o "Campinho", percorrendo os romeiros as sete voltas do "Caminho de Frei Pedro Palácios", então iluminado com lâmpadas e lanternas de várias côres, estas postas junto aos Cruzeiros.

Alcançando o "Campinho" após três horas de longa romaria, os católicos ali foram jubilosamente aplaudidos pelos fiéis que lá se achavam, à frente dos quais S. Excia. Reverendíssima, além do Senhor Governador Carlos Lindenberg, do Prefeito de Vila Velha, sr. Tuffy Nader, do Provincial dos Franciscanos e de Frei Tadeu, novo Guardião do Convento.

Concentrados, afinal, todos os romeiros no “Campinho” — pequeno para tantos fiéis — deu-se início à Santa Missa mais ou menos à uma hora da madrugada, havendo Comunhão geral, ministrada por três sacerdotes, um deles D. João Batista).

Durante a Comunhão geral, entoaram os fiéis vários cânticos religiosos (o Hino de Nossa Senhora da Penha, o **Magnificat**, o Bendito e outros), repetindo-se alguns deles enquanto se processava o ritual da comunhão. Após terminada a Santa Missa, o Senhor Arcebispo, acompanhado de todos os presentes, leu e rezou a belíssima e expressiva “Oração do Romeiro” — composta especialmente por Sua Excelência Reverendíssima.

A CONCENTRAÇÃO FEMININA DO DIA 5

Depois da missa rezada na manhã de Domingo, junto à “Gruta de Frei Pedro”, realizou-se, à tarde, a anunciada concentração feminina, na Praça da Matriz de Vila Velha. Armado o Altar junto à porta de entrada do templo secular, ornamentado com bandeiras e flôres, celebrou-se a Santa Missa, a que assistiram milhares de senhoras, senhorinhas e crianças, componentes ou não, de associações religiosas de Vitória, Vila Velha e doutros municípios do Estado. A solenidade foi orientada pessoalmente pela palavra fácil e paternal do Arcebispo, entoando-se durante a cerimônia — principalmente à ocasião da comunhão geral — cânticos religiosos em louvor da Santa Virgem.

Após a Missa, com a Cruz processional à frente, as “romeiras de Nossa Senhora” seguiram, em Procissão, até o Portal de entrada da Ladeira rústica, subindo por ela as suas sete voltas íngremes, até ao “Campinho”, onde, após a visita ao Santuário, ouviram Missa, seguida de comunhão geral. Encerrando as solenidades, foi dada bênção especial aos fiéis presentes no Santuário.

GRANDIOSA FESTA DA PENHA

Com o fervor de sempre — mas, desta vez, com insopitável entusiasmo e vibração devota, o povo capixaba celebrou a sua tradicional **Festa da Penha**, cumprindo-se rigorosamente todo o programa pré-estabelecido: missas concorridas, desde as 3 horas da madrugada, até, afinal, a Missa campal vespertina, celebrada no altar especial armado no “Campinho”, e oficiada por S. Excia. Revma. D. João Batista da Mota e Albuquerque, que, em palavras de comovida eloquência, ressaltou a grandiosidade da Festa tradicional, o marcante significado que, este ano, a ela se emprestou, em decorrência das comemorações deste significativo IV Cente-

nário — fato histórico de tão profundo sentido de religiosidade. Fêz S. Excia. Revma. o agradecimento a todos os que deram sua colaboração às festivas solenidades, e, na impossibilidade natural de cantar ali a “ladaínha dos nomes” das pessoas que concorreram com uma parcela — pequena embora — para o brilho das comemorações, pedia, para elas, as bênçãos maternais da Virgem da Penha, em cujo louvor e honra foram realizadas tôdas as festividades.

Prosseguindo, D. João Batista ressaltou a fé e a piedade do povo capixaba, frisou a importância das romarias feitas êste ano ao Convento, règiamente pagas e compensadas com as indulgências especiais estabelecidas pelo Papa João XXIII, e, afinal, em nome pessoal de Sua Santidade, transmitiu a todos os fiéis, a bênção especialíssima, portadora daquelas indulgências plenárias. Finalmente, acompanhado por todos os presentes, leu e rezou S. Excia. Revma. a expressiva “Oração do Romeiro de Nossa Senhora da Penha”, terminando suas palavras com vivas à Excelsa Padroeira do Espírito Santo.

Em seguida, Frei Tadeu, o novo e esforçado Capelão do Convento, deu também a bênção especial de Nossa Senhora a todos os católicos ali reunidos em número incalculável.

Aliás, a afluência de romeiros foi, êste ano, bem superior às dos anos anteriores, tendo ido a Vila Velha, de ônibus, caminhões e automóveis, romeiros de muitos municípios do Estado. E tal foi a multidão que se concentrava no “Campinho” e no Santuário a festa, que foi necessário (prolongando-se até à noite) que se estabelecessem mão e contra-mão, subindo os fiéis pela Rodovia D. Luis Scortegagna, e descendo pela Ladeira das sete voltas, a fim de melhor facilitar o acesso e o retôrno dos devotos.

SANTUÁRIO DE FLÔRES

Graças à iniciativa de um grupo de senhoras capixabas, foi feito, com antecedência, caloroso apêlo à mulher católica residente no Estado, no sentido de que se enfeitasse profusamente o Santuário da Virgem, com a maior quantidade de flôres naturais que fôsse possível recolher. E assim foi realmente: braçadas de cravos, rosas, crisandálias, lírios, copos-de-leite etc etc. foram levadas aos Santuário, com elas se ornamentando os altares laterais, o côro, o Painei e o Altar-mór do Convento, onde, em seu Nicho, Nossa Senhora da Penha preserva, defende e abençoa a gente e a terra capixaba.

FOGOS DE ARTIFÍCIO NO ALTO DA PENHA

Esplêndido o espetáculo que a todos ofereceu — a queima de fogos de artifício durante a noite de segunda-feira, no alto do mosteiro santo.

Aliás, nas antigas festas da Penha (como registraram as velhas fôlhas da imprensa capixaba) era já tradicional a queima de fogos de vista na noite da bela Festa de Nossa Senhora da Penha.

É necessário que êsse costume — por certo tempo esquecido e morto — reviva novamente, reatando-se os elos da tradição festiva, tão colorida e vistosa.

COBERTURA DAS FESTIVIDADES

Excelente e completa foi a cobertura que as Emisoras desta Capital fizeram das comemorações centenárias. A Rádio Espírito Santo e a Rádio Capixaba — aliadas na mesma “Cadeia de Fé” — estiveram, como a Rádio Vitória, presentes a tôdas as solenidades, num trabalho infatigável de orientação pública e transmissão dos menores detalhes das festividades. Associados a essas Emissoras, numerosos Serviços de alto-falantes retransmitiram as irradiações, numa cooperação constante e valiosa.

Também a imprensa escrita de Vitória participou do mesmo movimento de divulgação, inclusive “A Gazeta”, que, desde o ano passado, vem abrindo suas colunas a tôdas as notícias relativas ao IV Centenário do marcante fato histórico-religioso.

Da mesma forma, a imprensa carioca, através dos “Diários Associados”, colheu informes vários sôbre as principais festividades, divulgando-os através da cadeia dos seus jornais.

OUTRAS NOTAS

A Comissão Executiva das comemorações se empenhou com os órgãos e autoridades competentes, no sentido de se fixar o marcante acontecimento dêste IV Centenário, com a emissão comemorativa de selos postais — medida, até o momento, ainda não realizada.

LIVROS SÔBRE A PENHA

Interessante é notar que são da autoria de três dos consócios dêste Instituto Histórico, os livros dedicados à História do Convento da Penha” o do Dr. Norbertino Bahiense “O Convento da Penha” (Vit. 1951), o da Profa. Maria Stella de Novaes, “Relicário de um povo” (1.^a ed. Vit. 1954,

2.^a ed. Vit. 1958) e o do Prof. Guilherme Santos Neves, “História Popular do Convento da Penha”. (Vit. 1958).

Foi lançada, no ano das comemorações, uma plaquete (iniciativa de Frei Alfredo Setaro O.F.M., Capelão do Convento) reproduzindo a parte especial sobre a História do Convento da Penha, do livro de Frei Basílio Rower O.F.M. “Páginas de História Franciscana no Brasil”.

ERRATA DE "ESCUTA, FREI PALÁCIOS"

Onde se lê:	Página	Leia-se:
conterraneo	23	contemporâneo
relampago	25	relâmpagos
levanta-las	27	levanta-la
dionizico	28	dioniziaco
soares	29	soar

Escuta, Frei Palácios

BERESFORD MARTINS MOREIRA

pelo INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO
ESPÍRITO SANTO. —

— I —

Quero, neste momento, esquecer que me encontro em pleno Século XX — e tornar-me conterrâneo de Frei Palácios, para reconstruir-lhe a Vida — dentro, e antes mesmo da própria História.

— II —

Frei Pedro Palácios — que Destino o teu, humilde Frei. Grandezas do mundo temporal já desapareceram. Não têm mais eco, nem expressão emocional os grandes e nobres nomes do Passado. O teu nome, no entanto, está soando — desde o glorioso outono de 1558 — lá se vão 4 séculos — nos nossos lábios com a mesma expressão com que soou um dia, que já vai longe, nos lábios dos habitantes da Vilazinha do Espírito Santo e dos Indígenas.

A tua obra — aqui está:

— “Alcandorado e belo, exposto ao sol e ao vento
Sentinela da barra, em perfil singular —
Destaca-se, no espaço, o lendário convento
o Trono de Maria, entre a Planície e o Mar”

(Maria Stela de Novais).

Eras um predestinado, e nada, nem as vagas do mar, nem os ventos dos céus, nem a iniquidade dos Homens, poderia evitar que aqui saltasses — para transformar uma lapa num Santuário — um penedo no altar máximo da Terra Capixaba.

— III —

O oceano imenso está adiante da caravela frágil e empavezada. Freme nêle e sôbre êle a tempestade imensa. Menos que uma casca de noz na amplidão convulsa, em que Céu e Terra se consomem — a caravela desce, e toca o fundo dos abismos,

e sobe, e as suas gáveas penetram as fímbrias do Infinito. Varre-a, de ponta a ponta, o vagalhão incansável, tenaz e destruidor. Gemem os mastros e as velas que não querem morrer. Gemem os Homens que não querem morrer!

E tu, Frei Palácios, dentro de um mundo pequeno que se despenha, que arqueja, que agoniza, tu, Frei sublime, calmo — oras!

Poderão as tuas preces vencer o murmúrio gigantesco da tempestade e chegar ao coração de tua Padroeira e Protetora, ao coração de Maria? Sim — porque o coração de Maria está no teu coração! Toma o teu manto humilde, puido, e joga-o sobre o mar, joga-a à bôca escancarada da fera indômita!

.....

... E o mar acalmou-se, mandando para o desconhecido o seu tumulto e o seu rumor.

— IV —

Dentro em pouco, na linha do horizonte, banhada pelo sol outonal de 1558 — verdejando nas encostas, azulando nas serranias, embranquecendo-se nas praias lindas e solitárias — surgirá, como uma dádiva, e um deslumbramento — a Terra Capixaba!

— V —

Desce, Frei Palácios — que esta será a Terra de tua obra, de tua vida, do teu sonho, de tua morte e do teu imortal Amor.

Caminha. Frei Palácios, pois ali adiante, perto do mar e da mata, e a planície e a montanha — há uma lapa que te espera.

Carrega, tu mesmo, o painel da Virgem que transformou, no temporal, o teu manto humilde no apascentador das vagas. Carrega o painel, Frei Palácios, e, de joelho no chão, úmido, frio — coloca-o no nicho que a tua mão mesma, Frei Palácio, deve abrir

— VI —

Não te demores na vilazinha do Espírito Santo, Frei Palácios: Maria Santíssima está só na solidão da lapa. Terá frio? Recordar-se-á, no sopé do monte em que se abriga, de outros instantes e de outros lugares? O rumor das iniquidades da vilazinha ainda semi-bárbara — não lhe trará à mente aquelas horas de infinita dôr, em que o Seu Filho, raio divino na Sua alma pura, da Eternidade no Seu perecível coração humano, em que o seu Filho subiu, sob o chicote e a Cruz as encostas do mon-

te inesquecível no maior pesadêlo das Idades?

Anda, Frei Palácios, não deixes Maria Santíssima sòzinha na solidão — com as Suas dôres e as suas lembranças. Vai para perto dela — e Ela te dirá que um dia as Igrejas de Maria serão como um colar de cruzes — de Norte a Sul, a indicar que os sacrifícios legendários não foram em vão.

— VII —

Um dia o teu painel desapareceu!

Onde andará o quadro em que Nossa Senhora tem, sorrindo de leve, cheia de ternura, ao colo, o menino Jesus? Não te percas em pensar que um dia êsse doce sorriso se transformará em lágrimas de sangue aos pés de uma Cruz sangrenta.

Alvoroca a vilazinha, Frei Palácios! Não fiques assim, não te perturbes, não te acuses de omissão, de negligência, de pecado.

Sobe — por dentro da mata, rude e virgem, cheio de espinhos e de flôres, o morro majestoso! Não poupes a tua energia, os teus pés quase descalços, o teu burel quase rôto. Deixa que os espinhos te penetrem na carne: sem esta ascensão de um Calvário não encontrarás Maria. Ela deve estar por aqui, em algum lugar — que ela escolheu para ficar mais perto de Deus.

Esta busca — Frei Palácios, te levará ao fastígio da escarpa.

— VIII —

Já atentaste, Frei Palácios, para um fenômeno singular — o de que Deus parece preferir, para expressar a significação dos Seus atos, a grandeza das montanhas?

- Sôbre os socalcos do Ararat, perdido nas brumas nevontas da velha e álgida Armênia — Êle coloca, ao fim das grandes águas diluviais, a Arca de Noé — uma flor de que sairá o pólem da nova Humanidade.
- No Horeb — entre sarças ardentes, entre chamas que envolvem o Universo, entre relâmpago que abalam os pilares da Criação, Êle determina a Moisés, prostrado, que comece o Êxodo.
- No Sinai — Êle entrega, dentro do mesmo cenário de tumulto cósmico, fascinante e aterrador, as Táboas da Lei — a Moisés, prosternado.
- No Nebo — Êle faz sucumbir Moisés, à visão louçã da Terra Prometida, e faz Jeremias esconder o Tabernáculo.
- É do alto que Jesus, meigo e doce, profere o seu máximo Sermão — que ecoará pelas quebradas do mundo pelos séculos à fora, pelos milênios a dentro, cada vez mais grandioso, cada vez mais atual: o Sermão da Montanha!

— É no Tabor que, ante Pedro e Tiago — dá-se a Transfiguração de Cristo: a face nazarena brilha como um sol e o hábito resplandece como a neve. Moisés e Elias saem, resplandecendo do coração das vagas do Céu, para ver Jesus, enquanto — (vertiginoso episódio!) — uma nuvem resplandecente desce sôbre a Terra — e a VOZ, não uma voz, mas A VOZ profere as palavras inesquecíveis:
“Este é o meu filho bem amado, no qual pus todos os meus afetos. Escutai-o!”

E porque a Humanidade não atendeu ao conselho de Deus — um outro Monte — o Calvário vai ser o cenário do Supremo Sacrifício — pela Redenção da Humanidade; o pesadêlo das Idades, o Supremo remorso da Criatura ante o Criador!

Do Arará ao Calvário — Deus, (já notaste, Frei Palácios?) oficiou os seus grandes atos nos altares das montanhas.

Não será isto, Frei Palácios, um símbolo? Na maneira por que fogem, lesta, dos vales escuros e das planíceis uniformes, na subida para o Céu — não haverá uma insinuação à Humanidade — a de que ela se supere na ascensão incansável em busca de Deus — aqui, lá, onde a Luz e o ar são puros, e se sente, de perto o sôpro do Infinito e o hálito da Eternidade? Na Suprema grandeza física de relêvo orogênico é razoável, Frei Palácios, que se realizem os supremos atos de intercâmbio entre o Ente e a Divindade, entre a Criatura e o Criador!

Esta talvez seja a razão por que a Religião prefere fazer as suas moradas nas sinclinais das montanhas. É nos poucos alcandorados nas escarpas, mal escapes à vertigem das alturas — que a Igreja, inspirada e santa — coloca os seus Templos, os seus Conventos, os seus Mosteiros.

...E os pés estarão sôbre a Terra, mas o Espírito sobe a montanha, mergulha no ar puro — à procura da luz pura dos astros — e para sentir, e perceber, e ouvir, no silêncio rico dos espaços, o rumor das esferas girando, o rumor da Vida Cósmica — dentro de um ritmo que proclama a vontade de Deus!

— IX —

Pois êste é um monte, Frei Palácios. Sustenta o teu passo. Abre os teus olhos. Aqui, agora vai haver uma Transfiguração:

.... Rolam os ventos por sôbre a mataria — destrançam-se e entrançam-se as tranças do relvado. O espaço está vibrando. O mar está pulsando, não como um réptil imenso e destruidor, mas como um imenso coração.

Estás, no Campinho, Frei Palácios. Cansaste-te? E tão cansado estás que não escutas o hino imenso que enche o espaço? Estas árvores estão cantando, Frei Palácios! Estas relvas



**Painel da Virgem da Penha, trazido para o Espírito Santo, em 1558 por Frei
Pedro Palácios.**

sussurram, Frei Palácios! Tudo está cantando, Frei Palácios — no mais extraordinário côro — o das vozes dos seres animados e inanimados!

... — e dentro da paisagem sonora, luzindo ao sol, como se o sol mesmo fôra, está

— o teu painel — o quadro de Maria.

— X —

Aqui, Frei Palácios, êle deverá ficar.

... — No tôpo da escarpa — há duas palmeiras — que farfalham. Elas estão te dizendo que êste é o lugar do Santuário. Elas estão te dizendo — escuta, Frei Palácios — que

... aguardaram êste momento para entrar na História dos Homens. Elas estão te dizendo ,Palácios, que

— sofreram os rudes embates das intempéries

— o vento dobrou-lhes o caule até ao chão

— o sol secou-lhes o chão das raízes

— a chuva asfiviou-lhes os renovos

— o raio marcou-lhe o tronco

— o curso dos dias tentou quebrar-lhes as resistências mas elas te esperaram, Frei Palácios,

— para que fôssem transformadas em altar.

As Palmeiras — firmes e belas como o teu sonho! A Ermida das Palmeiras. Tu, Palácios, terás de levantá-las aqui

— no fim do mundo vegetal

— no fim das veredas e dos penhascos

— no vértice

... que se aplainou, suavemente, humildemente, predeterminadamente, para te receber.

AS PALMEIRAS ESPERARAM POR MARIA SANTÍSSIMA!

— XI —

Agora é amansar o rochedo — com o teu trabalho de escravo da Fé. Cava na rocha — a base do altar. Equilibra-te sobre o abismo — do céu e do mar — sobre a rocha desnuda para cravar, com os teus dedos, na rocha o Santuário da Ermida das Palmeiras.

A vilazinha, dominada pela tua Fé, está te dando, com o coração aberto, com as mãos abertas, homens e materiais — para a sagrada construção. Dá o exemplo, Palácios, e demonstra o vigor que a Fé empresta aos músculos já cansados, aos pulmões estertorantes na subida, hora a hora, da íngreme ladeira. Enxuga o suor do teu rosto — e sorri sob o pêso do trabalho imenso e aterrador.

Lá está, no alto, o rochedo indiferente e negro. Esta subida, Frei Palácios, eu sei, é um Calvário — mas atenta, Frei Palácios, para a festa dos pássaros quando tu e os teus compa-

nheiros passam carregando pedra e argamassa; o cântico intenso da mata — que te enlaça, que te procura, com a ponta dos galhos, com a carícia das fôlhas, com o perfume das flores; o cântico dionízico do mar — que se impacienta como que no desejo frustrado de subir contigo... para onde, na solidão dentro do Céu — as Palmeiras estão farfalhando.

Caminha, Frei Palácios. Que te preocupa, dentro da tarde estival — em que uma melodia penetra todo o espaço e uma orgia de tins enche o céu — que te preocupa, Frei Palácios? Os teus pobrezinhos? Pede licença à Virgem do Painei, desce o teu morro, procura os teus pobres e os teus índios, dá pães aos pobres, dá Fé aos índios. E, agora, arranca de tua alma a fôrça necessária para continuar — e fere os teus pés na subida — quase infundável para amparar os que já mal caminham.

— XII —

A capelinha de S. Francisco já está pronta no alcantil, sôbre o abismo, como sôbre as misérias do mundo.

Cai a tarde e a solidão só é quebrada pelos uivos e miados dos teus companheiros irracionais, e pelo murmúrio, quase inaudível, das preces brancas dos lábios pretos do preto escravo.

Encosta o teu bordão, tira as tuas sandálias, Frei Palácios.

Prepara a tua cama — uma tábua.

Afofa o teu travesseiro — os degraus do altar.

Dorme, Frei Palácios: Nossa Senhora da Penha vela por ti.

... Nem sabes o ar de ternura com que Ela te olha, e que sôbre a tua cabeça êsse olhar santo põe um halo de luz resplandecente.

... E Ela está descendo do altar, Frei Palácios! — Ela está descendo do painel, Frei Palácios! Ela está descendo os degraus do altar, Frei Palácios!

... e as Suas mãos, brancas, lindas, resplandecentes, estão derramando sôbre o teu corpo quebrado de cansaços — raios de luz.

.....

... Lá fora, dentro da noite negra e silenciosa, a Er-
mida parece flutuar dentro do Céu, cheia de luz, a luz da graça
de Nossa Mãe, a luz da bondade de Maria Santíssima, a luz da
infinita bondade de Nossa Senhora — de Nossa Senhora que
está no alcantil, que está na penedia, que está na Penha
— Nossa Senhora da Penha!

Acorda, Frei Palácios. O sol vem surgindo — quebram-se as barras do dia. Vê — êle primeiro beija, docemente, as paredes de tua Ermida — para depois iluminar, lá embaixo, prostrada, como em prece, ainda coberta das sombras frescas da madrugada, a vilazinha do Espírito Santo.

Acorda. É preciso ampliar a Capelinha — pois ela já é pequena para dos fiéis a romaria incansável.

O verão, Frei, vai dificultar tua obra: as rochas ardem como braza sob os pés; os rochedos refletem, cruamente, a luz do sol — como que parado no espaço; a vegetação agoniza, calcinada e infeliz, entre fôlhas secas o mar, à distância, é uma placa de aço candente, luzente e imóvel; dói no olhar a própria luz que se esbate nas paredes brancas da Ermida; uma labareda envolve o mundo, desce do céu, suga o mar, seca as fontes, estorrica as árvores, queima, requeima, estiola e mata.

Como te haverás para obter a água para a construção e para os construtores?

Não te apoquentes, Frei Palácios: o raio da graça de Maria está no teu coração, na tua alma, no teu corpo. Prostra-te sobre a rocha. Ora.

... Vê, a água está brotando da rocha. Ave Maria cheia de graça!

Ao trabalho — que a água é abundante, e parece chilrear nas rochas e entre as ramarias, desafiando o sol estival!

— XIV —

Dentro do ritmo do trabalho, concentrado nêle, o bom operário despreocupa-se, de quando em vez, de si mesmo. É preciso cuidado, Frei, para que ninguém role pelo despenhadeiro. Aconselha e aconselha cuidado aos teus companheiros de jornada, Palácios.

... Atenta — um dêles rolou. Escorregou o pé na rocha lisa. A mão aberta pela aflição procurou, inútilmente, um apoio no ar.

O sangue humano irá, como nos sacrifícios primitivos, bárbaros, banhar os pés da capelinha?

Tu não sabes, mas já tens em ti o poder de, como o personagem bíblico, parar um corpo no espaço.

— Pede, veemente, Frei Palácios, pede à tua Protetora que suste, no espaço, para pousá-lo brandamente na Terra, o corpo do pobre trabalhador.

.....

..... Abre os teus olhos serenos e doces: o milagre se fez. O corpo parou no espaço.

Quando soares na tarde que mor-

re, os sinais da Ave Maria, os lábios do trabalhador que ia morrer estarão ainda cantando e orando.

Ave Maria, cheia de graça!

— XV —

Que estranha predestinação a tua, Frei Palácios?! Como Moisés — fizeste surgir a água da rocha; como Josué paraste um corpo no espaço; como Jesus — apascentaste as águas e subiste êste Calvário.

— XVI —

Já por muito mais de uma década gastaste as energias do corpo na subida cansativa, as mãos nos trabalhos humildes, os lábios nas preces incansáveis. A tua fé é tão louçã como a daquele dia em que saltaste, embriagado de Fé, na Terra linda, e te acolheste à lapa sagrada — mas o teu corpo, pobrezinho de Nossa Senhora da Penha, o teu corpo já não suporta o pêso e o esplendor de tua alma. Ela é demasiadamente grande para a tua matéria.

... E maio enche a natureza de festa, Frei Palácios. O céu é tão puro que as nuvens se esgarçam. O sol é tão brando que os seus raios parecem dedos santos acariciando as cousas da Terra. As vagas irizam-se nas espumaredas. Nas linhas do horizonte, as caravelas empavezadas, cavando nas ondas o caminho para a Terra de Santa Cruz — oferecem ao sol brando, ao ar puro, às nuvens brancas, entre — remígios de aves marinhas

(... estilhaços de neves no céu dos trópicos...)

— vermelha, como de sangue Divino de Cristo — a Cruz de Cristo.

E tu, dentro do alvorôço da vida, tu, Frei Palácios, vais morrer. Anacoreta — descalça a tua sandália, aproxima-te do altar, eremita; curva o teu joelho, encosta-te ao altar para não rolares ao chão, levanta, na última prece na Terra, as mãos cansadas para Aquela por quem deste a Vida, o Amor e o Sonho; recebe nos olhos que se enevoam, que se abismam na escuridão da morte, o clarão dos olhos de

Nossa Senhora da Penha!

— XVII —

— Tu morres, Frei Palácios, e já não vês e já não ouves. Já não vês, dobrado sôbre os degraus do altar, que a Capela está banhada de luz

— de uma luz que não é sideral, que é a mãe das Luzes, que existia antes das luzes, a mesma que brilhou sô-

bre o mundo quando o espírito de Deus pairou sobre as águas — a Luz do Criador. Já não ouves, Frei Palácios, senão ouvirias os sinos da Ermida solitária. Sim, Frei, os sinos de tua Ermida estão batendo, estão tangendo

— dolorosamente, fúnebremente.

E tu já não vês e já não ouves: a vilazinha vem, até aqui, soluçando de dor — para te encontrar, de joelhos — dentro da morte, orando à Virgem Maria!

Maio, como uma flor imensa, abriu a sua corola de esplendores para que tivesses a mais garrida impressão final da Terra Capixaba, e varreu as nuvens do espaço para que os teus passos cansados não tivessem dificuldade em palmilhar os caminhos do Céu!

Ave Maria cheia de graça!

— XVIII —

De onde estejas — vê, escuta, agora. Todos estamos aqui, prosternados e comovidos diante da atalaia do teu Sonho, da obra imorredoura do teu intenso Amor, da Ermida das Palmeiras.

Aqui estão, em pessoa, por representação, em pensamento, todos os que têm fé. Aqui estão — teus seguidores na senda-santa, os teus irmãos Franciscanos. Aqui estão as autoridades civis, militares e Eclesiásticas. Aqui está, na magnificência simbólica dos seus trajes, na modéstia encantadora de sua atitude, na ternura viril de sua fala, no brilho de sua inteligência privilegiada — votada a Deus num apostolado incorruptível — Dom João Batista da Motta e Albuquerque — Bispo amado do Esp. Santo. (Que cousa interessante acontece, neste momento, Frei Palácios: desde ontem o Estado é Província Eclesiástica. Precisamente no momento em que se festejam os teus 400 anos de chegada à vilazinha bárbara — o Espírito Santo é — elevado, por Pio XII — (fôrça da Fé incorruptível no mundo corruptível e corrupto) — à Província, do Espírito Santo. E isto ocorre quando o comando das almas está entregue a um santo e grande varão — Dom João Batista da Motta e Albuquerque!). Estão aqui autoridades máximas da Igreja Católica no Brasil, representadas pelo nobre, ilustre e virtuoso Dom Cavatte. Todos estamos aqui para te prestar, a ti — Frei Humilde e Santo — grão de mostarda que cresceu nas mãos de Maria — a mais profunda das homenagens — a que nos olhos põe a lágrima, e nos lábios — a prece.

... O Brasil, inteiro, neste instante, acolhe-se à sombra de tua Fé e de tua Ermida.

Nada te trazemos, Frei Palácios, que não o nosso coração.
E, no alto desta penedia, mergulhada no Céu, como um símbolo
da Fé e dos anseios do Homem

— como um promontório da Terra no espaço Celeste —
nós te vimos pedir.

— Roga por nós, Frei Palácios, pobrezinho da Ermida das Palmeiras.

— Roga por nós, Protegido de Maria.

De tua pobreza na Vida e de tua riqueza na Fé, tira a esmola
para os ricos e os pobres do mundo.

— Roga por nós, Frei Pedro Palácios!

(ORAÇÃO ESCRITA PARA AS COMEMORA-
ÇÕES DO IV.º CENTENÁRIO DA CHEGADA
DE FREI PALÁCIOS AO ESP. SANTO —
1958). —

Vida do Fundador da Penha, Frei Pedro Palácios

(Transcrito do “Correio da Victoria”, edição de 28 de junho e 2 de julho de 1872 — excertos tirados à “Chronica dos Frades Menores da Provincia do Brasil, de Fr. Jabotam”)

33. Em o n. dos nossos com os quaes começamos agora, depois que ao Brasil chegarão os Padres Jesuitas, tem o primeiro lugar um Religioso menor por nome Fr. Pedro Palácios, ou do Rio Secco, por ser natural de Medina do Rio Secco, junto a Salamanca. Dos titulos de sua ascendencia, não achamos outro mais autentico, que o do seu appellido (sic) Palacios, por trazer do nobre solar d'esta familia a sua origem e por ella hespanhol por nascimento, e no seu estado de Religioso, Leigo por profissão. Esta havia feito na provincia de S. José de Reformados em Castella de donde se passou para a da Arrabida, em Portugal, que n'aquelle tempo começava a florescer com as sombras dos humanos discursos, e inveja dos espiritos seraficos. Era um d'estes de Fr. Pedro Palacios, e tanto o arrebatou o solitario daquella Serra, mui accommodada ao elevado dos rãos rãos, (sic) que para ella quiz mudar a sua habitação.

Nesta se incorporou sendo já de idade provecta, á instancia da Rainha D. Catharina, e a rogos do doutor Paulo de Palacios, seu pregador e Esmoller, parente mui chegado de Fr. Pedro, e bem poderia ser que fossem irmãos, como está persuadindo a confrontação dos nomes de Pedro e Paulo, e identidade dos cognomes de Palacios. Passado já para Arrabida, e tendo servido no Hospital Real de Lisboa, de enfermeiro alguns annos, assistindo aos doentes com grande amor e caridade, havida licença do Padre Custodio da Arrabida, Fr. Damião da Torre, passou ao Brasil. Em uns autos, que no anno de 1640 mandou o Custodio Fr. Manoel de S. Maria, trasladar dos que em publica forma forão tirados em o anno de 1616, á instancia do Custodio Fr. Vicente do Salvador e se guardão no Archivo do Convento da Victoria, Capitania do Espirito Santo, temos uma certidão jurada do irmão Fr. Simão da Apresentação, na qual attesta tivera em seu poder um cartapacio, que fora do uso de Fr. Pedro de Palacios, no qual entre outros assentos de sua letra, se achava um, que dizia ser filho da provincia de S. José e incorporado na da Arrabida.

34. Como o espirito d'este servo de Deus era tão arrebatado, querendo sempre subir de mais a mais, deu outro vôo, e foi elle tão prolongado que, da Serra da Arrabida em Portugal,

passou á Penha do Espirito Santo, no Brasil. Era nos principios, em que se dava calor ás conquistas d'estas partes do novo mundo, e assim como á fama, ou fome de suas riquezas arrastava a muitos, dos que as servem, a passar a ellas, o zelo na salvação das almas dos seus naturaes movia aos servos do Senhor ao mesmo transito. Aquelles a esquadriñar as entranhas da terra, para lhe arrancar o ouro a prata e outros temporaes haveres — estes a abalarem os corações frios, para lhes introdusirem o fogo da caridade e amor de Deus; áquelles incitarão-os os interesses proprios — a estes o bem alheio.

Estes trasia agora, como a outros, a Fr. Pedro de Palacios. Da sua passagem do Reino para o Brasil, só achamos escripto, fôra o anno de 1558, e sendo o navio que o transportara, acomettido na viagem de uma rija e furiosa tormenta, nos ultimos apertos, recorrendo os navegantes a Fr. Pedro pelo bom conceito, que já havião formado de sua virtude, e tomando-lhe o manto o lançarão ao mar, e foi o mesmo estender-se sobre as aguas, que abaixaram logo a soberba de suas empolladas ondas; ausentarão-se os ventos que as movião contrarios, e soprando outros mais favoraveis, tomarão o porto com feliz viagem no de Villa-Velha, Capitania do Espirito-Santo. Com os mais desembarcou tambem Fr. Pedro de Palacios, e cada um cuidou de si, sem darem accordo do servo de Deus.

Era o lugar de poucos visinhos, e procurando depois os companheiros por todo elle, a Fr. Pedro nem o achavão, nem quem d'elle desse noticia; e como o seu bom trato e suave conversação, como o exemplar da vida, lhe tivesse já no coração grangeado affectos, e na vontade desejos de os ver, entrarão com maior cuidado pela sua falta. Esta se devulgou logo pelos moradores da Villa, e uns e outros se derão pressa de o buscar; e depois de feitas debalde algumas diligencias, lhe veio ao pensamento ao terceiro dia, já temerosos de algum caso, de subirem a um alto morro e serrarias de Penedos, que alli ao pé da Villa se levanta sobre um empinado monte, e no mais alto d'elle, como simples pomba, que, para se segurar do caçador, vai fazer o ninho nas aberturas da pedra, chamada pela voz do seu destino, acharão a Fr. Pedro em uma das d'aquella Penha mui descansado, qual alma solitaria, a quem o Divino Esposo chama com a voz interior para nas concavidades da Penha faser a sua perpetua morada. Saudarão-no admirados, perguntando-lhe todos: — o que é isto P. Fr. Pedro? e elle os recebeu alegre, dizendo-lhes: — já, amigos, achei o que buscava. E, ou fosse com elles para a Villa, naquella occasião, ou se deixasse alli ficar, este inculto e solitario monte escolheu Fr. Pedro para sua habitação.

35. Começa esta admirada montanha a levantar-se moderadamente em pouca distancia junto ao caes da primeira villa do Espirito Santo, chamada já naquelle tempo Villa-Velha, pela nova, que depois se levantou na Ilha, e se chama da Victoria, pela causa, que já fica referida em seu lugar, e depois de ir

crescendo, e estendendo-se para o alto por uma ladeira de bastante distancia, no collo desta se levantão o que chamão Penha, ou Morro, que forma um como pavilhão, ou coruchéo daquelle Montanha. Neste collo, ou fim da ladeira, e principio da Penha, em uma gruta, que alli se formava, deo ordem Fr. Pedro a lavar huma capellinha com o título do Serafico Patriarcha S. Francisco, com seu altar, e neste, com a Imagem do santo, collocou tambem huma mui devota da Senhora da Pena. Este foi o titulo, com que primeiramente foi venerada nesta capellinha do Santo Padre a Imagem da Senhora, e este logrou em vida do seu instituidor, e já collocada na outra hermidã, que depois desta levantou no mais alto do Morro, ou Penha, e este mesmo de Senhora da Penha conservou muitos annos, ainda depois da morte do seu Devoto Servo Fr. Pedro. Porque nos autos authenticos, de que já fallamos, das testemunhas, que jurarão nelles, e tirados no anno de 1616 á instancia do Custodio Fr. Vicente do Salvador, e á ordem do administrador o R. Matheus da Costa Aborim, e pelo vigario Gonsalo Vás Pinto, este mesmo titulo da Pena se dá nelle á Imagem da Senhora, tanto pelo tabellião, que os approvou, como pelas testemunhas, que nelles jurarão. Com este mesmo titulo da Pena era venerada a Imagem da Senhora, quando no anno de 1589 forão os nossos Religiosos tomar posse da capellinha por ordem do administrador o R. Bartholomeu Simoens Pereira, achando-se elles alli já neste anno para a fundação do convento da villa da Victoria. E porque não ficasse duvida, não só que este foi o titulo que teve a Senhora alli naquella sua Imagem desde o principio; mas tambem que esta Pena, que inculca o titulo, não é a com que se escreve, como querem dar a entender os que nas mãos da Imagem da Senhora põem por timbre, ou divida huma penna; mas que era Pena, que significa dor, angustia, e tormento, como o que espiritalmente sentio a Senhora em sua alma; por isso o P. Custodio Fr. Manoel de Santa Maria, que no anno de 1648 trasladou de sua mão e propria letra, aquelle Instrumento, em toda a sua escriptura, e nas vezes, que falla em o nome Pena, como titulo da Senhora. sendo em Portuguez, sempre a escreve com o dithongo de ae, Latino, para tirar a equivocação, que de huma, e outra Pena se poderia originar. Este mesmo titulo, finalmente, conservava ainda a Imagem da Senhora no anno de 1650, como consta do cartorio desta provincia no titulo da fundação do sen conventinho, que n'este mesmo anno teve principio com o de Senhora da Pena, que o tempo, que tudo muda, com pouca corrupção, e muita propriedade, pela do lugar, em que está, transferio de Pena para Penha, como hoje hé conhecido.

36. Concluida com brevidade a capellinha do Serafico Patriarcha, tanto pela pequenez da sua fabrica, como pela concurrencia dos devotos do Servo de Deos, entrou na diligencia de fabricar outra para a Senhora da Pena, no cume da Serra, e sobre aquella altissima Rocha, ou Penedo, que serve de coroa áquelle Monte. Tudo conseguiu com ajuda dos devotos, especial-

mente de Melchior de Azevedo, homem rico, e muito particular affecto de Fr. Pedro. Nem podia deixar de ter nesta obra muitos coadjutores; porque o Servo de Deos era o primeiro que, pegando nas pedras, ás suas costas as conduzia por aquelle aspero, e alto monte, em quanto durou a obra, que completa, collocou nella a Imagem da Senhora, com singular jubilo da sua alma, e grande consolação de todo o povo. Assim o depõe todas as testemunhas do seu processo, humas, que o virão, outros que o ajudarão. Hum destes foi André Gomes, que sendo moço acompanhava o Servo do Senhor, quando fazia pelas ruas da villa a sua doutrina, e depõem que seus dous irmãos, Amador Gomes, e Braz Pires, ajudarão a Fr. Pedro a faser a obra da capellinha da Senhora da Pena; e assim attestão as mais, que nos ditos autos jurarão, e concordarão todas sem discrepar, que o Servo de Deos Fr. Pedro de Palacios fora o fundador das duas capellinhas primeiras daquelle monte, a de S. Francisco no collo da ladeira, e a de N. Senhora da Pena sobre a Penha alta, que nelle descansa. E assim fica tirado tambem o engano de alguns, que cuidarão, e ainda escreverão, que quando alli chegou Fr. Pedro, já havia aquella capellinha, da qual pelo zelo do Servo de Deos lhe fizera a entrega della o seu fundador, ou os que por este a administravão.

37. Todo o referido se confirma por indubitavel pela escritura da doação, que da dita capellinha da Pena, ou Penha, fez D. Luiza Grinalda viuva de Vasco Fernandes Coutinho, segundo donatario da capitania do Espirito Santo, a qual Senhora, como sua governadora, e proprietaria, como a camera, e povo da villa fez a tal doação aos nossos Religiosos, quando chamados pelo mesmo povo, e senhorio, chegarão á villa da Victoria para fundarem convento alli; passada esta escritura em publica forma a seis de dezembro de mil quinhentos noventa e hum, na qual se expressa, se dava aos Religiosos menores a administração da capellinha de N. Senhora da Pena, **Por respeito,** (são palavras formaes da propria escritura) **de a haver fundado hum Religioso de sua ordem chamado Fr. Pedro, que alli viveo com licença de seus Prelados muitos annos, com muito exemplo de vida, e edificação do povo, e ahí acabou virtuosa, e santamente, e foi sepultado em huma Hermida e Capella, que a esse tempo tinha feito.** Tirada parece fica toda a duvida de quem foi o fundador desta capellinha da Senhora da Penha do Espirito Santo.

CAPITULO IX (XI?)

Dos exercicios expirituaes do Servo de Deos Fr. Pedro de Palacios no Monte da Senhora da Penha.

38. He a solidão o suave descanso das almas devotas, a melhor officina dos seus espirituaes aproveitamentos, a e forja ardente, em que mais se apurão no amor Divino. E porque

este, para ser perfeito, assim como se deve exercer com Deos, se ha de juntamente exercitar com o próximo; porque nestes dous eixos, ou bazes, se funda toda a lei, e preceitos do mesmo Senhor, este foi tambem o termo do seu Servo Fr. Pedro de Palacios. Dos exercicios espirituaes, e particulares deste bom religioso na solidão, e retiro daquelle monte, não temos individual noticia, mas, se havemos estar por aquelle aphorismo certo de que os sentimentos da alma se explicão, ou dão a conhecer pelos sentidos corporaes, ou exteriores, e o que tem o coração manifesta a boca; do que prégava, e persuadia Fr. Pedro áquelle povo, e do mortificado, e penitente do seu corpo, bem se deixa vêr, que os seus exercicios cotinuaos erão oração, jejuns, disciplinas, e mortificações, não só porque isso inculcava o exterior da pessoa, mas porque êste era o repetido thema das suas praticas, e doutrinas.

39. Todos os Domingos, dias Santos, e festas maiores da Igreja, sahia do retiro da sua Penha, e indo ter á residencia dos Padres Jesuitas na villa da Victoria, alli se confessava com o Padre Braz Lourenço, primeiro que achou, e com os mais, que se lhe forão seguindo, com actos de verdadeiro penitente, communhava com affectos de consummado justó, ouvia missa com devoção, e dahi se retirava para o seu domicilio. Nestes mesmos pela tarde, e nos mais, por muitas vezes, o seu exercicio era prégar ao povo pelas ruas, doutrinas aos meninos nos mysterio da fé, e persuadir a todos que jejuassem, se confessassem, e fizessem penitencia de suas culpas, para alcançarem de Deos o perdão dellas, e este era o thema commum, e assumpto geral de toda a sua doutrina, e praticas, assim publicas, como particulares. Para ellas se vestia de sobrepelliz, com huma Cruz nas irmãos (sic — mãos?), e acompanhado dos meninos do lugar, e da villa, assim velha, como da Victoria, corria todas as suas ruas, com hum tão intranhavel, como conhecido zelo do bem das almas. Outras vezes, quando pedia a necessidade, sahia a pedir esmola, e tendo aquella que julgava precisa para os dias, em que se havia occupar em outros exercicios, e não podia tornar á villa, ou para acudir com ellas a necessidade de outros pobres, não acceitava mais nada, ainda que para isso fosse importunado. Quando sahia do seu monte para a villa, desembarcando no porto della, o primeiro caminho, que seguia, era o da Igreja matriz, a adorar o Santissimo Sacramento, o que fazia com a boca em terra, por grande espaço, e huma dilatada, e devota oração a qual acabava hia direito á sala do parochó, e posto de joelhos lhe beijava a mão, tomava a benção, pedia licença para continuar com o seu exercicio, ou de pedir esmola ou fazer a sua doutrina. Se lhe era preciso pernoitar na villa, o fazia em caza de algum devoto. e mais continuadamente na do capitão Melchior de Azevedo, muito seu particular, e affectuoso, e a quem o Servo de Deos amava muito. Este devoto homem o ajudou com particular cuidado, e esmolas nas obras das suas capellinhas, e já quando Fr. Pedro se achou mais envelhecido, lhe deu

hum negrinho, seu escravo, para assistir com elle no retiro do monte. Para passar a noite lhe mandava o seu devoto fazer cama, como a hospede, mas elle acceitava só por obséquio seu, e não para descanso do corpo; porque, quando já recolhidos todos, e feitos os seus costumados exercicios, se deitava no chão, pondo á cabeceira algum tronco ou pedra, ou outra qualquer dureza, que se lhe offerencia á mão. Esta mesma era a sua cama na Hermida de S. Francisco do monte, aonde de ordinario assistia ao pé do Altar do Santo; sobre hum taboa aspera passava os breves intervallos da noite, que lhe restavão da oração, e mais exercicios, com hum pedra dura por cabeceira. Por companheiros mudos mas fieis da sua solidão, conservou por todo o tempo que alli viveo, hum gato, e hum cachorrinho, e quando sahia aos seus exercicios de esmola, ou doutrina, tantos dias determinava estar auzente, quantos montinhos de farinha lhes deixava alli, e fallando com elles, lhes dizia, apontando-lhes os montinhos da farinha: irmão gato, (assim o tratava, e mais ao companheiro) eu hei de estar tantos dias fora, aqui ficão estas rações para vós outros ambos; hum para cada dia e esta última a haveis de comer depois que eu aqui chegar e assim o fazião; e assim o depôs a testemunha André Gomes, que sendo rapaz, acompanhava ao servo de Deos nas sahidias, que fazia á doutrina das missoens, e Aldêas, dizendo, que vindo muitas vezes de fora com elle, completos os dias, achavão ainda a ultima razão, e na mesma forma, em que ficara, a qual com a sua chegada, chegando-se tambem a ella os dous companheiros, então, a comião.

(40. ?) Estas viagens do Servo de Deus, em as quaes se detinha aquelles dias, erão commumente para as Aldêas dos gentios, que habitavão por aquelles arredores das Villas do Espirito Santo, que depois de tantas, e tão continuadas guerras, e destroços, como ficão referidos alguns, na sua fundação, vivião já em paz por este tempo com os Portuguezes, mas ainda não aggregados ao gremio da Igreja, e a estes se terminavão as visitas do Servo de Deus Fr. Pedro. Alli se detinha entre elles alguns dias, cathequisando a huns, batisando a outros, em especial aos meninos, e crianças, e fasendo em todos admiraveis fructos de conversão: e este era um dos maiores empregos do seu abrazado, e Apostolico zelo. Elle foi o primeiro Prégador, e Annunciador do Santo Evangelho que tiverão os gentios desta Capitania, na qual elle só por muitos annos foi o maior instrumento da conversão de muitos, não só para á Igreja, tambem para a mais fixa, e verdadeira amisade com os Portuguezes: porque supposto que já quando no anno de 1558, chegou ao Espirito Santo, Fr. Pedro, tinhão nesta Villa hum Residencia os PP. Jesuitas desde o anno de 1551, e nella Religiosos de assistencia, havendo alguns sette annos, ainda não havião até este tempo dado principio a conversão do gentio. Não he discurso este da nossa vontade, hé expressão de duas testemunhas, que assim o expõem com esta explicação no instrumento juridido,

que já disse, mas se tirou na mesma Villa. He a primeira, Amador de Freitas, capitão da Aldêa de Reretiba, e morador em Villa Velha, de idade de sessenta e nove annos: — Disse que conhecera ao Padre Fr. Pedro Religioso Leygo da Ordem de S. Francisco, haverá cincoenta annos, nesta Capitania, o qual era tido de todos por Varão Santo, e de muito exemplar vida, andando pelas Aldêas desta Capitania, aonde ainda então não residia Padre da Companhia, e batizava os Indios ensinando ou trossim a doutrina Christã pelas ruas &. A segunda he Nuno Rodrigues, morador na Villa do Espirito Santo, homem de idade de cento e dous annos, e adverte a leitura do tal instrumento, que tendo toda esta idade, estava em seu juizo perfeito, e andava pelas ruas por seus pés, e bem disposto, indo todos os dias ouvir Missa, e tratando com quem lhe convinha: — Disse que conheceo aqui na Villa do Espirito Santo o P. Fr. Pedro Religioso Leygo da Ordem de S. Francisco, haverá cincoenta annos, ao qual tratou particularmente, e lhe disse que era Castelhana de Nação, natural de Medina do Rio Secco, perto de Salamanca, e o vio ordinariamente andar pelas ruas, ensinando a doutrina Christã aos meninos e a todos, e o mesmo hia faser pelas Aldêas dos Indios, aonde ainda não residião Religiosos da Companhia, senão aqui na Villa, e lá nas ditas Aldêas bautizava aos Indios, que se convertião á Fé Catholica, e era muy zeloso da salvação das almas. Este he o dito destas duas testemunhas, acazo expressado por ellas, e muito a proposito para justificar, que se Fr. Pedro não foi o primeiro Religioso, que chegou á Capitania do Espirito Santo, porque antes d'elle chegarão outros; foi o primeiro Pregador e Annunciador do Santo Evangelho, que deo o conhecimento da Fé, e luz da verdade Catholica ao gentio da terra, por que não perdessem os Filhos de Francisco esta Primasia nas Conquistas do Brasil, ainda quando não são os primeiros, que a ellas chegaram.

41. Não só os indios das Aldêas, e moradores das Villas do Espirito Santo, e Victoria, participavão da saudavel doutrina do Servo de Deus, tambem sahia a comunicar este espirital pasto aos Colonos Catholicos de outros lugares, e póvoagens visinhas. A uma chamada o Engenho de Tocoari, visitava mais vezes, e queixando-se-lhe os moradores de padecerem continuadamente o achaque de febres, e sezoens, pela humidade, e intemperança do sitio, de que perigavão huns, e outros ficavão com os ruins effeitos, que este impertinente mal, a que chamão vulgarmente maleitas, costuma deixar, e das quaes morrião muitas crianças; lhes dizia Fr. Pedro, com a sua Santa singeleza e graça divina de dizer: Quereis que o mal fuja do Lugar, fazei aqui hum Capellinha de S. Francisco, que hade o Santo alcançar de Deus e permittir o Senhor que este inimigo não possa tornar aqui, nem vos hade perseguir, Isto lhes dizia algumas vezes o Servo de Deus, e elles assim o vierão a experimentar; porque feita com brevidade a Capellinha do Santo Pa-

triarcha, desde então até a presente, nenhum mais enfermou daquelle achaque.

42. Em certa monção chegou ao Porto do Espirito Santo hum navio de Lisboa, e topando-se o Servo de Deus com Gomes de Avila, que alli morava, lhe perguntou se tivera boas novas do Reyno, (era este homem de lá natural), e dizendo-lhe que sim, accrescentou Fr. Pedro, e que feito ha de humas velas, que sua Mãe manda para Nossa Senhora? Ao que o homem respondeo, não sabia de tal; e Fr. Pedro lhe tornou, que sua Mãe mandara do Reyno humas velas para a Senhora da Pena: e assim era, por que elle as entregou depois; e adverte este mesmo, como testemunha, que o não havia dito a alguém: para que com as mais graças e dons da sua alma, mostrasse, lhe tinha Deus communicado tambem o conhecimento do passado, e ainda a previsão do futuro no que se segue.

CAPITULO XII

Do santo fim e fama gloriosa do Servo de Deus Fr. Pedro Palacios e trasladação dos seus ossos

43. Com estas, e outras obras admiraveis do seu espirito, com o exemplar da sua vida, e a grande caridade para com os proximos, era o Servo de Deus Fr. Pedro tido por todos que o conhecião, e tratavão por Varão de Deus, homem santo, e como tal querido, e venerado daquelle Povo, com muito singular, e reverente estimação: e tudo isto lhe quiz confirmar o mesmo Senhor, concedendo ao seu fiel Servo o conhecimento anticipado da sua morte. Alguns dias antes sahindo elle do retiro do monte á Villa, ao despedir-se de alguns seus devotos mais particulares, perguntando-lhe estes, quando havia tornar, lhes respondeo, que lhe parecia não tornar mais alli. E porque elles mostrarão entender que fallava assim com intelligencia de ser chegado o tempo da sua morte: lhes tornou dizendo, que ele havia pedido a Deus, que o não matasse em quanto não fizesse a festa da Senhora da Pena; e assim aconteceu, porque fazendo-se na Segunda feira a festa da Senhora, na Quarta desceu do monte á Villa o negrinho que com elle assistia, com a noticia de que o P. era fallecido.

44. Concorreu para o Monte em numerosa multidão o Povo da Villa e acharão o seo cadaver de joelhos, encostado ao Altar da Capellinha de S. Francisco, sua commua habitação, com as mãos levantadas ao Céu, como quem orava, e para onde podemos crer voara sua alma e junto a elle o animalzinho gato, seu fiel companheiro: com lagrimas, e suspiros, e hum geral sentimento de todos, depois de lhe beijarem enternecidos os pés, lhe derão sepultura no Alpendre, ou copiarsinho da Hermita da Senhora da Pena junto ao portal, que entra para ella, aos dous de Maio do anno de mil quinhentos e setenta.

45. Por morte do servo de Deus Fr. Pedro, conforme consta da escritura já referida da doação da dita Capella aos Religiosos menores ficarão com a administração della os donatarios da terra, e para o cuidado, e culto os Irmãos da sua Confraria, sendo o principal destes hum Nicolao Affonso, homem rico, e particular devoto de Fr. Pedro, a quem sendo ainda vivo o servo de Deus havia rogado com instancia tomasse cargo a Capellinha da Senhora para a melhorar de fabrica, e accrescentar de obra; e este mesmo devoto, depois da morte de Fr. Pedro, não se esquecendo do que lhe havia pedido elle, fez de novo a Capellinha da Senhora na forma em que estava, quando se entregou aos nossos Religiosos. Assim o depõem algumas testemunhas do referido summario da sua vida, esta reforma da Capellinha se fez no mesmo lugar da primeira sem mudança mais que na perfeição da obra.

46. Passados trinta e nove annos (1609), sendo Prelado mayor desta Custodia, segunda vez, o Irmão Fr. Leonardo de Jesus, como zeloso de que a memoria do Servo de Deus Fr. Pedro ficasse mais viva no coração dos seus devotos, e confiado em que sem duvida o Senhor para a conservar firme nos vin-douros, não deixaria de o mostrar com os novos prodigios na trasladação dos seus ossos, ordenou ao Guardião do Convento da Villa da Victoria Fr. Antonio da Estrella, fosse a Hermida da Senhora da Pena, e della os traladasse para o dito Convento. Aos dezoito de Fevereiro de mil e seiscentos e nove o Guardião com alguns Religiosos mais passarão da Victoria para a Penha, e aberta a sepultura do Servo de Deus, della forão tiradas as suas Reliquias; os ossos limpos, e a calvaria com os seus miolos inteiros, e seccos sem corrupção alguma, um pedaço do cordão e outros do habito.

47. Huma memoria, que vimos, tirada ao Archivo de Santo Antonio de Lisboa escreve, que no cuidado de se fechar esta sepultura se gastarão tres dias, diligencia sem duvida escusada; porque a mesma diz, como assim he, que o corpo da capellinha está todo em rocha viva; e só no Alpendre ao entrar da porta principal da mesma capellinha, havia uma grota a moda de sepultura: que ao fazer da capella se encheo de terra, e nesta he que foi mettido o seu corpo, para elle sem duvida guardada pela Providencia desde o principio; pois naquelle coruchéo, ou Penha superior, onle está fundada a dita capella, por ser, como fica dito, toda em pedra viva, não havia mais terra que esta, com que se encheo aquella gruta, ou cova; e assim era imprudencia buscá-la em outra parte. Tambem tinha pouco que esquadrinhar esta sepultura, pois era tão patente, e não havendo ainda quarenta annos completos da morte do Servo de Deos, e muitas pessoas vivas, que assistirão ao seu enterro, e a fama dos seus prodigios, que a não podião ter muito oculta, sendo alli conti-

nuamente buscado para as suas necessidades, pelos de fora, e da villa. Outro registro havia mais notorio para se não duvidar onde jazia o corpo do Servo de Deos, e era a campa, ou pedra, que sobre ella estava assentada, e com a inscripção, que logo veremos. O certo hé, que na deligencia de se achar a sua sepultura, se não pôs cuidado algum. Maior o devia haver em se executar aquelle acto com mais cautela; mas ou fosse beneplacito do Senhor, para maior credito do Seu Servo, e confirmação da sua santa opinião, e boa fama, ou porque se não cuidasse no seu resguardo, o concurso de povo foi igual á sua devoção; porque se achou o monte occupado de toda a sorte de gente sem distincção de pessoas. De todas forão veneradas, com lagrimas de devoção, e jubilos da alma, as defuntas reliquias, não como despojos tristes da morte em commum; mas como insignias gloriosas da immortalidade, e bemaventurança nos justos.

48. Entre tantos alvoroços de prazer, e alegria, não deixou de haver algum dissabor, ou desconsoação espiritual naquelle Povo da Villa Velha, do Espirito Santo, que com lagrimas e razão rogarão aos Religiosos, os não quizessem absolutamente privar de hum tal thesouro, do qual por tantos annos estavam de posse, e que para o lograrem tinham da sua parte o beneplacito de Deos, que de tão longe trouxera á sua terra aquelle bem, o serviço, e honra da Senhora, em que elle tanto se havia esmerado em sua vida, e com assistencia do seu corpo alli seria continuado com o mesmo affecto de todos, e a vontade do Servo de Deos, que nelle quíz escolher o descanso para o seu corpo.

49. A estas arrezoadas queixas do devoto Povo, satisfez facilmente o Prelado, com o discurso, de que o primeiro intento dos Religiosos não era priva-los daquelle bem, e consolação, era sim pertenderem dar áquelles venerandos ossos mais decente jazigo, e tê-los em sua companhia, não só como a despojos communs de Irmão, mas para a decencia, e culto devido aos merecimentos do Servo do Senhor, o que tudo se conseguio melhor no convento da Villa da Victoria, onde como era maior, e mais frequente o concurso do Povo, tambem seria mais publica, e continua a veneração das suas Reliquias, das quaes deixaria alli tambem algumas, para desaffogo, e objecto da sua piedade, do que não consta, se assim como se prometteo, fôra executado. Com isto se derão por satisfeitos, e com novos alvoroços de devoção se fez aquelle acto de transferir os ossos do Servo de Deos do Monte da Penha para o convento da Victoria, sendo levados em procissão solemne aos hombros dos principaes do Povo, com hum numeroso concurso de ambas as Villas, entre muitas luzes, e canticos sagrados, e recolhidos em hum Tumulo de pedra lavrada na capella do Serafico Doutor S. Boaventura, deixando para memoria de que a sepultura da Penha fôra jazigo primeiro do corpo de Fr. Pedro de Palacios, sobre ella a mes-

ma campa de pedra, que antes tinha, e que já apontamos com a seguinte inscripção:

Sepultura do Santo Fr. Pedro Palacios, natural do Rio Secco em Castella fundador desta Hermida, que assim na vida, como depois da morte, floreceo com milagres. Fal/eceo na Era de 1570

50. Assim como não quiz o Senhor que a trasladação dos ossos do seu Servo se fizesse com o silencio, que se devia; assim permittio que ao sóque (sic toque?) delles se renovasse na terra a fama dos merecimentos, que lograva do Ceo. Achava-se gravemente enfermo de febres continuas o Irmão Chrorista Fr. João dos Anjos, em o mesmo convento da Villa da Victoria, e tendo tomado alguns remedios sem effeito, lhe aggravarão mais o achaque; e indo naquelle mesmo dia o guardião aonde estava o enfermo, e levando hum dos ossos do Servo de Deos na protecção do seu Servo, e que esperasse ter melhora, a qual o enfermo logo conseguiu. Com a fama deste prodigio concorrerão logo outros varios, a pedir Reliquias dos ossos, que sendo-lhes dados, sararão todos. Na mesma ocasião Duarte de Albuquerque de uma enfermidade grave, que se não explica no processo; e nos dias seguintes, João Gonçalves, a mulher de Lourenço Affonso, e huma menina sua, e Gomes Fernandes, todos estes, e outros mais, por depoimentos seus proprios, e de varias testemunha, sendo huma destas Fr. João da Assumpção, que depõem o milagre do Religioso enfermo, sendo elle nesta occasião o presidente do Convento da Victoria, e presenciou o cazo. Todos estes e outros semelhantes constão por depoimento das testemunhas referidas no allegado Instrumento, sendo tres destes o mesmo Lourenço Affonso, Gomes Fernandes, e Fr. João da Assumpção, o qual, além da milagroza saude do Religioso enfermo ao (sic) Convento da Victoria, depõem que achando-se depois assistente no Rio de Janeiro, indo em hum dia visitar a Gaspar da Cunha, que se achava enfermo gravemente de febres na cidade, em caza de Balthazar de Serós, e pedindo o enfermo ao dito, Padre algumas Reliquias do Servo de Deos Fr. Pedro, que ouvia dizer obrava com ellas muitos prodigios, lançando-lhe huma ao pescoço, que era dos seus ossos, em continente ficou livre o enfermo daquelle mal. De outros semelhantes dizem as mesmas testemunhas ouvirão falar obrarão os ossos do Servo de Deos, sarando com applicação dellas muitas pessoas de varias enfermidades, e especialmente de febres, e sezõens, de que o Servo do Senhor, naquella capitania, he particular advogado, tomando dos seus ossos algumas Reliquias desfeitos em agua, ou trazendo-as ao pescoço. Com estes prodigios, e maravilhas, quiz confirmar o Senhor os merecimentos do seu Servo, pelos quaes não só nos certificamos da bemaventurança da sua alma no Ceo, mas tambem a de o podermos venerar na terra entre os varons Santos

como hum delles; porque he certo que os milagres e prodigios nos Servos de Deos, se a não fazem, mostrarão nelles a sua santidade. A esta podemos por concluzão ajuntar o grande testemunho de outro Servo do mesmo Senhor, e seu grande Operario nesta mesma vinha do Brazil, o Veneravel Padre José de Anchieta, da Sagrada companhia de Jesus, que em huma carta sua escrita no anno de 1572, e se guarda em Coimbra no cartorio do seu collegio, diz estas palavras, fallando de Fr. Pedro de Palacios (*) : **Varão Evangelico, que viveo, e morreo santamente.** (Fr. Jabotam, Chronica dos Frades Menores da Provincia do Brasil.)

(*) Agiol. Lusit. v. 1, p. 450, lit. g. no Comment., a 18 de Fever.

Extratos do Livro do Tombo do Convento da Penha feito no Ano de 1786

Machado d'Oliveira

(Transcrito da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil — Tomo XIX. 2.º trimestre de 1856, n.º 22, pgs. 262 a 269)

Fr. Pedro Palacios foi o primeiro que no anno de 1558 construiu uma pequena choupana na raiz do morro da Penha, e depois d'isso fez um pequeno pavilhão de abobada aberto dos quatro lados de pedra e cal e sobre uma grande pedra áborda do mar, debaixo do qual collocou a imagem de N. S. da Penha, que comsigo trouxe da Europa. Este pavilhão da altura de 10 pés, e de 4 em cada face, ainda hoje (1841) existe, por ter sido construido com solidez. Junto á pedra do pavilhão ha outra sobre uma escavação a modo de gruta, tapada por uma parede de pedra e cal que tem uma pequena gelosia e uma abertura para a entrada da escavação do lado do N. Conta-se por tradição que n'esta especie de gruta morava Palacios emquanto não se construiu o hospicio no cume do morro, tendo por unicos companheiros um preto que o servia, um cachorrinho e um gato; e d'ali vigiava o pavilhão e o santo deposito.

Fr. Pedro Palacios falleceu em 2 de Maio de 1575. Foi encontrado morto de joelhos e encostado ao altar da ermida, que primeiramente fizera no alto do morro, e dedicara a S. Francisco. Diz a lenda que temos á vista, que n'esse acto os sinos dobravam por si, e que encontrou-se ja a sua sepultura aberta no alpendre da ermida. Na sua sepultura lia-se este epitaphio — Sepultura do S. Fr. Pedro Palacios, natural de Rio-Secco em Castella, fundador d'esta ermida, que assim na vida como na morte floresceu em milagres. Falleceu na éra de 1575.

Viveu n'este logar 17 annos; e por sua morte tomou conta da ermida o religioso Nicoláu Affonso, o qual coadjuvado por Amador Gomes e Braz Pires preparou e ornou melhor a mesma ermida.

A pedido de Vasco Fernandes Coutinho mandou o padre Custodio de Pernambuco, Fr. Belchior de Santa Catharina, os dous religiosos Fr. Antonio dos Martyres e Fr. Antonio das Chagas para fundarem um convento de Franciscanos n'esta capital, aonde chegaram em Novembro de 1589 a tempo que

ja Coutinho era fallecido. Principiaram elles a edificar o convento antes de 1591, por que concedendo-lhes e camara gratuitamente o terreno em que o construíram por carta de doação de 5 de Dezembro d'esse anno, é tradição que antes d'esta concessão tivera principio a obra. Fez parte d'este convento a pequena capella de N. S. da Penha por convenção das camaras da Victoria e Espirito aSnto, e approvação de dona Luíza Grinalda que governava a provincia por morte de seu marido Fernandes Coutinho. Esta convenção foi feita em 6 de Dezembro de 1591.

Tomando os dous franciscanos conta da ermida da Penha iam ali celebrar missa, e, como não havia casa para se recolherem, mandaram fazer uma escavação debaixo de uma grande pedra que fica a beira mar, tapando-a pela frente com uma parede de pedra onde deixaram uma fresta.

O processo a que se deu comêço em 27 de julho de 1616 para emprehender-se a canonisação do padre Palacios era baseado sobre os topicos seguintes:

Que era tido por varão santo e de muito exemplar vida, andando pelas aldêas a baptisar e doutrinar os indios.

Que residiu constantemente na ermida da Penha edificada por elle com muita devoção e perseverança.

Que fôra encontrado morto, de joelhos de mãos postas encostado ao altar da ermida e com caracter de homem vivo.

Que na trasladação dos seus restos para o convento da Victoria em 18 de Fevereiro de 1609 sararam todos quantos enfermos puderam tocal-os, como Fr. João dos Anjos, e Duarte de Albuquerque e uma menina de Loureiro Affonso.

Que andava pelas ruas a ensinar a doutrina christã aos meninos e indios, vestido de sobrepeliz e cruz na mão.

Que levava pedra ás costas para edificar a ermida.

Que se confessava em todos os domingos e comungava, jejuando muitas vêzes.

Que quando sahia ás esmolas, o que sempre fazia a pé, deixava no chão tantos montinhos de farinha quantos eram os dias que devia passar fóra, os quaes eram destinados para um cão e gato que deixava em casa, devendo cada um d'estes animaes comer um montinho cada dia; e se acontecia retirar-se o frade antes do dia aprazado, encontrava intactas as rações que eram orçadas para os dias que deviam preencher o tempo da ausencia calculada. D'isto se inferia que o frade tinha um poder sobrenatural sobre os proprios irracionais!

D'esta ainda se vê que foi a 10 de Março de 1623 que os Hollandezes entraram na Bahia, e em 1630 em Pernambuco. Considerando-se pequena, em attenção ao grande numero deromeiros que concorriam a ermida da Penha, os franciscanos da Victoria annexaram-lhe em 1637 um edificio, que se tornou em corpo de igreja servindo a ermida de capella-mór.

Em 28 de Outubro de 1640 approximaram-se á barra onze navios que transportavam uma expedição hollandeza com-

mandada por João Delchi: um dos navios chegando-se mais para terra mandou o seu escaler com gente que desembarcou a muito custo no dia 29 na ponta de Pirahen (ponta do Norte), e que toda foi apprehendida e conduzida ao governador, o qual fortificou-se e tomou medidas contra semelhante tentativa de invasão.

A entrada dos invasores effectuou-se no mesmo dia 29, e fundeando a esquadra dentro da barra, dirigiram-se em lanchões 600 a 800 homens á Victoria, e ahi desembarcaram no porto de Roças-Velhas (hoje Porto-dos-Padres). N'este lugar havia uma forte emboscada com duas peças d'artilharia, que accommetteram os invasores impetuosamente e os fizeram retroceder com grande perda de gente. Outro desembarque se effectuou defronte das casas do condestavel Torquato Martins de Araujo, que encontrou a mesma resistencia e foi desbaratado.

"Parece (diz a legenda) que desembarcaram em outras partes; porque é constante, que chegaram a penetrar o interior da villa, onde em diversas partes tiveram grandes choques; porém com fortuna sempre adversa, porque, além da grande mortandade que a nossa gente fez n'elles, uma mulher pellou o seu almirante, lançando-lhe na cabeça d'alto da sua casa um tacho d'agua fervendo; com cujo successo desanimaram os que pelevavam á sombra do seu valor, procuraram valer-se da suas embarcações para escaparem do furor com que os naturaes por defenderem a terra, a honra e vida de suas mulheres e filhos, cortavam n'elles."

O resto dos invasores que foram rechaçados em Victoria retirou-se para a esquadra.

Simultaneamente a esta empreza alguma tropa da esquadra desembarcou na villa do Espirito Santo, que estava evacuada, e por não acharem resistencia subiram alguns o morro da Penha, d'onde se retiraram precipitadamente pelo fogo que lhes faziam do matto as emboscadas que ahi se puzeram. Não passa porém de uma noticia incerta ou ficção a tradição popular de que os que subiram o morro arrebataram o Menino á Senhora da Penha, deixando inscripta na porta da capella esta lectra:

**Pax intrantibus, salus exeuntibus:
Propter haec, et alia contingunt nobis talia.**

Esta invasão foi a segunda que os Hollandezes tentaram sobre esta provincia, suppondo-se que a primeira foi em 1625, constando de parte da expedição de 24 navios que vinha reforçar a que ja tinha tomado a Bahia, mas que como achassem esta praça ja retomada dividiu-se e foi invadir diversos portos do litoral do Brazil. O certo é que sobre força armada d'esta nação obtiveram os habitantes da capital uma grande victoria em 6 de Agosto de 1625, dia da transfiguração, e que

este dia foi até certo tempo de grande festa n'esta provincia em commemoração d'aquelle triumpho.

É tambem tradição popular que em uma das invasões dos Hollandezes as mulheres da capital congregaram-se na igreja da Misericordia e d'ahi soccorriam e animavam os defensores; e que por isso Filippe III, que então governava Portugal, concedêra á casa da Misericordia da Victoria os privilegios que tinha a de Lisboa.

O padre custodio fr. Sebastião do Espirito Santo foi o primeiro que concebeu a idéa de edificar um convento annexo á igreja da Penha e n'este sentido foi ter com o governador do Rio de Janeiro, Salvador Corrêa de Sa e Benavides, que approvando o plano prometteu de concorrer para a obra com 100\$ rs. annuaes por meio de uma escriptura datada em 17 de junho de 1652.

Ignora-se o tempo em que começou esta obra, mas sabe-se por noticia que o que primeiro se edificou foi uma casa de pedra e barro no logar onde hoje existe a em que se dá o jantar aos quaes vão assistir á festa da Senhora; sendo aquella para morarem os que tomaram a si a direcção da obra do convento.

No anno de 1664 foi visitado o convento por Martim Corrêa Vasque Annes, filho de Salvador Corrêa, e consignou para o mesmo a esmola annual de duas rezes.

Descripção do convento na sua primitiva (sic — forma?)

A capella redonda com porta pequena; da sua circumferencia partiam quatro arcos para o exterior que formavam o corpo da igreja e no meio d'elles estava o pulpito. Em um dos dous arcos do lado da epistola havia a capella de S. Mauricio, que segundo a tradição foi erecta pelos moradores de Villa-Velha em reconhecimento da victoria que no dia d'este santo ganharam sobre os Hollandezes. Fronteiro a este arco estava outro que servia de passagem para o terraço que circumda a parte exterior do corpo da igreja que vae de N. a S.

Acima da capella de S. Mauricio havia outro arco sobre o qual estava o côro; e descendo d'este 4 ou 5 degráus se dava em uma varanda comprida com janellas para o mar e porta para o terraço. Na sua extremidade do lado de L. estava a cella do sachristão, o relógio e a casa do sino, e pela extremidade opposta passava-se para uma sala espaçosa e dous quartos com janellas para O. e S., onde se agasalhavam alguns religiosos e hospedes de distincção. Por este lado communicava-se com as cellas debaixo por meio de uma escada.

A capella faz frente a S. Do lado do Evangelho tinha uma porta que ia dar á sacristia. Quasi defronte á porta da sacristia estava uma escada de 25 degráus, pela qual se descia para as cellas debaixo em numero de 8: no fim d'estas havia uma varanda com 3 janellas, duas para N. e uma para S. O.

Antes de entrar-se na varanda eram as latrinas. Do lado opposto á varanda era a portaria a modo de uma pequena sala com uma janella ao S. Vindo-se da varanda para a porteira e depois de passar duas cellas, havia uma escada de 12 degráus que descia para o refeitório, e mais officinas de baixo, estando defronte a casa da adega, cujo maior espaço é occupado por um flanco do penedo sobre o qual se elevou o edificio, e que conserva permanente humidade na casa. A cozinha era assobradada, e com um revestimento de tijolo sobre o pavimento de madeira. Da porta chamada do **de profundis** que fecha a clusura, desce uma escada de pedra de 15 degráus, que vai dar a uma casa inferior á cozinha, e á mão esquerda de quem desce é o lugar de depósito da lenha. D'esta casa desce outra escada de pedra e estreita, de 12 degráus, que pendendo-se para a mão direita vae-se por ahi para a cisterna, que fica pouco distante e debaixo da janella da portaria, e tambem para as senzalas dos escravos, que ficam fronteiras á porteira. Da cisterna inclinando-se para baixo vae-se para a horta e fonte, que fica bem distante, e cujo trânsito é bem difficil de fazer por ser bastantemente ingreme.

Descendo-se a ultima escada descripta, e que vem da casa da lenha, enxerga-se em frente a penha que serve de base ao convento; e olhando-se para a direita, caminho da horta, ainda ella se divisa em maior prospecto. Em todo o terreno, que fica a um e outro lado do caminho que vae para a horta, ha plantação de bananeiras.

Do fim da escada pendendo-se para a esquerda, desce-se por outra de 48 degráus para uma planicie chamada vulgarmente o — jogo — onde se fizeram 6 casas pequenas para os romeiros, rematando estas pelo O. a pequena capellinha do Senhor Bom Jesus, e pelo L. a de S. Francisco, obra de fr, Palacios.

O penedo de granito em toda a sua nudez em que está fundado o convento, tem 120 braças de circumferencia. O terreno que vae da raiz do penedo até ás casas dos romeiros tem 20 braças de largura; todo elle é cultivavel: a pouca distancia dos fundos das casas torna-se a surgir o penedo, que se fórma em plano horizontal até á distancia de 18 braças e terminado por uma cruz alta; d'ahi para diante cahe o terreno em rapido declive até ás abas do morro que estão em contacto com a bella campina de Pyratininga bordada pelo mar, e que tem ao lado esquerdo a fortaleza da barra, e ao direito o rio da costa que depois de circumdar o morro da penha banha a base occidental do famoso Moreno. A galeria das 6 casas dos romeiros tem 16 braças de comprimento.

Em baixo, na praia, ha um cáes com frente para o No-

roeste, e com 18 braças de comprimento, 9 cobertas e 9 descobertas, e 6 de largura divididas em 2 repartimentos. É obra muito antiga.

No principio da ladeira ha um portico com frontespicio sobre arco com ornatos e um nicho onde estava uma imagem de S. Francisco. A ladeira é toda calcada (sic) e flanqueada de muros até acima. O 1.^o ramal da ladeira, ou o mais baixo, e que pega com o frontespicio tem 51 braças de comprido, e é de N. a S.; o 2.^o, que se dirige para N. E., tem 102; o 3.^o, que faz frente a L., tem 24; o 4.^o, que segue a N. E., tem 72. — N'este ponto sóbe-se por uma escada de 5 degráus em cima da qual está a pequena capella do Senhor Bom Jesus, com fundo para o mesmo N. E. D'ahi para cima a ladeira toma o rumo do S. O., e tem 18 braças de comprimento. No fim d'ellas está um portão ao lado esquerdo por onde se entra para o sitio das hospedarias dos romeiros. Prosseguindo-se pela ladeira a rumo de S., depois de andar-se 9 braças, depara-se á mão esquerda com o principio do penedo sobre que está fundado o convento; e andando-se mais 36 braças pelas abas do penedo se termina a ladeira e se encontra uma escada onde residiram, segundo é noticia, os primeiros religiosos na edificação do convento. Estas casas tem de comprido 7 1/2 braças, e estão repartidas em 3 lanços. Da sua porta ao penedo ha braça e meia. Tem a ladeira ao todo 314 braças de comprido, medindo-se pela linha do meio; e de largura quasi duas braças.

Deixando as casas ao lado direito, e com frente a S., sobe-se uma escada de 14 degráus chegando-se a uma pequena área ou patamar com 2 braças de comprido, por onde se desce por uma escada de 36 degráus, para as senzalas dos escravos, que ficam a S. Tambem por este patamar sóbe-se para o convento com frente a N. E., por uma escada de 11 degráus, no fim dos quaes ha um plano, ou outro patamar, com uma braça de largo, ao qual segue-se outra escada de 10 degráus. Si se quer ir para a igreja volta-se para N., e sóbe-se uma escada de 21 degráus, e depois de passar uma pequena area ou plaino, ainda encontram-se 3 degráus, que se sobem, com cara a Sudoeste, e se dá com o alpendre da igreja, e voltando a N., entra-se á igreja, depois de subir na porta ainda 2 degráus.

Depois de subir-se a ultima escada de 10 degráus, inclinando-se para a direita, Vae-se por uma área de 9 braças de comprido e 3 de largo, cercada de um muro alto e largo, para a portaria do convento, ja acima descripta, e que tem janella que olha para o Nascente.

O campo ou varzea de Pyratininga foi vendida ao convento da Penha por Catharina da Vide pelo preço de 5\$000 réis!

A 1a. pedra para a nova capella do morro da Penha foi lançada em 3 de Maio de 1744 (está 1474); e em Abril de 1745 ja estava esta concluida, de maneira que em 25 d'este mez foi n'ella collocada a Senhora.

Em 12 de Março de 1625, dia de S. Gregorio, doutor da Igreja, foi a victoria que se alcançou contra os Hollandezes, que em 8 náus vieram attacar esta provincia. Em 14 do dito mez houve outra victoria alcançada por Salvador de Sa e Benavides, em que foram mortos 40 e tantos Hollandezes, e prisioneiros dous, e tomou-se uma lancha e 4 roqueiras. Era então capitão e governador d'esta provincia Francisco de Aguiar Coutinho.

Cinquentenário do Governo de Jerônimo Monteiro

1908 1958

23 de Maio de 1958

Carinhosas e expressivas homenagens do Instituto Histórico, da Assembléia Legislativa e do Partido Social Democrático

As festividades programadas para o cinquentenário do Governo do estadista espiritosantense Jerônimo Monteiro culminaram com a brilhante sessão solene organizada pelo Dr. Ceciliano Abel de Almeida presidente do nosso Instituto Histórico Geográfico e realizada no salão nobre da Escola Normal Pedro II.

No palco, ao fundo, o busto em bronze do preclaro estadista entre flores e poses artísticas de meninas e moças. À mesa, coberta de flores, sob a presidência do Dr. Ceciliano Abel de Almeida, tomaram lugar as autoridades e figuras de máxima projeção: o Sr. Arcebispo Diocesano Dom João Batista da Mota Albuquerque, o Sr. Governador Francisco Lacerda de Aguiar, o Dr. Jerônimo Monteiro Filho, catedrático da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, o Deputado Eurico Rezende, presidente da Assembléia Legislativa, o Deputado Federal Dr. Nelson Monteiro, o prefeito de Vitória, Dr. Mário Gurgel, o Desembargador João Manoel de Carvalho, o dr. Cícero Monteiro.

Perante o numeroso e distinto auditório, abriu a sessão o presidente do Instituto Histórico, pronunciando as seguintes palavras:

Exmo. Sr. Governador do Estado; Exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano do E. Santo; Exmo. Sr. Dr. Jeronymo de Souza Monteiro Filho; Exmo. Sr. Presidente do Tribunal de Justiça; Exmo. Sr. Presidente da Assembléia Legislativa; Exmo. Sr. Prefeito Municipal; Exmo. Sr. Deputado Federal Dr. Nelson Goulart Monteiro; Exmo. Sr. Dr. João Manoel de Carvalho, Presidente do Museu de Artes Religiosas.

Sumamente comovido declaro aberta esta sessão cívica que, além de recordar o Povoamento do solo do Espírito Santo, homenageará a memória de Jerônimo de Souza Monteiro, o ex-

celso presidente do Estado, que realizou durante o quadriênio de sua administração a obra grandiosa sobre a qual vai discorrer a eminente professora Maria Stela de Novaes, digna sócia do Instituto Histórico e Geográfico do Estado do Espírito Santo.

Faz 423 anos que Vasco Fernandes Coutinho se apossou de sua donataria e 50, que Jerônimo de Souza Monteiro projetou a terra do Velho Fidalgo na Federação Brasileira como unidade capaz de progredir, de crescer, de se levantar para ocupar lugar de destaque, de relêvo ao lado de seus irmãos confederados.

Para isso conseguir o arrojado cachoeirano tinha que se revelar aos homens de sua terra e ao Brasil inteiro. E, Jerônimo de Souza Monteiro repentinamente se revelou. Ao assumir o governo traçou um programa de empreendimentos e executou-os, e ampliou-os.

Minhas senhoras e meus senhores, para o notável presidente executar o seu projeto convidou, convocou, reuniu uma pleiade de patrícios de boa vontade, trabalhadores, leaes e devotados a ele e às canseiras de uma administração de atividades excessivas. Fui o mais modesto e também o que menos produzia. Excluo-me, pois, dêsse grupo de escol, cujos membros: — Dr. José Bernardino Alves Junior e Dr. Carlos Xavier Paes Barreto, ausentes, estão representados por mim e, presente, aqui se acha, o desembargador João Manuel de Carvalho. Outros companheiros da jornada magnífica e inesquecível partiram para a Mansão dos Justos.

E minhas senhoras e meus senhores, quis a Infinita Misericórdia de Deus, que ainda fôsse o mais inexpressivo, o mais apagado, o mais humilde dos auxiliares de Jerônimo de Souza Monteiro que, como presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Estado do Espírito Santo, e como presidente da Comissão Organizadora das comemorações em homenagem à memória do eminente brasileiro, que governou esta terra de 1908 a 1912, tivesse a assinalada honra de dirigir os trabalhos desta sessão.

Assim, minhas senhoras e meus senhores, podeis bem avaliar a comoção, que me domina vendo diante de mim os filhos do imortal ex-presidente do Espírito Santo e, ao meu lado o notável professor da Escola Nacional de Engenharia, Dr. Jerônimo de Souza Monteiro Filho, representantes da Condessa Jerônimo Monteiro, ex-primeira Dama do Espírito Santo, que logrou a fortuna magnificente de ser esposa amantíssima do cachoeirano ilustre, do espírito santense de longa visão, do estadista presciente, do administrador sem par, que em cada canto, em cada recanto dêste Estado, cravou uma baliza, chantou um marco dando testemunho de sua gestão de relêvo, de realce, e de brilho incomparável.



Aspecto da concentração frente ao busto de Jerônimo Monteiro, na Praça Costa Pereira, presentes vários membros da Família do saudoso Administrador, além do Dr. Ceciliano Abel de Almeida, Presidente do IHGES.

Em seguida, o Senhor Presidente dá a palavra à Profa. Maria Stella de Novaes, incumbida de proferir a conferência sobre a vida e obra de Jerônimo Monteiro.

Considerou em traços objetivos e rápidos a personalidade do eminente estadista, desde os seus sonhos juvenis, até a sua prática administrativa animosa e ansiosa de progresso e renovação.

Discursou em seguida sobre o assunto o Deputado Federal Nelson Monteiro, focalizando incisivamente os passos mais importantes da política administrativa de Jerônimo Monteiro. Publicamos êsse discurso na íntegra, ao pé desta nota.

A aluna da Escola Normal Marineuza de Souza Ribeiro, recitou com muita expressão uma belíssima ode moderna às belezas do Espírito Santo no esplendor de suas paisagens e na operosidade de seus filhos.

O sr. Governador do Estado, Dr. Francisco Lacerda de Aguiar, pronunciou logo depois o seu substancioso discurso em que estudou, em rápidos traços, as características da personalidade do estadista, cuja memória era homenageada.

Esforçando-se por dominar a sua grande emoção o ilustre Prof. Jerônimo Monteiro Filho agradeceu as homenagens prestadas no cinquentenário do govêrno de seu ilustre pai.

Muito contribuiu para o brilho da festiva sessão solene a colaboração da Profa. Maria Penedo, não somente com os números de cantos de suas alunas mas também nas suas diligências para a decoração geral do recinto.

Encerrou a sessão o Dr. Ceciliano Abel de Almeida agradecendo a todos aqueles que concorreram para que se tornasse aquela comemoração verdadeiramente digna da memória do grande homenageado.

Outras homenagens

O programa organizado pelo Instituto Histórico teve início às 8 horas do dia 23, com a missa em Ação de Graças, na Catedral, oficiada por S. Excia. Revma. D. João Batista da Mota Albuquerque, Arcebispo metropolitano. Às 9 horas, visita ao busto de Jerônimo Monteiro, na Praça Costa Pereira, onde pronunciou magnífica oração o Prof. Dr. Jair Etienne Des-
saune.

Em Vila Velha

Após a missa, celebrada na Matriz de Vila Velha, realizou-se uma sessão cívica, promovida pelo P. S. D. em comemoração do cinquentenário do Govêrno do inesquecível espírito-santense.

Na Assembléia Legislativa

Às 10 horas, com a presença dos srs. Deputados, autoridades e numerosos convidados, houve sessão solene em homenagem ao grande presidente.

Inauguração de fotografias

Organizada pelo Dr. Jair Dessaune, no salão da A. E. I., uma exposição de fotografias de Vitória do tempo do Dr. Jerônimo Monteiro, a qual permaneceu aberta por alguns dias.

Tôdas as solenidades estiveram à altura do merecimento do Presidente e do seu Govêrno. Devem ter ficado satisfeitos sua família, que esteve presente, e seus inúmeros amigos e admiradores.



Mesa que presidiu à sessão solene comemorativa do cinquentenário do Governo Jerônimo Monteiro, vendo-se ao alto aspecto da apoteose final em sua homenagem.

Discurso do Deputado Nelson Monteiro na Sessão Solene do I. H. G. do Espírito Santo em 23 - 5 - 1958

Não permitiria eu, dentro das minhas parcas forças, que faltasse o meu testemunho, numa efeméride tão grandiosa e tão significativa como é esta; — a comemoração, na expressiva data de 23 de Maio, do 50.^o aniversário do começo do quadriênio governamental do Presidente Jeronymo de Souza Monteiro.

Jeronymo Monteiro foi contemporâneo da maior parte dos presentes, Êsses dêle poderão dizer porque, se não o conheceram de perto, acompanharam, contudo, os anos cheios de dinamismo, de atividades e de progresso que o povo, na sua simplicidade e na sua tendência para as generalizações, conhecia como “política dos Monteiros”. Os demais falarão pelo que ouviram a respeito de um grande vulto do cenário político e administrativo, tão entusiasticamente lembrado como se ainda vivesse. Efetivamente, Jeronymo de Souza Monteiro e Bernardino de Souza Monteiro, sem nenhum plano preconcebido de sobrevivência e perpetuação política, irradiaram a sua superior preocupação pela coisa pública e o seu profundo amor ao Estado, de forma que na sua descendência, mais do que entre as pessoas de suas simples relações ou de sua convivência, imprimiram, por natural força de contágio, o mesmo extremado interesse pelo bem público, em tudo vendo e fazendo ver sugestões para cada vez mais trabalharem pelo bem estar do povo espiritosantense e pelo aperfeiçoamento das instituições estatais e, ainda, desde a estabilidade das finanças, por exemplo, até as mais arrojadas realizações culturais.

Mas esta comunhão de princípios, esta coparticipação de todos os do seu grupo na mesma poderosa aspiração de melhoramentos materiais, morais e espirituais para o seu Estado, não redundava em uniformidade de pensamento nem em igualdade de pontos de vista, no compreenderem as necessidades do Estado ou os meios de a elas atender. Até hoje, podem diversificar os programas ou os propósitos pessoais, a capacidade de administração ou os pendores de ordem política, mas há em tôdas a prova da mesma formação, que é a de exaltação à causa pública acima de todos os interesses particulares e de fazer da palavra empenhada, mesmo em assuntos de vida pública, matéria de honra pessoal. Esta é a herança que nos lega-

ram, por suas convicções e pelos seus exemplos, daqueles dois esteios reais e indisfarçáveis da ainda moderna estrutura política do Espírito Santo, um dos quais — Jerônimo Monteiro — recebe com justiça, embora póstumamente, esta merecida consagração do povo do Espírito Santo e do seu Governo. Foi Jerônimo Monteiro o homem de visão do Estado, de 1908 a 1912, como demonstrações inúmeras o lembrarão hoje.

A história do Espírito Santo dir-se-ia uma expressão composta do presente e do passado, cujo traço de união é Jerônimo Monteiro. “É ver o que era Vitória antes de 1908”, diz Ciro Vieira da Cunha em recente artigo para “A Gazeta”. “E o que passou a ser depois de 1910. O que tinha o Espírito Santo daquele ano e o que passou a ter depois dêste. Uma diferença da água p’ro vinho”.

Aquêle grande estadista teve a intuição genial, procurando pôr em prática, ao assumir o govêrno, os seus principais projetos de administrador.. Em Vitória, os serviços de luz, água e esgotos, constituíram o seu trinômio mágico. Quando êle falou nessas próximas realizações, houve pessimistas que duvidaram. Os partidários do gênio administrativo-político de Jerônimo Monteiro confiavam, entretanto, nas suas promessas. Afinal, as necessidades essenciais de um aglomerado humano, máxime de uma Capital onde tudo faltava, vieram quase a um só tempo, como se um condão maravilhoso houvesse vibrado invocando um milagre. O povo assistia encantado a semelhante administração. Inauguração dos Serviços de Luz e Água em 5 de setembro de 1909. A do Serviço de Esgotos em 29 de janeiro de 1911. A remodelação da Capital era motivo de orgulho e de vaidade gerais. A iluminação elétrica de Vitória parecia a realização de um sonho.

O serviço de bondes, inaugurado em 21 de junho de 1911. dava uma nota festiva à cidade. Os trilhos sublinhavam o progresso no espelho dos pisos das ruas de Vitória. A água encaçada e pura parecia um prodígio. A cidade dormia ansiando pelo amanhecer que lhe traria, provavelmente, outras surpresas. Jerônimo Monteiro realizava o impossível. E para coroar o conjunto, o Parque Moscoso era a menina dos olhos do capixaba. A professora e escritora Maria Stella de Novaes escreveu: — “Aterrado o Campinho, o Govêrno contratou o Sr. Paulo Mota para transformá-lo num Jardim público. Os velhos capixabas devem lembrar-se ainda do antigo Parque Moscoso que foi um dos mais belos do Brasil e orgulho da cidade de Vitória”.

Os benefícios eram levados mais longe, como a iluminação elétrica de Vila Velha, em 30 de junho de 1910 e o parque industrial do Sul do Estado, que merece menção à parte.

Acrescente-se a isso outros melhoramentos impressionantes em Vitória, como o Hospital da Santa Casa de Misericórdia, a transformação do velho Colégio dos Jesuitas no majestoso Palácio Anchieta, a Escola Normal Pedro II, o Palácio da Assembléia Legislativa, os grupos de casas das ruas Gama Rosa, Coutinho Mascarenhas, Norte e Dona Júlia e se compreenderá, então, o magnetismo pessoal de Jerônimo Monteiro, ao qual se refere o ex-Senador Luiz Tinoco da Fonseca, poder magnético que perdura.

Jerônimo Monteiro tinha que chegar a se constituir, como se constituiu, em ídolo do povo capixaba. E agora, mesmo quando morto, parece exercer ainda aquêlê poder, tal a generalização do culto que se lhe rende por tôda parte. O nome de Jerônimo Monteiro ainda eletriza as multidões e reacende os mesmos frêmitos de entusiasmo e de admiração que lhe eram prestados em vida.

Que foi Jerônimo Monteiro um criador de dedicações, não oferece nenhuma dúvida. Disse o atual Ministro da Justiça — Dr. Eurico de Aguiar Salles, que: — “ao lado do administrador, o político reformava o conceito da liderança, criando dedicações, empolgando as simpatias populares, sobressaindo nitidamente no quadro da vida pública do Estado. Foi, em resumo, uma personalidade que se projetou além da sua época, despertando, ao lado de dedicações extremadas, opositores de grande porte e envergadura.

Como Senador pelo Espírito Santo, gozou de grande e merecido prestígio no mais vasto ambiente nacional. Disse um dos seus críticos, o Senador Carlos Fernando Monteiro Lindenberg: “Foi um hábil político, cujo nome transpôs as fronteiras do Estado, projetando-se no cenário nacional em memoráveis campanhas ao lado de Nilo Peçanha, Ruy Barbosa, Paulo Frontin, Francisco Sá e outros”.

Não deve parecer que Jerônimo Monteiro tenha descurado da Agricultura e da Pecuária espirito-santense para se ocupar só com a Indústria. É assim que, em entrevista ao “Correio da Manhã”, depôs o Senador Carlos Lindenberg: — “O estadista criou escola de agricultura, campos de sementes e demonstrações agropecuárias, procurou mecanizar a lavoura, adquirir máquinas e contratar técnicos para, na prática, orientar os lavradores”. “Instituiu o Serviço de defesa animal, de distribuição de mudas, sementes, inseticidas e fungicidas, bem como de importação de bons reprodutores bovinos, ovinos e outros de interesse da produção”.

No quadro da assistência social e no dos empreendimentos mais tipicamente culturais, também se distinguem o quadriê-

nio insuperável. Naquele terreno, sem descer aqui a pormenores, basta assinalar a criação da então Caixa de Beneficência dos Funcionários Públicos Estaduais, para a qual foi conseguida a lei n.º 720 de 5 de dezembro de 1910, que autoriza a mesma criação. Em 25 de janeiro de 1911 foi a Caixa regulamentada pelo Decreto n.º 792. Mais tarde a Assembléia Legislativa lhe deu o nome de Caixa Beneficente Jerônimo Monteiro e é hoje o Instituto de Previdência e Assistência Jerônimo Monteiro, tudo assinalando a gratidão devida ao seu fundador e o crescente interesse com que é mantida tão útil e promissora instituição.

Quanto ao outro ponto, é de lembrar primeiro a criação da Imprensa Estadual, pela lei 586, de 13 de novembro de 1909, a qual adotou como lei o Decreto do Poder Executivo n.º 447, de 30 de agosto de 1909, que criara sob aquela denominação a Imprensa do Estado do Espírito Santo.

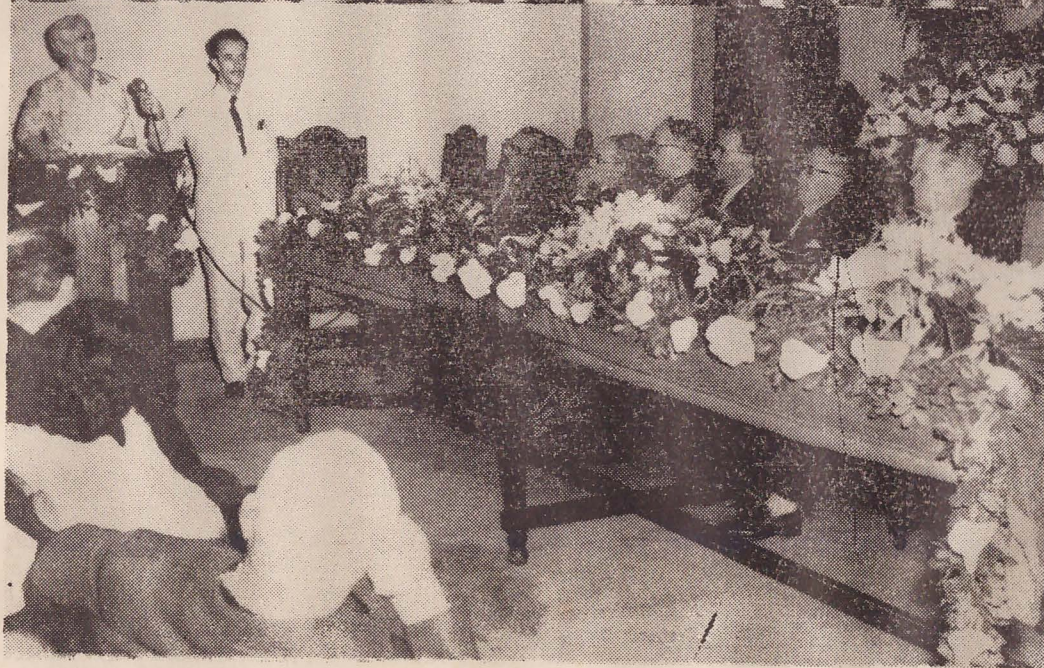
É de recordar, em segundo lugar, porque mais complexa e feita por etapas, a reforma do ensino, naquela época.

No relatório de 30 de julho de 1910, do saudoso Inspetor Geral do Ensino, Dr. Deocleciano Nunes de Oliveira, ao Presidente do Estado se lê: “O plano geral do ensino público, estabelecido pela reforma organizada pelo Professor Gomes Cardim, por V. Excia. encarregado dêsse serviço logo aos primeiros dias de seu govêrno, nenhuma modificação sofreu em suas linhas gerais, de então para cá e continúa, nos termos do art. 229, do decreto 583, dividido em, ensino primário e secundário, sendo ministrado o primeiro pelas escolas isoladas, reunidas, grupos escolares, escolas modelo, curso complementar, além das escolas particulares; o segundo pela escola normal, cuja função é preparar professores de ambos os sexos, e colégios a ela equiparados e pelo Ginásio Espiritosantense”.

“A engrenagem do ensino está, ao nosso ver, perfeitamente organizada: — o aluno recebe nas escolas isoladas, grupos e escola modelo a instrução primária elementar, adquire na escola complementar os conhecimentos preparatórios para o curso de professorado na Escola Normal, onde conquista, por fim, a educação científica e técnica que o habilitará para o exercício do magistério público”.

“O programa do ensino, da forma por que se acha organizado, contém realmente o conjunto das noções necessárias para constituir a instrução indispensável a todos os homens em um país livre e civilizado”.

O relatório do grande educador que foi Deocleciano de Oliveira passa a esclarecer a situação do ensino em todos os



Ao alto — Aspecto parcial da numerosa assistência, presente à sole-

seus setores e em todo o Estado, naquela ocasião. Não se pode deixar de referir os grandes serviços que prestava o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, dirigido pelas Reverendas Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo, fundado por Dom João Nery em 1909 e, com justiça, equiparado à Escola Normal em 1910.

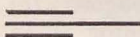
Desejo encerrar estas considerações com as expressões de entusiasmo com que se recordou há pouco período de que se trata o ex-Senador Luiz Tinoco da Fonseca, que assim se expandiu, falando ao "Correio da Manhã, expressões que peço vênia para transcrever: —

"Sentia-se, pelo Estado, a euforia do impulso administrativo daquelas surpreendentes realizações como a exaltar a capacidade e o valor da gente capixaba. Mas era sobretudo no sul do Espírito Santo, naquela quadra, a parte mais desenvolvida e povoada de todo o território, onde se agitava o reflexo de tão extraordinário incentivo. Além das obras remodeladoras de Vitória e das medidas de fomento geral da agricultura, da instrução, das instalações elétricas e das comunicações, foi Cachoeiro de Itapemirim o centro onde se erigira maior soma de cometimentos, destinada a esta cidade a comandar o surto industrial que se irradiaria pelos municípios vizinhos — fábrica de papel, de cimento, de óleo, de tecidos e de açúcar, usina hidroelétrica, transportes, crédito, escolas, saneamento, tudo cooperando, como um conjunto magnífico, para o progresso do Estado".

Lamentando, Senhoras e Senhores, não me haver sido possível mais profunda análise dos motivos desta comemoração, os quais examinei em função dos sentimentos da população capixaba e do ângulo dos mais puros imperativos cívicos, agradeço a atenção com que fui ouvido e, na parte que me toca, as referências feitas de modo mais geral à família, à qual por parte do também político e administrador espírito-santense Bernardino de Souza Monteiro, tenho a felicidade de pertencer.

É imensa satisfação ver que a culta população do Espírito Santo, embora já hoje, pela voz de muitos dos descendentes das autênticas testemunhas dos faustos acontecimentos aqui lembrados, sabe honrar a memória de Jerônimo Monteiro e faz jús a que os novos homens públicos do Estado, em cujo número também tenho a honra de me encontrar, forcejem por levar avante agora, com o elã propiciado por novas e mais maravilhosas descobertas em todos os setores de civilização, os destinos do Espírito Santo, não abandonando os caminhos que os nossos antepassados palmilharam, inspirados pelo alto espírito de Jerônimo Monteiro, estadista de prol e administrador de pulso, que teve a iluminar-lhe os passos a bondade de sua

nobre espôsa — Dona Cecília Bastos Monteiro e encontrou, para prolongar-lhe o nome,, na esfera da inteligência e da cultura, filhos ilustres que lhe reverenciam a memória conquistando vitórias no magistério superior e nas letras jurídicas, na engenharia e na cirurgia. Que as nossas palmas à dama veneranda que lhe foi anjo tutelar e aos dignos filhos que lhe seguiram o exemplo no amor ao Espírito Santo e ao Brasil signifiquem, neste instante, a nossa homenagem agradecida a quem tanto fez por nossa terra e tanto honrou a nossa gente!



Nota da Comissão de Revista — Infelizmente, por não nos terem sido encaminhados, deixam de constar neste número os substanciosos discursos pronunciados ao ensejo das comemorações do cinquentenário de Jerônimo Monteiro, pelos ilustres consócios Professôra Maria Stella de Novaes e Dr. Jair Etienne Dessaune. Ambas essas peças históricas a **Revista** tem empenho em publicar, desde que os seus ilustres autores as enviem ao IHGES.

Sesquicentenário do General Osório

1808

1958

Palavras pronunciadas pelo Presidente do IHGES Dr. Ceciliano Abel de Almeida na sessão solene do dia 10 de maio de 1958, comemorativa da grande efeméride.

O Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, de conformidade com dispositivos de seus estatutos, em sessão solene, neste momento, dá início às homenagens, que os seus sócios vão prestar à memória do Legendário General Osório.

Não é demais repetir que as magnas datas da História Pátria, bem como aquelas que rememoram os seus heróis, os grandes vultos da Nacionalidade, são habitualmente recordadas por este Instituto com o máximo acatamento, veneração e respeito. Ainda a 21 de abril, próximo passado, numa solenidade de alegria, de satisfação, de contentamento, quando foi admitido no seu quadro de sócios efetivos desta Casa um ilustre historiador espírito-santense, sr. Heribaldo Lopes Balestrero, o presidente do Instituto ao principiar os trabalhos da sessão relembrou a Conjuração Mineira ressaltando a ação de José Joaquim do Maia e o enforcamento de Tiradentes e o orador oficial não se esqueceu de focalizar a chegada de Pedro Álvares Cabral à Terra de Santa Cruz, a 2 de abril de 1500.

Assim foi com prazer que o Instituto tomou conhecimento do telegrama circular que o sr. General A. Leitão de Carvalho lhe remeteu nos termos seguintes:— “Comissão Sesquicentenário General Osório encarregada Ministro Guerra elaborar programa solenidade comemorar efeméride, decidiu apelar instituições culturais país promover, na semana de Osório, de 5 a 10 de maio próximo, pela imprensa e rádio, assim como sessões públicas homenagem faz jús memória cidadão excelso e heróico soldado, quem Brasil deve mais assinalados serviços. Cordiais saudações. General Leitão Carvalho. Presidente”.

É com desvanecimento que o Instituto Histórico e Geográfico do Estado do Espírito Santo, por seu presidente, vai fazer cumprir o programa organizado em homenagem à memória do General Manuel Luís Osório — O Marquês do Herval,

o **Legendário Osório** —, que o historiador empolgado pela sua ação decisiva na batalha de Tuyuty consigna:— “Osório, num raptó de sua alma de bravo, assumiu a responsabilidade da batalha vendo-se aqui e acolá incessantemente flutuar o seu ponche, asas tatalantes do anjo da vitória” (*)

(*) Austricliano de Carvalho — **Brasil Colônia — Brasil Império** — Tomo II pág. 628 (Ed. 1927)

Alguns Aspectos da Vida de Osório

Nelson Abel de Almeida

(Palestra lida em Sessão Solene Extraordinária, no dia 10 de Maio de 1958, perante o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, como parte das festividades comemorativas do Sesquicentenário do General Osório).

Aqui estamos, nesta hora solene, neste instante de sonhos, reunidos para evocar, para recordar, para reviver, ainda que pálidamente e com pálidas expressões, um homem que, em todos os momentos e em tôdas as horas de sua vida admirável, soube muito querer e bem servir ao Brasil; aqui estamos, nesta hora extraordinária, para sentir a beleza e o encantamento da vida daquele que, por anos a fio, por horas seguidas, tanto extremeceu o Brasil, tanto quis à Pátria, nonrando-a, dignificando-a e defendendo-a com a sua espada impoluta; aqui estamos, todos, genuflexos, ante a memória e ante a vida de Manoel Luiz Osório, o bravo filho dos pampas.

E, nesta hora de recolhimento cívico, sentimos todos o acêrto do eminente Fernando Magalhães, quando ensina — “aonde fôres, encontrarás sempre a homenagem aos que viveram. As grandes figuras que os monumentos perpetuam dirigem inóveis o pensamento do futuro; sepultos na terra, os mortos falam da grandeza do passado. Uma estátua é um grito de comando, um túmulo um voto de reconhecimento. Os mortos governam animando ou prometendo”.

E, em realidade, nesta hora de apreensões que a humanidade está vivendo, sentimos nós, os brasileiros, que a nossa Pátria estremecida é atraída, ainda que não o queira, para aquela estrada retilínea traçada por Osório e Caxias; e nesta hora de sombras sentimos nós, os brasileiros, que êste Brasil querido jamais há de ser indigno do sacrifício de Tiradentes ou do apostolado cívico de Rui, aquêle que foi o João Batista da República.

Foi a 10 de Maio de 1808, precisamente há cento e cinquenta anos, que nasceu o terceiro filho do casal Manuel da Silva Borges—Ana Joaquina Osório. Impuseram-lhe o nome de Manoel Luiz, que êste era o nome de seu pai.

Naqueles velhos tempos, de temor a Deus e de temor pelo que pudesse acontecer aos recém-nascidos, era uso ba-

tizá-los sem demora. E o menino Manuel Luiz, como bem observava Gustavo Barroso, por estranha coincidência, iria à pia batismal, em 24 de Maio de 1808, isto é, exatamente cinquenta e oito anos antes daquela extraordinária batalha — Tuiuti —, que o consagrou como um dos mais completos comandantes e estrategistas de seu tempo.

Mal podia pensar a família de Manuel Luiz que, um dia, cinquenta e oito anos mais tarde, naquela mesma data em que ingressara êle na grande família cristã, iria o seu rebento se cobrir de glórias, carreando a vitória para o seu Exército, liquidando a infantaria inimiga, à semelhança do que, em Riachuelo, realizara Barroso com a esquadra paraguaia, posta sob o comando do Almirante Meza.

Ninguém escapa aos desígnios de Deus; o Marquês de Herval, o Osório de coragem inquebrantável, também não escaparia.

A sua meninice, transcorrida na estância de seus avós maternos, haveria de marcar-lhe a trajetória da vida futura.

E o menino Manoel Luiz vivendo uma vida livre, neto de estancieiros, “entregue aos brincos de sua idade, não tarda em saber montar a cavalo, como bom gaúcho, mal aprende a andar. Em breve faz-se ginete. Doma, salta, joga o laço e a bola. Nenhuma rodada súbita o pega descuidado. Faz-se gaúcho de fato, capaz de tropear e de pelejar. Não teme a borrasca, nem o rio que o ataque. Ama a trova e a música”.

É assim, que de Osório fala o Coronel J. B. Magalhães. E Fernando Luiz Osório, na sua **HISTÓRIA DO GENERAL OSÓRIO**, refere no primeiro volume que “aos quatorze anos de idade, Osório conhecia a natação, a equitação e a dança. Nadando, vencía com rapidez longas distâncias. Montava em qualquer animal bravio, com a mesma facilidade que no manso, encilhado ou em pêlo. Por divertir-se tirava-lhe o freio depois de montá-lo e o fazia disparar vertiginosamente. Quando lhe parecia abandonava-o de um salto, e caía em pé, ou então, mandava-o pialar para que rodasse e saía adiante, correndo. Manejava com destreza as bolas e o laço do campeiro rio grandense”.

E, dia a dia, vai transcorrendo a adolescência de Osório, a quem o velho Silva Borges se referia dizendo — “êste menino há de ser soldado”.

É que Silva Borges sentia, íntimamente, o interesse desusado de Osório pelas coisas da vida militar, é que o velho Silva Borges apreciava as frequentes brincadeiras do filho, constantes das cenas militares que lhe tinham sido narradas e que êle se esforçava por reproduzir.

Vivendo uma infância movimentada, raramente corrigido pelo pai, aos catorze anos, está Osório na escola mantida pelo Capitão de Dragões Domingos José de Almeida, na Vila de Salto.

Era o tempo da Independência; seria também o minuto decisivo da vida do menino Manoel Luiz.

É que Lecor cuidara de reunir tropas para, com elas, liquidar a resistência portuguesa, na Cisplatina.

Vai tomar parte, na luta, o Regimento de Silva Borges e este, que decidira fazer, de Osório, um soldado, leva-o para o teatro da luta, onde êle, como um Anibal do século XIX, irá **“viver, aprender e adquirir”** os hábitos da sua vida futura.

E Osório **“no acampamento não fica ocioso. Não tem preguiça. É ativo, é cuidadoso de tudo que lhe pertence. Seu progenitor obriga-o a decorar ou escrever trechos seletos, ordens do dia do Exército, proclamações e leis militares. Educa-se nas fileiras, praticando, trabalhando e sofrendo. Vê o bom e o mau exemplo. Ouve as conversações respeitáveis dos veteranos e pode confrontá-las com as levandades dos insensatos”**.

Viu, assim, Osório o nascer da Independência e, no campo de batalha, pelejou para que a separação da Pátria querida se consolidasse, em definitivo.

E para o bravo soldado, a Pátria foi, sempre e em qualquer circunstância, a sua preocupação de toda hora. Por isso, já velho, já cheio de serviços ao Império, diz êle ao filho — **“é verdade que tua pobre mãe e tua irmã não me deixam a idéia com seu pranto e sofrimento, mas antes de tudo a Pátria, a quem se deve servir sejam quais forem as mãos em que tenha caído”**.

Cinco anos de serviços, de bons serviços prestados à Pátria, já se haviam passado. Pelo seu mérito, pela sua coragem e pela sua bravura, Osório tinha já o seu nome respeitado, como soldado.

O seu batalhão está, agora, acampado em Rio Pardo. E êle, com vinte e um anos, idade propícia ao amor. Era, assim natural que um dia também viesse a bem querer a uma jovem bonita e que, para mais interessá-lo, chamava-se, como sua mãe, Ana.

Osório, a esse tempo, era um simples tenente e, naquelas priscas eras, um tenente vencia, apenas, vinte e cinco mil réis de soldo.

Para a família da sua jovem enamorada, espôsa não se sustenta com heroísmo, com bravura militar, com coragem; para a família da encantadora Ana, espôsa é sustentada com dinheiro e, embora, se esteja em 1828, vinte e cinco mil réis não é dinheiro com que se possa, decentemente, manter uma família, entendiam os pais da jovem gaúcha.

E desencadeia-se a oposição familiar, contra o amor dos enamorados; e o tenente Manoel Luiz Osório, coração apaixonado, vai encontrar na poesia um lenitivo; e para a sua querida Ana escrevia:

Quer o fado que te adore
Enquanto Lília, eu viver;
obedecendo ao destino
hei de amar-te até morrer,

Uma esperança futura
consoladora me diz:
que, entre os dias desgraçados,
virá um dia feliz.

Só por ti, Lília querida,
arranco do coração,
suspiros que nascem d'alma
gerados pela paixão.

Só vivo quando te vejo,
dia e noite penso em ti,
se nasceste para amar-me
eu para te amar nasci.

Receiam os pais de Ana a influência dêsses versos, em seu espírito e, apelando para o Marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto, conseguem seja o tenente Manoel Luiz Osório transferido para a fronteira.

Julgam, assim, encerrado o romance. Na fronteira o tenente apaixonado há de ser morto pelos bandidos uruguaio, argentinos e brasileiros que a infestavam; e na fronteira, por estranho que pareça, Osório, embora com o coração cheio de amores, partido de saudades, vai, uma vez ainda, bem servir à Pátria.

E o jovem tenente, já experimentado na guerra, já nome aureolado pelo seu destemor, no momento de partir, no momento de se separar do primeiro amor de sua vida, deixa que o coração traduza toda a sua saudade, todo o seu amor; e da sua inspiração romântica, no instante amargo da despedida, brotam versos plenos de lirismo.

O bravo soldado, que não sabia apenas ganhar batalhas e comandar exército, diz à sua amada:

Contra a vontade te deixo
Porque o fado quer assim,
Vou suportar no destêrro
Delírio ardente sem fim!

Mas ... naqueles tempos idos, quando os pais se opunham ao casamento de um filho, ou de uma filha, todos os recursos eram usados para impedir que o mesmo se realizasse.

E os pais de Ana, porque admitiram que o seu casamento com o tenente Manoel Luiz Osório não passava de um mau casamento, como se dizia ao tempo, tudo fazem para evitá-lo

A jovem fazem crêr que Osório já a esquecerá; a Osório informam de que a sua doce e querida Lília, concordara em casar com um outro.

E quando Osório tem notícia do casamento que vai se consumir, extravasa êle em admiráveis versos tôda a sua infelicidade, e, em soneto coletado por Laudelino Freire, como dos mais célebres, no Brasil, lamenta a sua sorte. E nele, lastimando a opressão que fazem, à sua amada, recrimina o casamento, à mesma imposto, com êste quarteto:

Que vale o meu amor ser delirante
Entre a chama fatal que me devora
Não me conto ditoso uma só hora
O prêmio não te dão de ser constante

E a jovem Lília não desespera, e luta pelo seu amor, e luta pela sua felicidade, tentando fazer chegar uma carta às mãos de Osório, na qual lhe diz:— “se me amas ainda, vem buscar-me; eu fugirei contigo. Acompanhar-te-ei para qualquer parte do mundo. Não tenho outro meio de evitar essa violência (o casamento forçado), que me parece ver realizar-se de um momento para outro. Atende; não demores que poderás chegar tarde. Ou o teu amor, ou a morte por quem chamo todos os dias, no meio das minhas desventuras”.

Mas... estava escrito que Lília e Osório não se haveriam de casar. O peão, encarregado de entregar a carta, adoeceu no caminho e a missiva só chegou a seu destino trinta dias depois.

Julgando-se abandonada, aceita Ana o malfadado casamento que lhe impõem, casamento êste que pouco duraria, eis que Ana não resistiria à violência da família, falecendo dentro em pouco.

E quando foi o corpo de Ana preparado para baixar à sepultura, viram todos, com espanto, que do lado do coração, lá estava gravado o nome daquêle que fôra o seu único, o seu grande amor, lá estava gravado o nome de Manoel Luiz.

Era assim o amor naqueles velhos tempos; era assim que amavam os jovens, no Brasil Império.

E Osório, que não pôde impedir o desgraçado casamento, por ter chegado tarde em Rio Pardo, regressa à fronteira, para continuar a lamentar a sua desdita. E os seus versos sempre refletem a sua desventura. E êle canta:

Por lei do fado tirano
Voou do meu coração
A minha doce ilusão
Nas asas do desengano.

E assim se encerrou essa página encantadora, essa pá-

gina romântica na vida do grande herói, da vida do Osório que, antes de ser soldado, era um homem que sabia amar sofrendo e que sabia sofrer amando.

Nesta semana, que hoje chega ao seu termo, a vida de Manoel Luiz Osório tem sido examinada e estudada nas suas mais variadas facetas.

Este encara Osório, o militar; aquêlê analisa o Osório, político; aqueloutro lembra o Osório, homem do lar, o Osório, chefe de família.

Podem, assim, as modernas gerações tomar conhecimento de uma das mais extraordinárias individualidades, da vida brasileira, no século 19.

O Segundo Reinado sentiu em tôdas as horas, experimentou em todos os instantes, a presença de Osório.

E quando, em 1835, o Rio Grande do Sul é sacudido pela Guerra dos Farrapos, o tenente Manoel Luiz Osório não esquece os seus compromissos, não se desvia da estrada larga da lealdade.

Enquanto o Presidente Araujo Ribeiro, ajudado de Bento Manoel, prepara a resistência à rebelião, o velho Silva Borges, temendo que o filho se fôsse aliar aos soldados de Piratini, escreve-lhe curto, mais incisivo bilhete, dizendo-lhe: — “Manuel. Estou me aprontando para marchar em defesa da legalidade. Se tu és dos revolucionários que desobedecem à autoridade do presidente Araujo Ribeiro e tramam a separação da Província, podes contar em mim um inimigo mais com quem brigar. Adeus. Teu pai, Manoel Luiz da Silva Borges”.

A resposta de Osório não demora; ela o dignifica; êle não escondeu os seus ideais, ao seu velho pai, tanto que lhe diz:— “Seu filho é republicano de coração, mas não quer a República para o povo que não está para ela preparado”... “Bento Manuel e Bento Gonçalves, quando levantaram o estandarte da revolução levantaram também o grito de que sustentariam o trôno do nosso jovem monarca e a integridade do Império. Colocando-me como o fiz, sob as ordens de Bento Manuel, fui também fiel ao juramento que prestei no dia em que assentei praça”.

Aí está o Osório de 1835, o Osório de 27 anos, que é o mesmo Osório de 1873, quando se afirmava — “A República dizem que vai sair no dia 7 de Abril... por mêdo”.

É nêsse instante que Gaspar da Silveira Martins se empolga pela idéia, mas não quer abraçá-la isoladamente; aconselha-se com Osório, que lhe mostra a extemporaneidade da proclamação da República.

Mais tarde, no Rio de Janeiro, vão os republicanos inaugurar-lhe o retrato, em seu Clube.

Em Jaguarão, Henrique d'Avila, saudando-o, em uma homenagem que lhe é prestada, em discurso inflamado, convida-o a desembainhar a sua espada, em prol da causa republicana.

Osório, que não é homem de atitudes dúbias, não repudia as homenagens que, pelos republicanos do Rio, lhe foram prestadas e, ao responder à saudação de Henrique d'Avila, afirma, com o desassombro que o caracteriza — **“A República ainda não é uma idéia triunfante na opinião nacional. A espada que desembainhasse agora, tentaria uma imposição: só derramaria sangue; não faria a felicidade da Pátria. A que cinjo é para combater os inimigos dela e não para tiranizá-la”**.

Daí porque bem razão teve **“Martinho de Campos em admirar nêle (Osório) mais o político que o militar”**.

Para Osório, quando se lhe falava em República, entendia êle que **“tudo facilitava a propaganda”**. E acrescentava — **“a coisa há de vir e só o que desejo é que venha oportunamente”**.

Era êle, assim, avêssô às soluções violentas, a revoluções. Para êle, a Pátria, naturalmente, evoluiria e a República chegaria a seu tempo, quando o povo, para ela, tivesse amadurecimento político.

Cada criatura, na sua vida, tem o seu Himalaia. Tuiuti é o Himalaia da vida do Osório soldado, do Osório comandante de homens livres.

Naquele 24 de Maio de 1866 êle foi preciso nos movimentos, êle foi exato no raciocínio, êle soube infundir confiança nos que confiavam na sua bravura e na sua coragem, êle soube infundir confiança nos que confiavam na sua decisão pronta e na sua ação rápida.

Não é intento meu, nesta oportunidade, descrever a gloriosa batalha de Tuiuti, que ela é conhecida de todo o povo brasileiro.

Não quero, porém, deixar de referir que o ilustre General Mitre, em discurso proferido, em um banquete oferecido a Osório, em Buenos Ayres, quando regressava êle do teatro da luta, em 1869, afirma — **“O gênio militar de Osório e a sua estratégia fizeram-no pressentir a batalha de 24. Diziamos êle dois dias antes: tomemos medidas contra o ataque inimigo: muitas vezes, o que pensamos fazer, tem êle igualmente em vista. Um reduto, no centro do Exército, bem artilhado, nos dará um importante ponto de apoio contra qualquer tentativa séria. Com efeito, senhores, a formidável bateria que com tão sábia previsão tinha lembrado e estabelecido o General Osório, no centro de nossa linha, ao mando do bravo General Mallet, salvou-nos da derrota...”**.

E Sena Madureira, em 1870, referia — “Osório multiplicou-se; não houve soldado brasileiro que combatesse nêsse dia, que não o visse passar como um raio, entre os maiores perigos da batalha, e que no exemplo sublime que lhe dava o chefe, não sentisse o coração pulsar-lhe de entusiasmo e de valor invencível”.

GARMENDIA, eminente historiador argentino, ao proferir um discurso no Centro Militar Argentino, em 1900, ao falar da batalha de Tuiuti, mostra a ação decisiva e inconfundível de Osório, ao afirmar “que Osório se revela con tôdas las grandes condiciones que adornan al que impera; porque un general debe, si tiene la bélica inspiracion del dominio militar, conocer el corazon de sus soldados que de ese consorcio intimo nasce la armonia del conjunto: Osório, digo, sacando provecho tactico de la formacion de sus quatro linhas, restabelece el combate: acude impavido con sus reservas y en aquel desorden homerico grita a sus brasileños: Adelante! Adelante! Viva el Brasil! Adelante! Adelante!”.

É, ainda GARMENDIA que proclama — “su voz estertorea se oy rodar en ese ambiente de poesia como la electricidad del corage que sacude corazons de soldados. Adelante! Adelante!”.

Referindo-se à batalha de Tuiuti, pròpriamente dita, o citado autor mostra que chega a seu têrmo o combate, o qual “será siempre el más grande acontecimiento militar sul-americano, y uno de los má sangrientos episódios de este siglo, donde el valor y la tenacidad de nuestra raza deja ilesa su tradicion de glória”.

É, como se vê, uma apreciação justa, exata e perfeita, de um fato marcante e sem dúvida, notável de tôda a guerra do Paraguai.

Em Humaitá, ao próprio inimigo entusiasmo, o que verifica quando se sabe que, “o Coronel Martinez, que foi um dos bravos da defesa de Humaitá, e cuja rendição fez chorar até aos brasileiros, ao encontrar-se o General Moura, que foi o primeiro dos nossos officiaes a quem falou, perguntou antes de tudo — onde estava o General Osório — “Esse homem parece um sobrenatural, continuou o official paraguaio, vio-o praticar tanto heroismo e a sua coragem me assombrou tanto, que cheguei a proibir aos soldados de atirarem contra êle”.

Era assim Osório, foi assim o magnífico soldado brasileiro. Nem mesmo um ferimento grave, como o recebido no rosto, na batalha de Avaí, foi obstáculo a que êle, a fim de que os seus comandados não sentissem a sua ausência, envolvesse o ferimento num poncho e, novamente, a galope, em seu cavalo, bradasse aos seus soldados — “Carreguem camaradas! Acabem com êsse resto!...”.

Caminha a guerra para o seu fim; Caxias já tomara Asunción; Lopez, de agora em diante, não passará de uma fera acuada, em fuga constante para a cordilheira; o Govêrno Im-

perial investe o Conde d'Eu no comando, em chefe, desta última fase da campanha.

E o Conde d'Eu apela para a cooperação de Osório, julgando imprescindível a sua ajuda.

Doente e ferido, necessitando mais de um médico que tudo, ainda assim o bravo Marquês de Herval deixa de pensar em si para só pensar na Pátria estremecida e, em carta ao Barão de Muritiba, Ministro da Guerra, informa êle — “Tenho a mandíbula inferior sem movimento, não uso os dentes, a mastigação me é impossível, continuando uma supuração abundante pela boca, pelas fístulas abaixo da mandíbula, de ambos os lados”, concluindo — V. Excia. se dignará fazer presente a S. M. o Imperador, que recebi a carta de S. A. o Sr. Conde d'Eu, e que, mesmo no estado em que me acho, estou resolvido a acompanhá-lo”.

Aí o homem, símbolo do cumprimento do dever, aí o homem a quem a Pátria, nesta semana cívica, não está fazendo favor, pelas homenagens que lhe tem prestado. Êle bem as merece, porque êle bem soube servir a esta mesma Pátria.

E quando, afinal, Lopes foi liquidado pelo General Câmara, seu discípulo predileto, dá Osório a guerra por encerrada, a campanha por concluída.

Agora seria o regresso ao lar querido, seria o repouso há tanto desejado; agora, sim, iria êle estreitar em seus braços a espôsa querida.

Ao filho dileto da Pátria, àquêlê que não viu horas e nem encarou sacrifícios para engrandecê-la, o destino reservou um golpe implacável — é que, em Montevideu, vem êle a saber do falecimento da companheira de tantos anos.

E na poesia, encontra o grande soldado um lenitivo para a sua dor, um derivativo para a sua imensa saudade; e as rimas brotam, espontaneas, de seu coração dorido. Ei-las:

“COMO VIVEREI SEM TI”

Desde êsse fatal momento
Que a tua vista perdi
Abismo na tristeza
Como viverei sem ti?

Cuidados consumidores
Só no meu peito senti
Se só com o ver-te me alegro
Como viverei sem ti?

Quanta ausência custaria
Certamente não previ
Hoje por ti suspirando
Como viverei sem ti?

Como esposa amante e terna
Sempre teus passos segui!
Hoje a longa distância
Como viverei sem ti?

Era Osório, e isso o atestam os seus contemporâneos, **“um político nato, mas que se empregava pelo bem e que, sem vaidade, dominava facilmente as situações”**.

Em 11 de Janeiro de 1877 é, sem competidores, nomeado Senador do Império. Em 12 de Outubro de 1879, refere Carlos de Laet, o povo do Rio de Janeiro desatrela os cavalos do seu carro e o puxa a mão, prestando-lhe **“a maior homenagem que se possa imaginar num país livre”**.

E, depois de se empossar na sua cadeira de Senador, empreende uma viagem de visita a dois filhos que, no Recife, cursavam a Faculdade de Direito.

Ao passar pela Bahia recebe uma vibrante homenagem: Rui o saúda em frases de uma beleza e de um civismo embolgante; e diz — **“no grande soldado não aplaudimos senão o grande cidadão. Sua farda é cívica. Sua farda não o discrimina do povo: confunde-o com êle, de onde surgiu, onde se tem constelado de glórias e onde os seus triunfos, como êste, representam a espontaneidade íntima da Nação, que extremece por êle. Por isso, porque a sua heroicidade não é heroicidade falsa, egoística das mediocridades vaidosas ou das ambições malfazejas, mas a intrepidez, a generosidade, a sinceridade, o ardor, a abnegação do patriotismo — por isso o nome dêle chegou a ser neste país um símbolo, e ainda em vida principiou-lhe a glorificação da lenda”**.

E, continuando no seu arrebatamento de orador consumado, Rui acrescenta — **“e pede-se ao Onipotente não afaste de nós êste espírito, esta audácia, êste bom senso, esta probidade, esta popularidade, esta força, esta imagem viva do civismo democrático, êste penhor irresistível do triunfo”**.

E caminha o Império, agora sentindo que o soldado do Paraguai também poderia ser ministro. Competência não lhe faltava e honestidade também.

Ministro da Guerra, Osório muitos serviços, uma vez mais, prestaria à Pátria.

Citam-se, dentre outros, a regulamentação do Arquivo do Exército, o aperfeiçoamento e armamento da cavalaria, a criação do tiro civil, a regulamentação das matrículas na Escola Militar.

Ainda, **“manteve os estudos para oficiais na Europa e lhes deu incumbências determinadas e bem definidas sobre os objetos de pesquisas a efetuar e questões a elucidar”**, como também fez a reforma dos toques de corneta e melhorou as condições de defesa na fronteira do sul.

Estava, ainda, no exercício das funções de Ministro quando a morte o levou.

Osório, em pensamento admirável, pontificou — “deve-se antes de tudo, servir à Pátria qualquer que seja o seu govêrno”.

E êle, de pendores republicanos, serviu à sua Pátria monarquia. Fôsse ela uma República e, com a mesma dedicação, êle a teria servido, êle a teria enobrecido.

E vive o Brasil o seu dia 26 de Setembro de 1879, quando Manoel Luiz Osório, o Marquês de Herval, adoece com uma pneumonia aguda. Já havia êle pressentido o mal, que logo se agravou.

Visitam-no os amigos. Todos querem saber, comovidamente, de seu estado de saúde.

Agora é o Dr. Flores a lhe perguntar:

— Como vai Marquês?

E êle, com um sorriso, responde:

— Aguas abaixo... para a eternidade.

Depois é Sinimbú, Presidente do Conselho de Ministros, que visitando-o lhe diz:

— Que é isto? O valente está fraco?

— Estou muito mal. O soldado cai, mas o General em Chefe aí fica, responde Osório.

E, ainda quando, novamente, o Dr. Flôres o visita, dando-lhe os bons dias, Osório acrescenta:

— Os bons dias já se foram.

É que êle sentia que chegava ao fim. Mas, nem assim se esquecia como soldado, dos superiores interesses da Pátria, tanto que na véspera de sua morte encarecia, ao Govêrno, a necessidade de levar por diante as obras militares, de construir a estrada de ferro do Rio Grande do Sul e, de também construir uma outra ferrovia, que ligasse São Paulo a Mato Grosso.

A dois passos da morte, o bravo soldado ainda queria que se pusessem em execução os seus planos de estrategista.

E chega-se a 4 de Outubro de 1879. Osório está com 71 anos. Ainda tem prazeres; ainda acende um charuto. E ao sentir que a sua agonia se ia iniciar, atira fora o mesmo. Despede-se da família. Lembra-se do filho Adolfo que está ausente, em São Paulo. Perdoa as ingratidões e, pausada-

mente, pronuncia as suas últimas palavras, e os presentes ouvem-nas e a história guardou-as; que, nesta hora, novamente, as ouça o Brasil:

— Tranquilo... Independente... Pátria... Sacrifício... último infelizmente.

Assim, fechava os olhos, a esta vida, aquêlê que, no dizer de Gustavo Barroso, foi o Centauro dos Pampas.

E o Império, naquele 4 de Outubro de 1879, cobriu-se de luto, mergulhou na dôr. Aquêlê passamento amargurou todos os lares brasileiros.

Hoje, aqui estamos todos, rememorando a sua grande vida, reverenciando a sua memória, apontando-o às gerações do presente, como um exemplo de virtudes cívicas; hoje aqui estamos, todos, ouvindo aquelas suas palavras admiráveis:

“O povo é a Nação, a Nação a Pátria, a Pátria uma Religião”.

— BIBLIOGRAFIA —

Gustavo Barroso — OSÓRIO, o Centauro dos Pampas

Coronel J. B. Magalhães — OSÓRIO.

Fernando Osório — HISTÓRIA DO GENERAL OSÓRIO.

Posse do Consócio Heribaldo Lopes Balestrero (21-4-1958)

Discurso do Dr. NELSON A. ALMEIDA
— orador oficial —

SR. HERIBALDO LOPES BALESTRERO.

Aqui estamos nós, os do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, para, de braços abertos, vos acolher entre as paredes venerandas da “Casa de Domingos Martins”, esta instituição que, a despeito de tôdas as dificuldades e de todos os tropêços, vem realizando, religiosa e beneditinamente, a tarefa que se impôs de preservar, de guardar, de transmitir aos pósteros as melhores e as mais queridas tradições do povo espírito-santense.

E porque, Sr. Heribaldo Balestrero, tendes, na vossa comuna, na vossa Viana, muito feito e muito trabalhado pela História e pela Geografia da terra que vos serviu de bêrço, não era possível a vossa permanência fora do quadro social dêste Sodalício Augusto, eis que à sua sombra, gasalhosa e amiga, devem-se abrigar todos os que comungam os mesmos ideais, todos os que extremecem e amam a história e a geografia do nosso querido Espírito Santo.

Para muitos, Sr. Heribaldo Balestrero, possível é seja o vosso nome conhecido como historiador e geógrafo, mas historiador e geógrafo de mérito; muitos outros podem mesmo entender que não tendes credenciais ou bagagem histórica e geográfica, que vos permitam um lugar no Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e, entretanto, posso afirmar, posso proclamar — muito se demorou a vos trazer para esta Casa; aqui, de há muito, já devíeis estar. É que com amor, com paciência de monge, com espírito heróico, com sentimento filial tendes divulgado, para o Espírito Santo e para o Brasil, tôda a beleza, todo o encantamento que se contém na História e na Geografia da vossa querida Viana.

Não sois, Sr. Heribaldo Balestrero, do grupo daqueles que vivem a se lamentar da sorte e do destino. Não; assim não procedeis, porque sois um homem que vive a agradecer, ao Altíssimo, as bênçãos que lhe tem prodigalizado, fazendo-o

chefe de uma família honrada e digna, tornando-o chefe de uma família, autenticamente cristã, tão autenticamente cristã que, nela se fez o ambiente propício à formação de um sacerdote da Igreja Católica Apostólica Romana.

E, agora, meus ilustres consócios, estou certo de que, se Heribaldo Lopes Balestrero rememorar, por um pouco, a sua vida, há de ver passar, pela retina de seus olhos, o lar abençoado que formou o agricultor Sebastião Alberto Balestrero, amparado ao coração amorável, e compreensivo da Professora Normalista Ana Lopes Balestrero.

E os seus olhos, estou certo, estão recordando a sua meninice, até o dia em que, com sete anos de idade, foi matriculado na escola regida pela Professora Otavia Simões. E estará o nosso recipiendário recordando o tempo, durante o qual foi discípulo daquele mestre inesquecível, e bondoso — o Professor João Pinto Bandeira, como também estará revendo, nesta hora, a Professora Odila Loreto, com a sua alma idealista, ajudando a bem formar os seus sentimentos.

E, Sr. Heribaldo Balestrero, relembraeis ainda, nesta hora solene, o tradicional e querido Ginásio Espírito Santense, para onde vos levou a mão amiga do boníssimo Padre Elias Tommasi, naquele já tão distante e longínquo ano de 1917; e, também estareis revivendo as horas difíceis que impediram a vossa permanência no Ginásio Espírito Santense, horas que vos conduziram a Belém do Pará, onde, no Ginásio Paes de Carvalho, em 1922, concluístes o vosso curso de humanidades.

Enfim, nesta hora de louçanias e de justas alvissaras, passam pela retina dos vossos olhos, Sr. Heribaldo Balestrero, toda a vossa vida de adolescente, toda a vossa vida de homem público e toda a vossa vida de exemplar chefe de família. E por que, nesta hora plena de alegrias, tanto vos é dado recordar?

Porque, só recordando é que bem podeis avaliar a longa e áspera estrada percorrida; e só recordando é que bem podeis avaliar que, nós outros, os vossos irmãos de sentimentos e de ideais, não estávamos assistindo, de braços cruzados, à evolução de uma vida que se tem feito credora do respeito e da admiração dos seus pares.

Hoje, sois, em Viana, um homem de vida intelectual; ali, fazeis vida de historiador e de geógrafo e, bem imaginamos todos, que de dificuldades tendes vencido, a fim de que, nós outros, possamos usufruir e nos beneficiar das primícias admiráveis do vosso trabalho diuturno.

Mas aqui, e nesta hora, podemos dizer — pena é que em cada uma das comunas capixabas não existam outros Heribaldos Lopes Balestreros, outros catadores e lapidadores de fatos da História e da Geografia espírito-santense, que só assim elas — a História e a Geografia do Espírito Santo — seriam escritas sem erros, sem deturpações, sem invencionices, que só assim a História e a Geografia do Espírito Santo se-

riam preservados do cupim e da broca que, sem dúvida, são frutos dos erros perpetrados pelos maus, e pelos falsos historiadores.

E verdade se diga, e ao ensêjo desta oportunidade se acentue que, muito podem fazer os administradores das comunas brasileiras em prol das História e Geografia do Brasil e dos Estados. Para tanto basta que, em cada município, sejam criados. Para tanto basta que, em cada município, sezelar, preservar e publicar documentos antigos, de interesse histórico ou geográfico, para tanto urge que se crie e instale, em cada município brasileiro, um serviço de restauração e publicação dos documentos de interesse histórico e geográfico relativo a cada comuna.

Não mais é possível nos dias que correm, o desinteresse dos nossos administradores municipais para assunto de tal monta.

E, quando criados forem tais serviços, estamos todos certos de que, historiadores e pesquisadore da envergadura de Heribaldo Lopes Balestrero, hão de aparecer, hão de se revelar em tôdas as comunas.

A muitos pode parecer estranho a posse do historiador Heribaldo Lopes Balestrero, na “Casa de Domingos Martins”.

Outros muitos, poderão pensar que, neste Instituto, não têm acolhida historiadores que não sejam residentes em Vitória.

Muitos mais pensarão que, só nas capitais e nas grandes cidades, existe amor e devotamento à cultura e à pesquisa históricas.

Enganam-se os que assim julgam; tanto nas pequeninas cidades, como nos grandes centros, ilustres intelectuais vivem em labor constante e diuturno, produzindo, trabalhando, construindo para a posteridade.

A nós outros, os que vivemos nos centros maiores, cumpre o dever de chamá-los para o nosso convívio, de proclamar-lhes e reconhecer-lhes, de público, o mérito, como ora estamos fazendo com Heribaldo Lopes Balestrero. E só estamos fazendo justiça, porque o historiador que, hoje, chega a esta Casa, conquistou, nela, o seu lugar, pelo seu trabalho tenaz, pelo seu indiscutível amor à história e à geografia de sua gleba.

Sois, Sr. Heribaldo Balestrero, autor de um livro que publicastes em 1951 — **“SUBSIDIOS PARA O ESTUDO DA GEOGRAFIA E DA HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE VIANA”**.

Prefaciado por Eurípedes Queiroz do Valle, diz êle, ao se referir ao título do vosso livro — **“Começo por discordar.**

E discordar do título que lhe foi dado. O trabalho não é apenas êsse “subsídio” com que o crismou a modéstia do autor. É muito mais que isso. E não exageraria se dissesse que é antes uma **História completa de sua terra**”.

E, realmente, mistér se torna que se compulse esta vossa obra para se aquilatar, Sr. Heribaldo Balestrero, da vossa acuidade, como historiador, para se ficar empolgado pela vossa delicadeza de sentimentos, com relação aos vossos antepassados e com relação à vossa terra de nascimento; é preciso que se compulse, com paciência, o vosso livro pois, só assim, ao virar da sua última página, se verificará que não vos foram estranhas aquelas admiráveis palavras de Fernando Magalhães, inscritas no seu pequeno grande livrinho **CARTILHA DA PROIBIDADE**, e que consistem naquele extraordinário mandamento cívico — **“Viverás do amor dos que se foram, para o amor dos que hão de vir”**.

Um outro livro vosso, dentro em breve, deverá ser publicado. É êle **“A EVOLUÇÃO POLÍTICA DO ESPÍRITO SANTO (Estudos de História e Geografia)”**.

Vindes, estamos todos certos, com mais êste vosso trabalho enriquecer a bibliografia histórica e geográfica do nosso Estado.

Sois, assim, Sr. Heribaldo Balestrero, um cultor destacado da História e da Geografia capixaba.

E por isso, e porque sois homem de fé, e porque sois chefe de família exemplar, e porque tendes sabido estremecer a vossa modesta Viana, que tão bem retrata a vossa modéstia, nós, os do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, decidimos fazer-vos um dos nossos, decidimos que viesseis para nos ajudar a muito querer a muito amar, a muito dignificar o nosso querido Espírito Santo. ..

Sr. Heribaldo Lopes Balestrero:

Ao vos saudar, em nome do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, esta nossa veneranda instituição cultural, que, de agora por diante, é também vossa, quero vos lembrar — longa e árdua é a estrada que ainda temos de percorrer. Muito, ainda, se há por fazer e nem ainda temos tudo começado. Tomai o vosso cajado de pastor das boas causas, e caminhaí conosco, e sêde um dos nossos. E sêde bemvindo.

Posse do Consócio

Heribaldo Lopes Balestrero

21 de abril de 1958

DISCURSO DO NOVO SÓCIO

Ao transpor hoje os humbrais dêste cenáculo de homens ilustres e estudiosos do Estado, entre os quais irei figurar apenas como um modesto discípulo, a minha satisfação foi imensa, ao distinguir entre tantos alguns velhos amigos e contemporâneos de ginásio e principalmente ao encontrar na suprema direção desta Casa de Domingos Martins a figura expressiva e respeitável do Dr. Ceciliano Abel de Almeida, o insigne mestre e amigo, cujas lições, como professor do inesquecível Ginásio do Espírito Santo, foram para nós uma estrela amiga a iluminar a nossa trajetória, através dos anos, pelos caminhos vírdes da vida.

Relembrando aqui a minha passagem por aquêlê educandário de tantas tradições no Estado, não posso deixar de recordar, com o professor Ceciliano, também os professores Padre Elias Tommasi, Jonas Montenegro, Adolfo Oliveira, Padre Camilo Bento, Francisco Feu Rosa, Luiz Matteoli, Carlos Mendes e tantos outros, quase todos desaparecidos, que também foram educadores de uma geração de capixabas, da qual fui eu um dos poucos que deixaram de realçar como figura expressiva do Estado, em todos os setores de atividades, até mesmo na alta esfera administrativa estadual e no Parlamento.

A todos êles rendo as minhas homenagens, agradecendo-lhes as lições que me proporcionaram, sem as quais não estaria, por certo, recebendo esta honra que hoje me é conferida — a de ser incluído entre os sócios efetivos do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.

O meu ingresso nêste sodalício, meus senhores, foi em consequência de uma modesta obra que escrevi sôbre Viana — minha terra natal — obra essa que foi mais um desabafo do meu coração, um protesto solene contra as injustiças contra ela praticadas, durante mais de sessenta anos, num desejo insistente e perverso de reduzi-la ao que infelizmente ficou reduzida, do que propriamente uma obra interessante.

Levando, pois, em conta que é ainda ao meu berço natal que fiquei devendo esta honra, porque nasceu do amor que lhe consagro a possibilidade do meu ingresso nesta Casa, quero dedicar-lhe também a minha homenagem, trazendo

como motivo do meu discurso de posse a sua história, que é uma das mais belas e brilhantes páginas da nossa história.

Esquecida de tudo e de todos, como se não fosse uma célula integrante do organismo estadual, nem mesmo a sua história era conhecida, senão através de alguns episódios a que os historiadores, nas suas narrativas, não podiam furtar-se de citar. Não obstante foi Viana a precursora da colonização do nosso **hinterland**.

Passarei então, meus senhores, a fazer um esboço da sua história, já que não poderei descer a detalhes.

PIONEIRA DA COLONIZAÇÃO ESTRANGEIRA DO PAÍS — RESUMÓ HISTÓRICO

Quando Francisco Alberto Rubim assumiu o governo da Capitania, em 1812, havia então apenas 4 ou 5 vilas no litoral capixaba e algumas aldeias de índios pescadores disseminadas pela costa. Nem mesmo a Capital era ainda uma cidade.

Os colonos que até então se sucederam, na sequência longa de quase três séculos, mostraram-se incapazes para o levantamento demográfico da gleba, apenas com uma população de pouco mais de vinte mil habitantes, sem qualquer expressão política.

Os jesuitas, a cujo esforço sobrehumano devemos assinalados serviços, haviam sido expulsos, deixando ao governo os seus bens e, mais do que isto, milhares de neófitos ao desamparo, em favor dos quais não tinha reservado o governo, sem sequer as economias que os sacrificados sacerdotes haviam conseguido, com a ajuda deles, para manutenção da catequese.

Era necessário, portanto, que uma providência fosse tomada em benefício da colonização, mas de uma colonização organizada e superiormente dirigida. Não queremos dizer que a colonização estrangeira tivesse tido o seu início aqui, porque ela, de fato, existia desde a chegada de Vasco Fernandes Coutinho, em 1535. Queremos aludir apenas a uma colonização organizada, com elementos selecionados e agrupados.

Consultando a nossa história colonial, verificamos que na fundação de outras colônias, posteriormente, foram utilizados outros métodos de direção, diferentes dêste em que Rubim dividiu as terras em sesmarias e as doou aos sesmeiros sem preocupar-se de dar uma direção à colônia. É o que podemos inferir da falta de referência ao nome de qualquer diretor da colônia, em todos os documentos encontrados. Apenas cita a história a existência de um tenente comandante do contingente destinado a garantir os colonos contra as incursões dos índios.

Cada sesmeiro recebeu do governo a sua data de terras com casa de telhas, ferramentas, carros de bois ou cavalos pa-

ra seu serviço, mesada para dois anos. Além disto, tinham uma igreja com capelão curado, frei Francico Nascimento Teixeira e um cirurgião mor, José Maria da Silva. Receberam uma sesmaria de quarto de légua, cada um, e ainda o capelão a sua côngrua, como o cirurgião mor o seu ordenado, pagos pelos cofres da Intendência Geral de Polícia.

Fosse como fosse, o que é certo é que vieram os ilheus e se estabeleceram no sertão de Santo Agostinho, fundando aí uma povoação que logo se desenvolveu e se elevou a município. Não havia outro meio de acelerar o povoamento do solo capixaba, fora da imigração estrangeira — eis a conclusão a que chegou o Governador Rubim, naturalmente instado pelo Intendente Paulo Fernandes Viana.

OS PIONEIROS — São êstes dois homens os pioneiros da grandeza do Espírito Santo, em todo o sentido. Não fosse o sacrifício por êles empreendido numa época em que tudo era difícil, até mesmo a própria educação do povo, não teríamos chegado ao resultado que conseguimos depois, quando se fundaram as colonias de Santa Izabel, Santa Leopoldina e Rio Novo, além de outras, já obedecendo a métodos de direção mais racionais e eficientes.

FRANCISCO ALBERTO RUBIM — Era Francisco Alberto Rubim Capitão de Fragata da Armada Real, Coronel de Infantaria da Milícia e Presidente da Junta de Real Fazenda. Nascido em Lisboa a 27 de janeiro de 1768, faleceu a 14 de novembro de 1843.

Governou a Capitania de 1812 a 1820, quando foi nomeado para o govêrno do Ceará. Foi um dos governos mais operosos que teve o Espírito Santo, em todos os tempos. Revolucionou a administração pública em todos os setores administrativos, na agricultura, na educação do povo, fazendo-se êle mesmo até de inspetor escolar, visitando as escolas. Iniciou a colonização do interior capixaba, fundando a primeira colônia do país, e experimentou pela primeira vez as culturas do trigo e do linho, na sua colônia de Viana, com resultados surpreendentes.

PAULO FERNANDES VIANA — Era Intendente Geral de Polícia do Príncipe Regente, depois D. João VI, cargo que equivalia ao de Ministro da Justiça.

Foi o primeiro ocupante dêsse cargo, criado logo após a chegada da Família Real ao Brasil, em 1808. Carioca de nascimento, era bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, cidadão dos mais distintos do seu tempo, que já tinha revelado invulgar capacidade de administrador em várias missões de responsabilidade no Brasil, como na própria Metrópole.

Ao assumir D. Pedro a suprema direção do país, quando se ausentou D. João VI, a 26 de abril de 1821, foi Paulo Fernandes Viana destituído das suas funções, dada a animosidade que lhe votava o Príncipe, ao contrário do afeto que lhe dispensava o Rei.

Faleceu a 2 de maio de 1821, vítima de uma congestão cerebral, com 64 anos de idade. Refere Vieira Fazenda que a sua morte ocorreu em virtude de uma desfeita que o Príncipe D. Pedro lhe fizera, mandando cortar tôdas as árvores e destruir o jardim do Campo de Sant'Ana, umas amoreiras que o velho Ministro Vila Nova Portugal mandou plantar, para ensaio da criação do bicho da seda e que Viana, durante a sua administração, zelara com religiosidade.

"Essa brutalidade afrontosa feriu de tal sorte o velho servidor que lhe veio, com a congestão, o fim dos seus dias".

Homem operoso e patriota, dispoz-se a ajudar o Governador Rubim, de quem era tio, financiando a obra de colonização que este iniciara no Espírito Santo, tendo antes promovido a vinda dos ilheus procedentes da Ilhas do Açores, "a fim de aumentar a população branca dêste país".

Segundo Brasil Gerson, Fernandes Viana era sogro do condestável Luiz Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias.

Foi este, portanto, o cidadão que deu seu sobrenome ao primeiro núcleo colonial do Brasil e que, desfrutando de grande influência na Côrte de D. João VI, dali se deslocou para vir ao Espírito Santo ajudar a fundar uma pequena povoação em plena selva infestada de selvagens.

Devemos estabelecer um paralelo entre o que existia no começo do século passado, quando no interior do Estado só havia uma igreja, no meio da floresta virgem, e em derredor uma pequena povoação com 248 ilheus - que era Viana - e o que verificamos hoje, no gigantesco progresso do interior capixaba.

Quanta beleza não teria êsse quadro magnífico da nossa história, no decorrer dêsses 145 anos que nos separam da-quele longínquo 15 de fevereiro de 1813, quando chegaram os açorianos, se lhe quizéssemos dar, pela fôrça do nosso patriotismo e da nossa gratidão, o colorido que êle merece, com o verde das matas que, guiados por êles, ajudamos a desbravar, e o amarelo do ouro que sonhamos buscar em Minas Gerais, com Duarte Carneiro, através da Estrada de São Pedro de Alcântara.

DE COLÔNIA A MUNICÍPIO — O território que, em 1862, passou a constituir o município de Viana e que em 1813, fôra escolhido para início da colonização estrangeira no Brasil estava situado no município de Vitória e compreendia uma parte já povoada, onde existiam as fazendas de Araçatiba, Jucu, Jucuruaba, Belém e Tanque e o restante coberto de matas virgens, numa extensão de 32 léguas, até o quartel de Prin-

cipe, às margens do rio José Pedro, nas fronteiras com Minas Gerais.

Os sertões eram habitados pelos temíveis botocudos, da tribo dos Aimorés, os quais vigiavam as selvas com religioso fanatismo e orgulhosos de terem, durante quase três séculos, impedido a penetração do interior capixaba, até mesmo pelos cursos dos rios.

O sertão de Santo Agostinho, situado a alguns quilômetros de Vitória, para o ocidente, fôra o sitio escolhido para a localização dêsses imigrantes que vieram povoar o solo de nossa Pátria.

Logo de início o Governador contou com o auxílio de Viana, incumbindo-se de mandar vir os ilheus, os quaes, a 15 de fevereiro de 1813 se estabeleceram nas visinhanças do rio Jucu e dos seus afluentes, os rios Formate e Santo Agostinho, fundando-se, com êles, uma povoação a que Rubim deu a denominação de Viana, em homenagem ao operoso Intendente. Verificou-se a chegada dêsses colonos à Vitória, num total de 248 imigrantes distribuidos por cinquenta casais, a 21 de novembro de 1812. A cada um dêsses casais foi dada uma data de terras, com 112 braças de frente por 500 de fundo, mandadas medir e demarcar pelo Ouvidor José de Azevedo Cabral.

Em 1818, o Governador mandou o comendador Montiardim fazer entrega das cartas de sesmarias aos colonos, tôdas autorizadas por Carta Régia de 17 de janeiro de 1814 e confirmadas por Decreto de 19 de maio de 1818.

Com o progresso da povoação, deu-se início a construção de uma igreja, a 15 de dezembro de 1815, a cujo ato compareceu o Governador Rubim, sendo celebrada a primeira missa a 24 de junho de 1816 e solenemente inaugurada, estando completamente pronta, a 22 de março de 1817.

Essa festa deve ser considerada, como já o foi pelo município de Viana, como marco official da penetração do interior capixaba.

Dedicada a Nossa Senhora da Conceição, foi essa igreja elevada a Curato a 1 de dezembro de 1817, com capelão efetivo, e a Paróquia pela Resolução Régia de 25 de março de 1820.

Fernandes Viana jamais deixou de auxiliar a colônia com os cofres da sua Intendência, durante o tempo em que esteve na Côrte. As expensas do seu Departamento de Estado foram feitos o Cemitério, a igreja, uma casa para o Capelão, uma para o cirurgião, além daquelas destinadas aos colonos, a que já me referi. Até 1831 êsses bens ainda existiam como próprios nacionais.

O próprio Governador Rubim possuía ali uma casa de residência, para onde se transferiu durante o tempo em que estava em contrução a igreja. Nêsse sítio foi encontrá-lo o príncipe Maximiliano de Wied, em 1816, numa de suas incur-

sões científicas pelas florestas das fazendas de Araçatiba e Jucuruaba, e pelas margens do Jucu.

Foram distribuídas 54 sesmarias, inclusive as do capelão e do cirurgião.

Por lei provincial n. 13, de 30 de dezembro de 1837 foi a colônia emancipada, com a sua elevação a categoria de freguezia, com fôros de distrito, assim continuando até sua elevação a município, desmembrado de Vitória por lei n. 10 de 23 de julho de 1862. A sua instalação solene verificou-se no dia 8 de dezembro daquele mesmo ano, com a presença do então Presidente da Província, o Conselheiro José Fernandes da Costa Pereira Junior, sendo presidente da Câmara Municipal de Vitória o capitão João Crisóstomo de Carvalho.

Além da visita do príncipe Maximiliano, em 1816, a que já aludimos, foi também visitada, em 1860, pelo Imperador D. Pedro II, que se fez acompanhar do Presidente Pedro João Velozo, Conselheiro Cândido José de Araujo Viana, Marquês de Sapucaí, Dr. João de Almeida Pereira, Ministro do Império, Dr. Antônio de Araujo Ferreira Jacobina, Mordomo, além de outras pessoas de destaque do mundo oficial e político da Província, hospedando-se em casa de Dona Luiza Aurélia da Conceição, a mesma açoriana que assistira fazer-se, naquele local, a primeira derrubada, para edificação da igreja, como também a inauguração da mesma e posteriormente hospedara o Presidente Costa Pereira, cedendo sua casa para sede da nova Câmara e ainda mais tarde a instalação da comarca, em 1890, falecendo nêsse mesmo ano, com 95 anos de idade.

O TRIGO E O LINHO A Colônia desenvolveu-se regularmente, no setor do trabalho rural, razão pela qual determinou Rubim o aproveitamento das suas terras no plantio do trigo e do linho, o que foi levado a efeito com resultados satisfatórios, reconhecidos pelo próprio Príncipe Regente, que o elogiou por êsse grande empreendimento, ganhando com isto o Espírito Santo a primazia de ter sido o primeiro lugar do Brasil a fazer experiência dessas culturas.

É uma verdade incontestável a prioridade do nosso Estado, na história da cultura do trigo no Brasil, tendo em vista que foi iniciada em consequência da Carta Régia de 17 de janeiro de 1814, jamais observada por outro governador de capitania, além de Rubim, em que o Governo Regencial recomendava "a introdução aqui das culturas do trigo, da fava, das diversas qualidades do linho, ficando isentos por dez anos, a contar de 1 de janeiro de 1814, ao pagamento do dízimo e livres a tais cultivadores o uso do comércio de tôdas e quaisquer madeiras, mesmo o pau brasil, para uso particular, construção de casas e edifícios, sem licenças prévias".

A história nunca foi contada como aconteceu e por isso ficamos no olvido como pioneiros da cultura do trigo no país, graças a cuja experiência, em 1814, com resultados positivos,

pôde o Brasil, no tempo do Império, se suprir de trigo próprio e ainda exportá-lo em grande quantidade.

AS SESMARIAS — A divisão da terra em lotes para serem doadas a quem delas quizesse cuidar, no interesse da colonização e da lavoura, teve o seu início, no Esp. Santo, com o donatário Vasco Fernandes Coutinho, quando agraciou a Duarte de Lemos com a ilha de Vitória, a Jorge de Menezes com a ilha do Boi e a Valentim Nunes com a ilha dos Frades, continuando, em 1610, com a cessão de uma sesmaria aos índios de Nova Almeida (confirmada a 2 de janeiro de 1759). Depois houve uma outra doada a Domingos Antunes, em 1716, na Barra de São Mateus, seguindo-se a do sítio Sirí, perto de Muribeca, no município de Itapemirim, doada em 1703 a Manoel Soares da Rocha, mas só confirmada em 1793, sete na Serra e uma em Guarapará, as quais, em 1828, já estavam cultivadas, mas apenas uma confirmada.

Além destas, das de Viana, em número de cinquenta e quatro, existiam ainda no Esp. Santo oitenta e sete em Linhares, às margens do Rio Doce, treze em Vitória, nove em Benevente, quatro em Itapemirim e cinco às margens do rio Santa Maria. Em alguns lugares essas sesmarias ficaram incultas, habitadas apenas pelos índios e pelas feras, como as de Linhares, das quais apenas duas foram aproveitadas. Em outros lugares, porém, surtiram o desejado efeito, trazendo valiosa contribuição à campanha de povoamento do solo capixaba.

Temos o exemplo da sesmaria de Manoel Soares da Rocha, no vale do Itapemirim, depois ocupada por Inácio Cacunda, o iniciador da colonização daquela região, seguido mais tarde por Luiz José Moreira, Francisco Gomes Coelho da Costa, José Pereira de Almeida e José da Silva Quintais; a de Domingos Antunes, considerando o desbravador de Barra de São Mateus; a de José Claudio de Souza, às margens do rio Santa Maria, o pioneiro da colonização de Santa Leopoldina.

Além destes casos, podemos citar os cidadãos que foram sesmeiros e se transformaram em pioneiros da colonização, como o Barão de Itapemirim, que iniciou sua vida como sesmeiro em Benevente e depois se mudou para o Itapemirim, onde foi o maior impulsionador do desenvolvimento da região sul do Estado, sem qualquer sombra de dúvida um dos maiores benfeitores da terra espírito-santense.

Em Viana, onde tôdas as sesmarias foram cultivadas pelos ilheus, ainda existem até hoje algumas famílias que residem nos mesmos terrenos em que há 145 anos se estabeleceram, como sesmeiros, os seus antepassados açorianos.

RESULTADOS OBTIDOS COM A COLÔNIA — Foram dois os resultados imediatos obtidos com a fundação desta colônia: A MARCHA DE PENETRAÇÃO DO INTERIOR CAPI-

XABA, através da Estrada de São Pedro de Alcântara, e a abertura do comércio com Minas Gerais, possibilitando a colonização da zona sul e parte da região sudoeste do Estado.

A ESTRADA DE SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA —

Quando Silva Pontes, em 1802, falou na abertura do comércio de Minas Gerais com o Esp. Santo, através do Rio Doce, muita gente acreditou que êle tivesse mesmo solucionado êsse problema da falta da comunicação entre as duas capitanias.

Logo, porém, que os interessados se aprestaram para a primeira viagem e a realizaram, lá não voltaram mais, tamanho o sacrifício que fizeram, ante os tremendos ataques dos selvagens e com as baldeações sucessivas em cada cachoeira das muitas existentes no curso do grande rio.

Era então imprescindível a abertura de uma estrada. Para executá-la Rubim escolheu o autêntico sertanista, coronel Inácio Pereira Duarte Carneiro, então fazendeiro em Viana, filho da região, o qual logo se aprestou para a grande aventura, abrindo setenta e quatro léguas de estrada, em plena mata virgem, até o interior de Minas Gerais. Iniciada em 1814 em 1820 já estava dando passagem às boiadas que vi-

E, nesse caminhar inexorável, o fim do século 19, chega o ano de 1900 que iria ficar marcado, na vida de Elias Tommasi, pela morte de sua veneranda mãe — D.^a Joana Podestá Tommasi. De agora em diante é ele o chefe da família, é ele quem vai educar e orientar os seus irmãos.

Elias Tommasi era um trabalhador incansável, embora de natureza calma e tranquila.

E tanto trabalhou ele, no início de sua vida, que Dom Paulo, seu Arcebispo e amigo, para atender aos reclamos de sua saúde, o nomeou vigário da Paróquia de S. João Batista de Pula.

Lá, nessa paróquia, hoje se ergue interessante igreja, em forma de cruz e em estilo romano, com três naves, três cúpulas e nove altares, igreja essa cuja construção foi levada a efeito, em treze meses, sob a direção do Padre Elias Tommasi.

Da Paróquia de S. João Batista de Pula é o Padre Elias transferido para a de Arbus; e daí para o Brasil, esta pátria que afinal adotou por sua, esta Pátria a qual deu meio século de vida e de trabalhos, pois aqui chegou no dia 9 de outubro de 1906.

E em aqui chegando, não descansa o Padre Elias Tommasi desde o instante em que, pelo Cardeal Arcoverde, é apresentado a Dom Fernando de Souza Monteiro, Bispo do Espírito Santo.

Nesse mesmo ano de 1906, pelo Natal, na Capela de Bonsucesso, já o Padre Elias, com apenas dois meses de estada no Brasil, pregava em português, tendo aprendido a nossa língua com Monsenhor Lopes de Araujo, vigário de Sant'Ana.

De ora por diante, temos a vida do Padre Elias Tommasi se movimentando na terra de Maria Ortiz, assinando, com marcos imorredouros, a sua passagem pelos rincões mais afastados da gleba espírito-santense. E aqui, em nosso Estado, vemos o Padre Elias Tommasi na Paróquia de São Pedro do Itabapoana até março de 1908. Daí é ele mandado a S. José do Calçado e a S. Miguel do Veado onde, por seis anos seguidos, exerceu as suas atividades de ministro de Deus em um trabalho constante e diuturno, cansativo e interminável, palmilhando as áreas imensas entregues ao seu zelo e cuidado.

Em Calçado fundou um colégio — o Ginásio Jerônimo Monteiro que, se não existe até os dias atuais isso se deve ao afastamento do seu fundador; em Calçado adquiriu pequena tipografia e lançou um semanário católico, ao qual denominou o "Lábaro da Paz".

E a vida do Padre Elias continua em uma sequência de lutas e de triunfos; e agora, pasmem todos, o Presidente de Estado de então — o Coronel Marcondes Alves de Sousa —

delibera entregar-lhe a direção do Ginásio Espírito-Santense, ao tempo em franca decadência.

Ali, naquele venerando estabelecimento de ensino, o Padre Elias vai-se defrontar com vinte e dois rapazes, ali encontrou o Padre Elias, como alunos do estabelecimento querido, dentre outros, Lourival de Almeida, Silvio e Moacir Avidos, Asdrubal Soares, Jair e Paulo Ataíde de Freitas e, também esta figura marcante de estadista de projeção, que é Jones dos Santos Neves; naquele modesto estabelecimento de ensino, o Padre Elias foi encontrar nas pessoas de Jonas Montenegro, Adolfo Fernandes de Oliveira, Carlos Mendes, Luiz Jouffroy e João Manoel de Carvalho, amigos dedicados, que não tiveram dúvida em lecionar, mediante a paga humílima de quatrocentos cruzeiros anuais, em todo o 1914.

E, afinal, em 1916, é o Ginásio Espírito Santense equiparado, passando depois a se denominar Ginásio do Espírito Santo.

A êsse tempo, o Padre Elias acumulava as funções de diretor do Ginásio e de Cura da Catedral. O trabalho, decorrente do exercício dessas funções era árduo, era demasiado e, então, o Padre Elias, sacerdote na mais legítima expressão procurando a D. Fernando lhe fez sentir que não mais poderia continuar no exercício de Diretor do Ginásio Espírito-Santense. O saudoso e sempre lembrado bispo capixaba, não permitiu que o Padre Elias se afastasse da direção do Ginásio, ponderando-lhe que seria mais fácil conseguir um cura para a Catedral do que um diretor para o Ginásio Espírito Santense.

Mas... os tempos mudaram muito. E o tempo continuou a correr aceleradamente; as lutas políticas movimentaram o nosso Estado; Nestor Gomes é, agora, o Presidente do Estado; estamos em 1920 e o Padre Elias é partidário de Jerônimo Monteiro e, por coerência política, se exonera da função de diretor do estabelecimento continuando, porém, a reger a cadeira de Latim, cuja catedra conquistara em concurso, regência essa que durou até 1935, quando se aposentou.

Uma nova paisagem, de 1935 em diante, reclamaria as atenções do Padre Elias. É que D. Luiz Scortegagna, conhecendo os trabalhos anteriores do Padre Elias deliberou atribuir-lhe a árdua função de vigário da paróquia de Mimoso do Sul. E a atestar a operosidade do nosso eminente consócio, naquele município, lá, existe a matriz em estilo gótico, com todos os pertences necessários à prática da religião. E em Mimoso do Sul fundou o Padre Elias um jornal católico — A Voz Mariana — ao tempo de D. Fernando o Padre Elias dirigiu o semanário católico “A Cruzada” e, ao tempo de Dom Benedito orientou o “Santuário da Penha”, de tantas e tão boas recordações.

Vida intensa e bem vivida, essa do Padre Elias, dêsse modesto sacerdote que, de 1924 a 1935, por onze anos a fio, serviu como capelão do Colégio do Carmo.

Mas a vida prossegue, prossegue sempre para a frente; em 1946, quando à frente dos destinos desta Casa estava o Desembargador João Manoel de Carvalho, me foi proporcionada a oportunidade feliz de saudar, em nome do Instituto Histórico, o padre Elias ao ensejo de seu jubileu sacerdotal; e o tempo continuou a correr, a correr inexoravelmente e tenho uma vaga recordação de que, no último domingo do mês de fevereiro do corrente ano de 1955, tive a felicidade de assistir à Santa Missa, celebrada em São Gonçalo pelo Padre Elias.

E a minha companheira teve a oportunidade de chamar a minha atenção para o Padre Elias, tão alquebrado, tão cansado. Mal imaginaria eu que, uma semana depois, no dia 3 de março de 1955, deixaria este mundo, com 82 anos de idade, o mestre e o amigo inexcusável e o sacerdote sem jaça, verdadeira jóia, legítimo filho da Igreja Católica.

— — — — —

Prezados Consócios:

Até agora, pàlidamente, vos falei daquele que foi um dos sócios fundadores desta Casa e o seu primeiro terceiro vice-presidente.

Agora devo eu vos relembrar, ainda que pàlidamente, uma outra figura de sacerdote, um outro soldado de Jesus Cristo e sócio correspondente dêste Instituto.

E ali, ali naquela veneranda cidade de Anchieta, a terra preferida do Apóstolo do Novo Mundo, uma família católica, como aquela própria terra, surgiu trazendo, em si, a marca e o sêlo da predileção divina.

Desta família aureolada, dois príncipes, duas autênticas figuras da humanidade, vestiram a sotaina humilde de Salesiano — Dom Helvécio e Dom Emanuel Gomes de Oliveira.

Cumpre-me, agora, neste instante de intensas evocações, recordar a figura de Dom Emanuel, o primeiro Arcebispo de Goiaz, cujo falecimento ocorreu “in osculo Domini”, na cidade de Silvânia, do Estado de Goiaz, às dezesseis horas, do dia 12 de maio do corrente ano.

Dom Emanuel faleceu aos oitenta e um anos de idade; e quando a notícia de sua moléstia foi anunciada a todos os rincões brasileiros, os espíritos se anuviaram, como que pressentindo que o pior estava para acontecer, como afinal veio a acontecer.

Felizes, entretanto, os que podem se despedir dêste mundo como Dom Emanuel. É que, falecendo aos oitenta e

um anos de idade, essa vida prodigiosa e intensa se compõe de dois períodos bem distintos — cinquenta e quatro anos de sacerdócio e trinta e dois anos de Episcopado.

Mui justamente, ilustres consócios, recebeu Dom Emanuel o título de “Arcebispo da Instrução”. E por que recebeu êle tão sugestivo cognome?

Porque em regiões várias do Estado de Goiaz fundou mais de uma dezena de Colégios, fundando ainda a Faculdade de Filosofia e a Faculdade de Direito (esta em vias de funcionamento) na capital goiana.

Vivendo, como viveu, uma vida inteiramente dedicada ao Senhor, Dom Emanuel encarou tranquilamente a grande viagem para a Eternidade e, antes de empreendê-la solicitou, e recebeu, piedosamente, os últimos sacramentos, fazendo a profissão de Fé, segundo o ritual dos Bispos e renovando os seus votos de Salesiano.

E quando Dom Emanuel sentiu, naqueles primeiros dias do mês de maio do corrente ano, que a sua missão estava cumprida, que o têrmo de sua vida se aproximava, mandou recomendações a êste grande Arcebispo e seu irmão ilustre — Dom Helvécio — combinando providências, sempre benéficas e sempre necessárias à vida da Igreja.

Em seu quarto modesto, e em seu leito humilde, no Seminário Arquidiocesano Santa Cruz, na paróquia de Silvânia, a duas horas de Goiânia, dom Emanuel deixou esta vida, sem um reclamo, sem qualquer restrição aos sofrimentos últimos que a Divina Providência lhe reservara.

Morreu, como viveu, santamente.

Quem ousaria pensar que aquêle menino, filho daquela matrona — D.^a Maria Matos de Oliveira — um dia saíria daquela pequenina cidade do Estado do Espírito Santo para ser querido, admirado e chorado por todo o Brasil.

Mas a vida tem mistérios, o destino de cada um de nós nem sempre segue uma linha reta.

A nova catedral de Goiânia guarda, avaramente, os restos mortais de Dom Emanuel; nos seus funerais se fizeram representar não apenas as autoridades eclesiásticas; lá estavam também os representantes do Govêrno Federal e dos Estados de Goiaz, de Mato Grosso e do Espírito Santo.

Curiosa coincidência essa a que enlutou, no corrente ano, o nosso Instituto Histórico e Geográfico. Duas sotainas, dois cultos de sacerdotes e de ministros de Deus, deixam o convívio dêste sodalício.

E êstes vultos, pelo seu valor e pelas suas virtudes, confirmam a pujança desta Instituição e demonstram que aqui a história da nossa terra se escreve sem demagogias, que os nossos julgamentos, para a posteridade, têm o seu alicerce na verdade dos fatos, na consciência dos justos e na imparcialidade dos corações de um povo, que jamais se deixou enganar.

Elogio dos consócios falecidos em 1957 e 1958

Nelson Abel de Almeida

Embora pagão, hoje sabe-se, nenhum povo da antiguidade excedeu, ao grego, na prática religiosa, no culto aos antepassados, na reverência à glória dos que bem serviam à Pátria.

Leis gregas existiram, que disciplinaram o culto público e, uma, em especial, estabelecia — **honrai, pública e particularmente, os deuses e os heróis nacionais. Cada qual deve oferecer-lhes todos os anos, de acôrdo com as suas possibilidades e conforme os ritos estabelecidos, as primícias das colheitas.**

E carradas de razão tiveram os gregos, quando determinaram a obrigatoriedade do culto público, para os seus deuses e para os seus heróis nacionais. É que sabiam eles, a pátria não sobreviveria sem êsse culto, é que sabiam eles — os gregos — o futuro de uma nacionalidade se alicerça no carinho e no amor, por essa mesma nacionalidade, dedicados aos seus antepassados, dedicados aos que bem souberam viver, sempre de olhos fitos no porvir da sua gleba e dos seus.

Assim foi, assim é, e assim sempre será, enquanto o mundo fôr mundo, enquanto uma criatura humana tiver antepassados, ou possuir descendentes.

Possivelmente, êste é o motivo pelo qual os estatutos do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo impõem, ao seu orador oficial, o dever sagrado de fazer o elogio dos consócios falecidos, no ano social anterior, ao ensêjo desta magna sessão.

Para o cumprimento dêste dever querido, para a rememoração daqueles companheiros que, até ontem, privaram do nosso convívio, animaram-nos com os seus exemplos e conselhos, extasiaram-nos com suas virtudes e engrandeceram o Brasil, o Espírito Santo e a Casa de Domingos Martins, aqui estamos todos, certos, porém, de que modesta é a homenagem, nesta hora, prestada a Abner Mourão, Afonso de Escragnolle Taunay, Cândido Mariano da Silva Rondon, José Antonio Lopes Ribeiro e José Rodrigues Sette.

Êstes nossos ilustres consócios, desaparecidos no ano social que hoje se finda, tiveram, em seus corações, um culto constante e indormido, pelas cousas brasileiras, participando, destacadamente, na vida intelectual e política, seja do Brasil ou do Espírito Santo.

Lamentamos a falta de maiores dados biográficos, a fim de que, à altura de suas personalidades marcantes, se

situassem as palavras nossas que, se pecam pela falta de brilho, são proferidas com o mais enternecido carinho, e com o mais sentido respeito.

Abner Mourão

Abner Mourão, o festejado e valoroso jornalista, que o Brasil conheceu e S. Paulo tanto admirou, nasceu no Espírito Santo, ali no município de São José do Calçado.

Espírito-santense dos mais ilustres, não foi o desamor à sua terra querida o móvel de seu afastamento dela; Abner Mourão não deixou o Espírito Santo por não querê-lo, antes deixou-o por muito extremecê-lo, para engrandecê-lo, para projetá-lo, intelectualmente, em um outro ambiente maior e de maiores recursos, Abner Mourão deixou a terra natal, e foi para S. Paulo, e foi fixar-se na cidade que mais se agiganta no mundo, a fim de que, com êle, por êle e através dêle, até lá se ouvisse falar do Espírito Santo, se bem dissesse o nome do menor Estado da Federação. E isso Abner Mourão conseguiu; e Abner Mourão demonstrou, com a sua inteligência fulgurante, com a sua admirável pena de jornalista admirado, que também os Estados pequenos são berços de grandes inteligências, de brasileiros tão amantes, e tão apaixonados do Brasil, como outros que nascem em maiores unidades dêste prodigioso Brasil.

Era eu ainda aluno do então Ginásio Espírito Santense, hoje Colégio Estadual do Espírito Santo, quando ouvi falar de Abner Mourão, o capixâba ilustre que em São Paulo, era festejado e se projetava como jornalista.

E isso deve ter ocorrido aí por 1919; era o tempo da chamada “República Velha”, aquela messalina política (assim chamada pelos regeneradores do Brasil), que hoje, quem sabe, para muitos dos decepcionados revolucionários de outubro de 1930, é tida na conta de uma pudica virgem, em véspera de casamento, a vista do descalabro moral que avassala esta nobre ciência a Política —, arte de governar os povos, fazendo-os felizes e cuidando do seu bem estar social — era repetido-se, o tempo da chamada “República Velha” e os dirigentes da política espírito-santense, de então, pretenderam que Abner Mourão fôsse, na Câmara Federal, um dos seus representantes. E, até altas horas da madrugada, o ginasiano, que era eu, confeccionou as cédulas para o candidato que, nem de vista, era conhecido seu.

Mas... a política tem segredos, tem as suas conveniências e as suas oportunidades; as cédulas feitas, e feitas a mão, não foram aproveitadas.

Para muitos o trabalho teria sido perdido; para o ginasiano não, porque, aquêle nome do espírito-santense ilustre lhe ficou gravado na memória. Um dia, em 1935 o jorna-

lista consagrado e o ginasiano, agora jornalista incipiente, e bisonho, se encontrariam na mesma redação, êle para ensinar, sem dizer que o estava fazendo, e o ginasiano, agora bacharel em Direito, para aprender como devia ser exercida a nobre profissão.

E isso aconteceu quando, o Brasil, depois da Revolução de 1930, caminhava para a reconstitucionalização; e isso aconteceu depois da Revolução Paulista de 1932, aquêlê movimento heróico, no qual o Estado bandeirante se levanta em armas, num admirável protesto contra a ditadura e o ditador.

Na luta que, neste Estado, se empreendeu para reconstitucionalizá-lo, um partido de oposição à situação dominante, se organizou — o glorioso Partido da Lavoura. A êle se filiaram todos os que, no Espírito Santo, não comungavam das idéias vigentes e todos os que desejavam, para o Espírito Santo, um govêrno sem o vício da Revolução de Outubro. E, para a campanha, que se julgava de redenção, foram convocados todos os capixabas, de nascimento e de coração, aqui residentes ou não.

E Abner Mourão não faltou à convocação. Veio de S. Paulo pelejar a boa luta, ajudar a recuperar o Espírito Santo. Incluído na chapa do Partido da Lavoura, foi um dos eleitos; na Assemblêia Constituinte Estadual de 1935 foi leader da bancada oposicionista.

Ainda hoje, quase meio século transcorrido, todos recordam a elegância e serenidade de Abner Mourão, como adversário político do Governador João Punaro Bley.

Aqui, neste Estado, presidiu o nosso eminente conterrâneo a Associação Espírito Santense de Imprensa e foi redator-chefe do "O Estado", o intemorato jornal oposicionista de então, que só emudeceu quando do golpe de 1937.

Era, ainda Abner Mourão membro da Academia Espírito-Santense de Letras, ocupando a cadeira número onze que tem como patrono Deocleciano de Oliveira.

Em São Paulo, foi Abner Mourão redator-chefe do velho e tradicional Correio Paulistano, tendo, ainda dirigido o "Estado de São Paulo" grangeando, nessa oportunidade, a admiração de muitos.

E, não fôra a Revolução de 1930 é bem possível Abner Mourão, hoje, tivesse o seu nome inscrito na lista dos mais destacados governadores do Espírito Santo.

Militante da política, não se utilizou dela para servir-se, mas para servir, para ser útil à sua Pátria e à sua coletividade.

Desaparecido em novembro de 1957, a sua memória viverá conosco, pela bondade de seu coração, pela incorruptibilidade de seu caráter.

Afonso de Taunay

Na admirável São Paulo, em 9 de Fevereiro do corrente ano, faleceu um extraordinário e profundo conhecedor da nossa querida História do Brasil — Afonso de Escragnole Taunay.

Era êle filho do Visconde Taunay, o eminente e illustre autor de “Retirada da Laguna”, de “Inocência” e de tantas outras obras, que constituem riqueza inestimável da literatura brasileira.

Pujante, e perpétua é a bagagem histórica que Afonso Taunay deixou à posteridade; os seus livros constituem farto manancial de sabedoria, revelando o amor e o cuidado com que, pelo inconfundível cultor da nossa história, eram tratados os acontecimentos do nosso passado.

Mas, não se pense que Afonso Taunay foi apenas historiador. Não, o seu espírito de intelectual, e intelectual estudioso, tratou, com mestria, também de história da arte, da ciência e da literatura brasil, como também se demorou no campo da linguística, publicando, neste setor, obras de valia, dentre as quais podem ser citadas — Reparos ao Dicionário de Cândido de Figueiredo, A terminologia científica e os grandes dicionários portugueses, Insuficiência e deficiência dos grandes dicionários portugueses, Léxico de termos técnicos e científicos, além de outras.

Historiador de raça, avulta, na bibliografia deixada por Afonso Taunay, a História Geral das Bandeiras Paulistas, obra essa que, só ela, consagraria um historiador. É ela um monumento de sabedoria, na História do Brasil; já se está cogitando de uma reedição dessa obra, indispensável, sem dúvida, a qualquer estudioso da história pátria que pretenda, conscienciosamente, fazer qualquer estudo sobre o movimento bandeirantista brasileiro.

Afonso Taunay, pode-se afirmar, morreu estudando a História do Brasil. E tanto é assim, que, desenove dias antes de fechar os olhos para a vida, o sábio Afonso Taunay, ao receber, de Charles Dunlop, o terceiro volume da obra “Rio Antigo”, agradece-lhe, com uma interessante carta, da qual extraímos o seguinte trecho:— “Ilmo. confrade e erudito amigo Dr. Charles J. Dunlop. O dia de hoje, apesar de muito feio e chuvoso, como correu da manhã à noite nestas terras paulistanas, tive de o invocar com a pedra branca dos romanos, graças à sua extrema gentileza, enviando-me, com tão generosa dedicatória, o terceiro e excelente volume dos seus estudos cariocas. Mas que presentão! Lembrou-me a amizade que me ligava ao grande mestre que foi aquêle a quem Capistrano Chamava “Tapera Velha”, porque sendo Fazenda e idoso tinha que ser forçosamente tapera, ao que retrucava Vieira Fazenda chamando ao amigo índio das mar-

gens do Jaguaribe! Cariry Jaguaribana! Que prazer sentiria Vieira Fazenda de ver os belos trabalhos publicados e em via de publicação, de autoria de Charles J. Dunlop! Êle que conhecia as coisas cariocas como “gente grande”, ou melhor, como “gente grandíssima”.

Vê-se, neste trecho de uma carta íntima, escrita por Afonso Taunay a um amigo, também historiador, todo o entusiasmo jovem de um venerando brasileiro, que mal presentiria o seu fim.

Afonso Taunay, nosso eminente consórcio correspondente, honrou as letras históricas nacionais. Os seus ensinamentos, as suas lições, hoje, mais que nunca, hão de ser um roteiro seguro para os historiadores do presente e para os historiadores do porvir.

Cândido Rondon

Carlyle, em seu livro “Os Heróis”, nos ensina, com uma justeza admirável — “uma grande alma, uma alma sincera, muitas vezes ignora o seu próprio ser; — ora ascende às mais altas regiões, ora desce às maiores profundidades; é a menos indicada para se avaliar”.

Este pensamento do mestre cabe, como uma luva, àquela individualidade, de homem universal, que se chamou Cândido Mariano da Silva Rondon, ilustre sócio correspondente dêste Instituto.

O grande filho de Mato Grosso, no século vinte, relatou aquela obra admirável — a catequese do silvícola brasileiro —, levada a efeito pelo jesuíta, na primeira centúria da nossa história.

E por que Rondon, em pleno século XX, realizou esta obra extraordinária, por todo o Brasil admirada e louvada? Porque, como o jesuíta, estava êle convencido da necessidade de integrar, os nossos irmãos das selvas, na grande comunidade brasileira, transformando-os em cidadãos úteis a esta pátria amorosa e, dela, dignos.

Não estivesse Rondon convencido, sinceramente, desta necessidade e não teria êle escrito as páginas de rara beleza humana, que escreveu; não fôsse êle homem de coração, não fôsse êle brasileiro, apaixonado pelo Brasil e pelo problema da integração do indígena na civilização brasileira e, por certo, nada teria conseguido na luta que empreendera.

Em 1907, há mais de meio século, Rondon, então major de engenheiros, teve a Comissão Construtora da Linha Telefônica de Mato Grosso ao Amazonas. Ai se assinala o minuto decisivo da vida do grande Marechal da Paz.

Analizando-lhe a obra admirável, afirmou Roquette Pinto — “a obra científica e social de Rondon não pode ser

assás admirada; êste livro dará pálida demonstração de tal asserto.

Em cinco anos de trabalho êle conquistou, pacificamente, alguns milhares de Kms. quadrados, agora em condições de fácil valorização. De cada índio, cuja ferocidade não era lenda vã, e cuja animosidade sacrificou tantos homens, fez um amigo.

Abriu à ciência um campo enorme de verificações e descobertas; à indústria, tôdas as riquezas de florestas seculares. Soube coroar sua atividade estendendo o fio telegráfico, que os Parecis chamam **língua de Mariano**, em homenagem ao seu grande amigo, entre pontos extremos de sua pátria que ligou por uma gigantesca estrada de rodagem.

E mostrou à Humanidade irmãos primitivos, que mais uma vez lhe recordam a modéstia da sua origem".

A obra realizada por Rondon, com a finalidade de integrar irmãos nossos na civilização brasileira, é imperecível, é dessas realizações, cujos frutos, só no futuro, podem ser bem avaliados.

Daí porque, o eminente estadista americano Theodoro Roosevelt afirmava "que a América pode apresentar ao Mundo duas realizações ciclópicas: ao norte — o Canal do Panamá, ao sul, as conquistas geográficas de Rondon".

A morte não permitiu que Rondon visse, confirmada, a sua indicação para ser um dos detentores do Prêmio Nobel. Pouco importa isso, que Rondonia é o seu maior galardão de glória e, embora passem os séculos, o Brasil sempre há de lhe reverenciar a memória e a sua obra de civilizador.

Desembargador Lopes Ribeiro

O ano social de 1957 regista o desaparecimento, de eminentes e ilustres membros do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.

Já traçamos, linhas atrás, ligeiros traços biográficos de três dêes, sócios correspondentes dêste sodalício e dos mais notáveis; agora teremos de nos referir ao Desembargador José Antonio Lopes Ribeiro, também desaparecido neste ano repleto de tantos fatos que enobreceram a História do Brasil, repleto de um tão grande número de sócios desaparecidos.

Ê que, queiramos ou não, a lei natural há de se cumprir; e muitos hão de desaparecer, do número dos vivos, a fim de se tornarem mais admirados e mais queridos.

José Antonio Lopes Ribeiro era natural do Estado da Bahia. Ali fez os seus estudos primários e os seus estudos secundários, concluindo, mais tarde, o seu curso de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais.

E bacharel em Direito, Lopes Ribeiro, de espírito sereno e tranquilo, preferiu a magistratura à advocacia.

Ser juiz, proferir julgamentos, distribuir justiça coadunava mais com seu espírito.

Perlustrou como juiz, várias comarcas do Estado, dentre as quais Cachoeiro de Itapemirim que, com saudade, lhe guarda o nome e lhe reverencia a memória.

Vivendo em um tempo, em que, ao magistrado, se permitia exercer cargos de confiança do Chefe do Executivo, foi Lopes Ribeiro conduzido ao elevado e difícil cargo de Secretário do Interior e Justiça, no Governo Florentino Avidos. E presidindo aos serviços de uma Secretaria de Estado, eminentemente política, Lopes Ribeiro não deixou de ser magistrado, não foi envolvido e nem tragado pela política.

Aposentado, como desembargador, fixou residência no Rio de Janeiro, onde a morte o colheu.

Viveu vida exemplar, como bom católico que era.

Mas, para perpetuar-lhe o nome honrado e digno ai estão os seus descendentes, alguns magistrados como êle, dentre os quais se sobressai Darcy Lopes Ribeiro, capixaba ilustre que com a sua sabedoria e com a sua cultura, está iluminando a magistratura, na capital da República.

Dr. José Sette

Caminha o ano de 1957, como caminharam todos os outros.

Os dias se sucediam aos dias, até que se chegou a 2 de novembro de 1957. E, logo pela manhã, correu a notícia pela cidade traduzida nesta frase — morreu o Sette.

E, infelizmente, era verdade. Em 2 de novembro de 1957, José Sette fechou os olhos para esta vida.

José Rodrigues Sette, assim era todo o seu nome, nasceu em Pernambuco, na Cidade do Cabo, em 22 de maio de 1885. Foram seus pais Eugênio Rodrigues Sette e Da. Liberata Sette, ambos professores públicos; com êles o nosso velho, e boníssimo José Sette fez os primeiros estudos.

Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, diplomado pela veneranda Faculdade de Direito do Recife, em 1912 está José Sette no Espírito Santo.

Aqui chegou para ficar, tanto que, quatro anos mais tarde, em 2 de dezembro de 1916 está êle casado com uma capixaba, a então senhorita Sylvia Lindenberg, hoje Da. Sylvia Lindenberg Sette

Dêste consórcio houve o ilustre casal quatro filhos — Eugênio, Thamar, Rachel e Luiz Paulo, — os quais, mui justamente, se podem orgulhar e envaidecer do nome que lhes deixou o seu ilustre progenitor.

Sinto que não me é possível, nesta hora, como era meu

desejo fazer um estudo desenvolvido, e metuculoso, do que foi a personalidade de José Sette, do quanto influiu o nosso eminente consócio na vida cultural e política do Espírito Santo, do quanto exemplificou êle as gerações modernas.

Neste Estado, José Sette construiu uma vida, que teve uma constante ascensão. Passou por todos os cargos públicos, a todos dando lustre, a todos dignificando.

Para muitos era êle um cético, era êle um homem que não sentia entusiasmos e nem acreditava em certas e determinadas fórmulas. Para mim, o ceticismo de José Sette era, apenas aparente, eis que no fundo de sua alma, no âmago de seu coração de nordestino estava bem sedimentado, um idealismo e dos mais sadios. Sette era, e, foi um dos maiores idealistas que já pisou as ruas de Vitória, que já viveu no Espírito Santo.

Assim é que, em um dia longínquo — em 12 de Junho de 1916, — reuniram-se, “em uma das salas do edificio do Congresso Legislativo do Estado do Espírito Santo, cedida para a fundação e a sede provisória de uma associação destinada ao estudo da história nacional e da geografia, especialmente no que se referisse ao Estado do Espírito Santo”, quarenta e três homens proeminentes da terra capixaba. Esta associação transformou-se no Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e, dentre os quarenta e três vultos eminentes, lá está José Sette. E êle não compareceu, apenas para dar número, visto como discutiu assuntos de interesse e propôs emendas ás propostas que foram discutidas.

Foi, assim, José Sette um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, numa eloquente demonstração de seu civismo e do seu espirito idealista, sempre voltado para as cousas do espírito, sempre pensando no culto ao passado.

Quando, no Espírito Santo, em virtude de decreto-lei federal, se cuidou de organizar a Ordem dos Advogados do Brasil (Secção do Espírito Santo), estava José Sette ao lado de Ubaldo Ramallete, de Aloisio de Menezes e de outros, para fundarem este órgão de seleção e disciplina dos advogados.

Na Ordem, chegou a exercer a sua presidência, só deixando de pertencer ao Conselho Seccional quando, pelo Interventor Jones dos Santos Neves, foi convocado para a Procuradoria Geral do Estado.

E agora, quando José Sette não mais está aqui, não é demais se diga — a sua escolha, para Procurador Geral do Estado, na Interventoria Jones dos Santos Neves, trouxe um júbilo incontido á classe dos advogados. Cada um de nós sentia que, naquele elevado cargo, o advogado José Sette daria lustre, ao cargo, demonstrando, também a cultura do advogado capixaba. Justo foi o júbilo da classe.

E a Procuradoria Geral do Estado viveu, com José Sette á sua frente, uma época áurea; os seus pareceres eram respeitados pela sua juridicidade, pela concisão e pela linguagem escorreita em que eram vasados.

— — — — —

Se José Sette foi aquêlê jurista, foi aquêlê advogado que todos nós ainda relembramos com saudade; como político, como homem de partido, o velho Sette foi a personificação da lealdade.

Pode-se dizer, sem mêdo de errar — jamais foi êle excellido, em lealdade durante tôda a sua vida de homem político.

Assim, em 1930, quando o Presidente Aristeu Aguiar, sem elementos de defesa, sem possibilidade de sustentar, no Espírito Santo, a ordem legal, viu-se na contingência de buscar asilo em um nâvio estrangeiro, a Assembléia Legislativa Estadual decretou-lhe a perda de mandato, em sessão memorável.

Entendia o Poder Legislativo Estadual que o Presidente Aristeu Aguiar perdera o seu mandato, em face da alínea 3.a do artigo 35 da Constituição Estadual, dito artigo, ao dispor sobre a perda de mandato do presidente e vice-presidente do Estado, estabelecia: — “perderão o mandato de presidente e vice-presidente do Estado: — 3.º) — os que estando no exercício da presidência, se ausentarem do Estado por mais de vinte dias, ou da Capital por mais de sessenta, sem licença do Congresso, embora hajam transmitido o govêrno ao substituto legal”.

Naquela hora histórica, quando a vitória da Revolução de Outubro despontava quando ser partidário do venerando Whashington Luiz era um crime de lesa — pátria, naquela hora histórica, quando os contrários á Revolução de Outubro eram taxados de “carcomidos”, o velho Sette, ainda um moço, lutou no Legislativo Espírito Santense, pelo bom princípio, enfrentou êle só, não como uma vóz no deserto, a cultura jurídica espírito santense, a lealdade partidária; naquele instante de debandada, José Sette foi, para Aristeu Aguiar, “o amigo certo das horas incertas”, ao votar contra a perda de mandato que se propunha. E a sua atitude foi desassombrada, como desassombrada foi a sua vida, que José Sette não era homem de meias medidas, não era homem que faltasse a palavra empenhada.

Mas, não foi êste o único fáto da vida de José Sette, a comprovar a sua bravura cívica, a demonstrar a noção que tinha êle da autoridade, mas daquela autoridade que, tanto mais se enobrece, quanto mais austera é.

E assim, conta-nos Ciro Vieira da Cunha, “mais tarde, quando da deposição de Getúlio Vargas, porque fôsse Interventor, recebeu em seu gabinete, com a calma com que receberia um pedinte de emprêgo, um oficial do Exército que, valendo-se da confusão do momento ia intimá-lo a entregar o govêrno. Ai, não reagiu êle com a secura de um britânico. Sentindo a inuti-

lidade, de um gesto de violência e não sendo homem de frases para a posteridade, a exclamar um “daqui só sairei prêso ou morto!” preferiu convidar o homem para um chá na residência palaciana”. E conclui, Ciro Vieira da Cunha, “na solução ditada pela serenidade, havia sem dúvida, uma atitude de quem lera o adorável Anatole... Era de chá que aquêlê cidadão precisava... Para forrar o estômago e para compensar o que não tomara em criança. E o govêrno continuou em suas mãos”.

Sem dúvida naquele momento de confusão, acrescentamos nós — o jôgo foi feito, foi bem planejado, mas outra, que não a bola sete, foi a premiada.

Por incrível que pareça daquela vez, o govêrno do velho Sette durou sete dias. E a desordem não se implantou, naquela hora, em nosso Estado.

Mais tarde voltou José Sette ao govêrno do Estado, como governador, por ter renunciado Carlos Lindenberg que disputaria uma cadeira, no Senado da República.

No Palácio Anchieta continuou o mesmo homem simples, amigo de todos; a todos atendendo com afabilidade, mas conservando o decôro do cargo que ocupava, sabendo dizer “não”, mesmo a um amigo desde que êsse “não” beneficiasse o interesse coletivo.

Era êsse o velho José Sette que eu conheci, que todos nós conhecemos, que todos nós bem soubemos querer e cuja memória, com carinho filial, guardam todos os que foram seus amigos, todos os que, com êle, mais de perto privaram.

E, ao deixar o govêrno do Estado, em 31 de janeiro de 1951, para entregá-lo a Jones dos Santos Neves, deixára o velho Sette, em caixa, cêrca de Cr\$ 70.000.000,00.

A sua modéstia, entretanto, impediu que, disso tivesse notícia o Espírito Santo; cumpre-nos divulgar êste fáto para que bem se aquilate quem era José Sette, porque o Espírito Santo chorou, e ainda lamenta o seu desaparecimento.

— x —

Foi José Sette um homem de vida pública intensa; era um espírito culto.

Como jornalista, foi redator-chefe do antigo Diário da Manhã. Os seus artigos primaram pela beleza da forma, pela elevação e elegancia com que tratava dos mais variados assuntos.

Em sua vida pública, neste Estado, que era o seu Estado, porque era a terra de sua espôsa querida e de seus filhos, José Sette foi Procurador Geral do Estado, Secretário de Educação e Cultura, Secretário do Interior e Justiça, Membro do Conselho Consultivo ao tempo da Interventoria João Punaro Bley. Membro do Conselho Penitenciário, Professor do Ginásio Espírito Santense, Professor e Diretor da Faculdade de

Direito, Deputado Estadual, Interventor Federal, Vice Governador e Governador do Estado.

Ledor infatigável, jamais reclamou, jamais mal disse a sorte quando, nos últimos anos de sua vida, moléstia insidiosa, não lhe permitiu este prazer.

Professor de ensino médio ou professor de Direito, as aulas de José Sette sempre primaram pelo entusiasmo e pela clareza com que era exposta a matéria.

Chefe de família de nota, soube José Sette imprimir a educação de seus filhos uma orientação sadia e segura.

Deus lhe deu a felicidade de vê-los, a todos, gozando da estima e da consideração de todos nós, porque continuam êles a irradiar as peregrinas virtudes de seu venerando chefe.

Sua desolada viuva — Da. Sylvia Lindenberg Sette, — e seus filhos Engênio, Thamar, Raquel e Luis Paulo bem podem se sentir orgulhosos do espôso e pai que Deus lhes deu, bem podem dar graças a Deus porque, José Sette, ainda hoje, é proclamado um padrão de lealdade cívica, um padrão de honradêz apontado às gerações do presente e às gerações do porvir.

Estamos em 2 de novembro de 1957. Era um domingo, A cidade ia começar a sua homenagem aos seus mortos queridos. Mal sabia a nossa sentimental Vitória que, dentre êsses mortos queridos, àquela hora da manhã, já estava incluído José Sette.

Noticiaram-lhe os jornais o passamento, fazendo-lhe justiça.

A “A Gazeta” de 5 de Novembro de 1957, ao se referir ao nosso querido companheiro, disse — “sua jovialidade, aquela jovialidade que se espalhava na Praça Oito, sua simplicidade, aquela simplicidade que nascia de seu espirito simples e terno; aquela mania de amar a vida como a vida lhe vinha pela frente fizeram de José Rodrigues Sette uma figura benquista e inesquecível, a figura inesquecível e benquista de um homem que legou aos seus e a quantos o conheciam o título que sempre ambicionou e que defendeu com ternura até o fim de sua vida: o direito de ser pobre sem deixar de ser digno, o direito de ser digno sem nunca deixar de ser pobre”.

E nós, nós do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, nós os do querido Estado do Espírito Santo, só podemos dizer ao valoroso irmão, que é o Leão do Norte: — muito obrigado, Pernambuco, pelo capixaba com que nos presentear-tes.

SUMARIO

Registro das festividades comemorativas do IV centenário da chegada de Frei Pedro Pa- lácios ao Espírito Santo	5
Escuta, Frei Palácios (oração do consócio Dr. Beresford Martins Moreira)	23
Vida de Frei Pedro Palácios (Jaboatão)	33
Extratos do Livro do Tombo do Convento da Penha	45
Comemorações do cinquentenário do Governo Jerônimo Monteiro	53
Jerônimo Monteiro (discurso do Deputado Nel- son Monteiro)	57
Comemorações do sesquicentenário do General Osório	63
Aspectos da vida de Osório (discurso do con- sócio Prof. Nelson Abel de Almeida orador oficial do IHGES)	65
Posse do consócio Heribaldo Balestrero (dis- curso de recepção — Prof. Nelson A. Al- meida)	77
História do Município de Viana (discurso de Heribaldo Balestrero)	83
E eles eram assim... Nelson Abel de Almeida (Elogio dos consócios falecidos)	91
Padre Elias Tommasi	91
Dom Emanuel Gomes de Oliveira	96
Abner Mourão	99
Afonso de Taunay	101
General Cândido Rondon	102
Des. Lopes Ribeiro	103
Dr. José Sette	104